

ELA ESTÁ EM TODO LUGAR

GUTENBERG



CHERIE PRIEST



ELA ESTÁ EM TODO LUGAR

Tradução: RODRIGO SEABRA Ilustrações: KALI CIESEMIER



CHERIE PRIEST

 GUTENBERG

PARA LUKE E CLAUDIA.
PORQUE SIM.







UM

Libby Deaton e May Harper inventaram a Princess X quando estavam no 6º ano. A perna de Libby estava engessada, enquanto May tinha um atestado médico dizendo que não podia mais fazer nenhuma atividade que envolvesse correr, senão sua asma a levaria dessa para melhor.

O professor de Educação Física mandou as duas para o exílio, que ficava no playground das crianças menores – o mesmo lugar onde a professora sempre se sentava para ler aqueles romances açucarados com um homem quase pelado na capa. Um punhado de alunos de 6 anos ficou observando as recém-chegadas por detrás do balanço, com os olhos arregalados e sem dizer nada, prontos para correr a qualquer momento. Pelo que sabiam, os grandões do 6º ano eram capazes de tudo.

Mas Libby e May só ficaram lá, sentadas, à margem do que acontecia, encostadas no muro de tijolos e com as pernas esticadas. Não tinham nada para fazer. Lugar nenhum para ir. Ninguém mais com quem conversar a não ser uma com a outra, e elas nem eram amigas, nem nada. Libby tinha trocado de escola quando seus pais compraram a casa nova, e May tinha acabado de se mudar para Seattle vindo de Atlanta. Mal sabiam os nomes uma da outra.

Ainda assim, sentiam-se solidárias no tédio. Um monte de giz estava jogado no chão da quadra vazia naquele momento. May deu um leve chute num pedaço de giz que algum projeto de Picasso tinha deixado para trás e o esmagou com o calcanhar. O piso ficou vermelho como uma cereja, como se estivesse sangrando. Ela esticou a perna para o lado, onde havia um pedaço azul, e já se preparava para transformá-lo em pó quando Libby se inclinou para a frente, tentando se equilibrar com a perna engessada.

“Espera um pouco”, disse. “Isso aí pode ser legal.”

Juntou todos os pedaços de giz que tinham formato de balas coloridas, e os colocou lado a lado, em sequência, até conseguir formar mais ou menos um arco-íris. Assim que se deu por satisfeita, chamou as crianças que estavam ali em volta.

“Ei, vocês querem me ver desenhar?”

Eles se entreolharam apreensivos.

“Vem, chega aí”, Libby insistiu. “Desenho qualquer coisa que vocês quiserem. Eu sou boa nisso.”

Tomada pela curiosidade, May também se aproximou. Não sabia desenhar porcaria alguma, mas gostava de assistir outras pessoas habilidosas.

Devagar, os mais novos foram saindo de seus esconderijos. Uma menininha mais corajosa exclamou: “Faz um cachorro!”

Libby obedeceu e traçou um cachorro verde com coleira amarela e olhões azuis. A menina ajeitou os óculos e se aproximou na ponta dos pés, apertando os olhos para enxergar melhor o desenho. Assentiu com a cabeça e se virou para os coleguinhas: “O cachorro ficou legal!”, declarou.

Não mais do que cinco segundos depois, uma multidão de crianças muito exigentes se formou em volta de Libby e May, cada uma fazendo um pedido diferente.

“Faz um gato!”

“Um barco!”

“Um cavalo!”

“Faz uma casa assombrada!”, sugeriu um garotinho de cabelo encaracolado e cadarços desamarrados.

Libby sorriu. “Uma casa assombrada... Gostei! May, pega um pouco desse roxo aí pra mim, por favor?”

May hesitou, não porque fizesse qualquer objeção ao roxo, mas porque estava mesmo um pouco surpresa. Era a primeira vez que alguém que não fosse uma professora dizia seu nome na escola. Por fim, respondeu:

“Certo!”. Muito embora achasse difícil disfarçar seu sotaque do interior, em especial quando dizia “certo”.

Entregou o giz e ficou olhando enquanto Libby passava os minutos seguintes desenhando algo que parecia ter saído direto de um filme de terror – a não ser pelo fato de ser muito bonitinho e nada assustador. O formato da casa era todo cartunesco e, por detrás dos vidros quebrados das janelas, todos os fantasmas sorriam.

Um menino com uma camiseta de time de beisebol se pôs bem ao lado do desenho e o avaliou com um olhar mais crítico:

“Agora você tem que desenhar a princesa que mora aí”.

“Uma princesa que mora em uma casa assombrada...? Entendi.” Libby apanhou os tocos de giz amarelo, rosa e vermelho. Não demorou nada para uma figura tomar forma: uma menina de cabelos azuis, com um vestido de mangas bufantes de princesa, uma grande coroa dourada na cabeça e tênis All Star

vermelhos.

May ficou maravilhada. Nunca tinha visto alguém desenhar algo tão bem feito, pelo menos desde aquela vez no parque de diversões, quando um rapaz numa barraquinha fez um retrato dela por dez pratas. Assim que Libby terminou, o garotinho da camiseta de beisebol disse que a princesa estava “demais”, e todo mundo concordou. Especialmente May. Em seguida o menino acrescentou: “Mas espera aí, você não terminou ainda. Esqueceu a varinha dela. Faz pra ela uma varinha de condão.”

May só balançou a cabeça. “Nah, Libby...”, disse, deixando de lado a preocupação com o sotaque. “Não faz nenhuma varinha pra ela, não. Qualquer um fica poderoso com mágica. Você deveria dar pra ela alguma coisa mais legal.”

“Uma coisa legal... Tudo bem. Mas tipo o quê?”

“Aah!”, May exclamou. “Faz uma espada!”

“Uma espada! Isso!”, Libby respondeu. Pegou de volta o giz roxo e esfregou no chão de cimento. “Uma espada exige que ela tenha habilidade.” Assim que terminou, pôs o giz de lado e limpou as mãos na calça. “E então, como ficou?”

“Essa espada ficou meio esquisita...”, May disse. Ambas já tinham até esquecido as crianças em volta.

“É uma katana, do tipo que os ninjas usam. São as melhores espadas de todas.”

“Ah, tá, entendi”, May respondeu, fingindo que sabia tudo sobre ninjas. “Dá mesmo pra fazer um estrago danado com uma dessas.”

“Agora a gente só precisa dar um nome pra ela”, Libby disse, voltando os olhos para cima. “Tem alguma ideia, May?”

May pensou a respeito. Precisava de uma boa resposta. Talvez estivesse fazendo uma nova amiga bem ali naquele momento, então não queria estragar tudo.

“Se ela tem uma espada, então provavelmente tem uma missão”, respondeu. “Talvez seja uma espiã ou um soldado ou... como você mesma disse, talvez uma ninja. Aí ela teria um codinome.” Não podia ser nada muito complicado. Tinha que ser fácil de lembrar. “A gente podia chamar ela de... Princess X.”

“Mas por que X?”, Libby perguntou.

“Porque X é a letra mais misteriosa”, May explicou. “E coisas com X geralmente são muito bacanas.” Ela torcia para estar certa e para que fosse mesmo tão bacana quanto estava achando.

Libby considerou a ideia por um minuto e depois concordou. “Muito bem,

pra mim está ótimo.”

May deu um suspiro aliviada e sorriu. “Legal que você gostou.”

“Gostei de verdade”, Libby respondeu, dando os retoques finais: os brilhinhos na coroa, o logotipo no All Star. “Vai ficar muito bem assim. Aqui está ela: com vocês, a Princess X!”





ESTA É A MINHA CASA.
ELA É ASSOMBRADA, MAS
EU ADORO ELA ASSIM MESMO.



TODOS OS FANTASMAS
SÃO MUITO LEGAIS.



SOMOS TODOS
BONS AMIGOS.



EU GOVERNO SOZINHA UM REINO
CHAMADO SILVERDALE



Libby e May não largaram a Princess X ali naquela calçada: levaram para casa e, juntas, construíram para ela um império imaginário. A casa assombrada da princesa ficava no alto de um morro, rodeada por uma cerca de metal impenetrável, tão espessa quanto as paredes de um labirinto. Era dali que ela partiria para enfrentar monstros, fantasmas e outros invasores desagradáveis toda vez que os encontrasse.

May escrevia um bocado, Libby desenhava outro bocado, e aí, lá pelo último ano do ensino fundamental, tinham criado uma biblioteca inteira dedicada à Princess X. As histórias lotavam cadernos grandes e grossos, e também blocos de desenho, caixas de sapatos e engradados, e até sacolas de compras que elas podiam reutilizar. Iam arquivando essa vasta coleção na casa de Libby. O pai dela era engenheiro da Microsoft, e eles moravam perto do Millionaire's Row, o bairro de classe alta da cidade, então Libby tinha um quarto grande, com um armário que cabia todo esse material.

May vivia com os pais em um apartamento pequeno num prédio velho da época em que um quarto de dormir só tinha espaço mesmo para uma cama. Era sempre a mais baixinha da turma e tinha sempre as roupas mais simples. Seu cabelo era castanho, liso, e ela odiava usar os óculos de lente fundo-de-garrafa. Quando a provocavam por causa deles, dizia que eram tão fortes que ela conseguia ver o futuro, e aquele tal “poder” persistiu mesmo quando conseguiu trocar os óculos por lentes de contato.

Já Libby parecia uma modelo da Forever 21 mesmo quando tinha apenas 12 anos. Usava brincos grandes e jeans de grife, e era tão naturalmente *cool*, mas tão *cool*, que dizia para todo mundo que sua avó era ninja e todo mundo acreditava. Acontece que a mãe de Libby tinha vindo mesmo do Japão e dizia que já não existiam mais ninjas por lá. Também dizia que a verdadeira razão para a avó de Libby nunca visitar a família era o pai de Libby, porque ele não era japonês. Ele tinha nascido em algum outro lugar, seja lá onde gente branca nasce, e não tinha nada que Libby pudesse fazer a respeito.

Então ela desenhava um montão de histórias com ninjas porque, pelo menos com relação a eles, podia, sim, fazer alguma coisa. Provavelmente. Se ela algum dia encontrasse um.

Nem May nem Libby fizeram muitos outros amigos, especialmente porque elas *não precisavam* de outros amigos. Jogavam videogame juntas, liam muitos quadrinhos, assistiam TV e comiam toneladas de porcaria. Subiram na estátua do *troll* em Fremont e tiraram selfies embaixo das luzes de neon que formavam dançarinos de salão, foguetes espaciais e moças usando traje de banho e

touquinhas à moda antiga.

Uma fazia o dever de casa da outra, e ambas ficavam acordadas até muito tarde com lanternas embaixo dos cobertores, baixando revistas proibidas para menores no e-reader de Libby e dando risada – até o dia em que finalmente foram pegas. As duas também torraram toda a mesada em luvas, revistas e chocolate quente na lanchonete favorita delas, a Black Tazza, e fingiram que era café para se sentirem mais adultas. Mas, mesmo ocupadas com todas aquelas coisas da vida real, ainda encontravam tempo para se dedicarem à Princess X, carregando seus fichários pesados para a cafeteria, e espalhando as anotações pela mesa e fazendo perfis detalhados de personagens para todos os mocinhos, vilões e as muitas outras figuras que povoavam a terra de Silverdale. A princesa, assim, se tornou o alter ego, o avatar delas e uma nova amiga.

Um dia, na calçada em frente ao shopping Pacific Place, Libby se assustou com os berros de um sujeito branquela de olhos esbugalhados que carregava um cartaz no qual listava todas as razões pelas quais os Estados Unidos iriam arder no inferno. O cartaz focava no fato de, atualmente, todo mundo estar se casando com todo mundo, de modo que o país então não teria mais gente preta, branca, amarela ou vermelha: todo mundo seria cinza.

May logo qualificou o cartaz de “estúpido” e ainda disse: “Seja como for, cinza é uma cor muito boa, especialmente em Seattle. Aqui, cinza é praticamente a cor mais patriótica”.

“Com certeza! Cinza é ótimo”, Libby disse, esboçando um sorriso. “Por exemplo, olha só pra mim, toda misturada; eu mesma faço o cinza ser legal.”

Semanas depois, as duas tiveram que fazer um exame pré-vestibulinho. Cada aluno tinha que informar sua cor/raça no cabeçalho da prova. Libby não teve dúvidas e escreveu “cinza” no espaço ao lado da opção “outra”.

O professor deu a ela outra folha e a obrigou a responder direito aquela parte. Disse que, quando Libby crescesse, poderia rotular a si mesma como bem quisesse; mas ali, naquele teste, teria de escolher uma das opções nas bolinhas de múltipla escolha e preencher mesmo que não a considerasse a mais correta.

Mas claro que Libby não chegou a crescer. Em vez disso, ela morreu na Baía do Salmão.

Supostamente.

A Sra. Deaton dormiu no volante enquanto levava Libby para casa depois da aula de Educação Física. Caiu da ponte Ballard. A equipe de busca e resgate levou dois dias para encontrar o carro. Quando acharam, o corpo da Sra. Deaton

ainda estava preso ao assento do motorista, mas Libby não foi encontrada. Sua mochila estava caída no chão do carro, do lado do passageiro, e a janela do seu lado estava quebrada.

Por anos, May sonhou que Libby teria escapado; que, de alguma forma, teria chutado o vidro do carro que afundava e se libertado, e se arrastado com unhas e dentes para a superfície, em meio à água escura como o breu da noite, com as luzes da cidade cintilando sobre ela como estrelas. Guiando-a para o alto. Guiando-a para fora dali. Ela surgiria, então, da água da baía, com os cabelos ensopados se esparramando pelos ombros como se fossem os de uma sereia, enquanto nadava de volta à segurança de casa.

Era quando May acordava de súbito, tremendo e chorando, porque nada daquilo tinha acontecido.

O que tinha de fato acontecido era que o corpo de Libby foi encontrado umas duas semanas depois, batendo suavemente contra um veleiro em uma doca próxima. Estava semidestruído pelas muitas mordidas de criaturas marinhas e inchado por causa da água, irreconhecível para qualquer pessoa. Ela foi identificada apenas por suas roupas e pela carteirinha de estudante encharcada no bolso de trás.

Se pelo menos a deixassem ver o corpo de Libby, May talvez não tivesse tido aqueles sonhos ruins, ela pensou. Nunca teria ido buscar de volta os velhos óculos para usar na cama, à noite, para o caso de conseguir ver alguma coisa melhor do que o futuro – talvez pudesse ver também o passado. Se tivesse tido a chance de pelo menos dar uma olhadinha no que tinha restado de sua melhor amiga, talvez sua imaginação não tivesse mentido com aquele sonho estúpido de Libby escapando, tantas e tantas vezes, ano após ano.

Às vezes, May conseguia passar meses sem se lembrar dele, e quase esquecia... E então o sonho se esgueirava de volta sem que percebesse, e ela se sentava atônita e tremendo, tão perfeitamente confiante de que tinha, de fato, visto Libby viva e nadando para a liberdade. Nadando de volta para May. Estendia a mão para ela e quase conseguia agarrá-la.

E então Libby afundava de volta na baía, porque May já não usava mais seus óculos, e aquele papo de que eles eram mágicos era mesmo só uma história que nunca tinha sido verdade, para começo de conversa.

* * *

Houve um funeral; caixão fechado, obviamente. May até tentou dar uma

empurradinha na tampa quando ninguém estava olhando, mas eles tinham pregado de verdade aquele troço. Talvez todo mundo a conhecesse melhor do que ela pensava.

Enterraram o corpo de Libby ao lado do da mãe em um bairro bem distante, de forma que May não tinha como visitá-la com frequência. Da última vez que pôde ir, já sabia que provavelmente não voltaria tão cedo. Talvez nunca mais. Enquanto seus pais discutiam baixinho um pouco mais distante dela, por detrás de lápides e árvores, May sussurrou algo para Libby tão alto quanto sua coragem permitiu:

“Acho que meus pais vão se divorciar”, ela disse.

Era estranho dizer aquilo em voz alta, porque seus próprios pais não tinham falado nada em voz alta ainda. Mas não importava. Ela conseguia ver o que a esperava em breve assim mesmo. Sentou-se de pernas cruzadas ao lado do jazigo, cuja terra ainda estava revolvida e fresca, só com um montinho mirrado de grama nova por cima. May começou a arrancar as jovens folhas verdes uma a uma, puxando e fazendo uma pilha ao seu lado.

“Se eles se divorciarem mesmo... ou quando acontecer, pelo que eu estou vendo... eu provavelmente vou ter que voltar para Atlanta com minha mãe.” Ela mal murmurou as palavras porque sabia que acabaria chorando se as pronunciasse mais alto. “Vou ter que ir para uma escola nova e isso vai me tirar do sério. Não sei o que vou fazer se tiver que dividir meu escaninho com mais alguém.” Engoliu com dificuldade. “Nosso armário, seu e meu, está do jeitinho que você deixou. Seu pai nunca pediu pra eu devolver nenhuma das suas coisas. Então, deixei tudo lá. Espero que não tenha problema.”

O livro de Biologia de Libby com todas as anotações dentro. Suas roupas de Educação Física em uma sacola de algodão, meio estufada por causa dos tênis enfiados de qualquer jeito. A garrafinha d’água. O iPod.

“Quando acabarem as aulas, vou levar tudo comigo pra casa. Mas não estou tentando roubar suas coisas.” Deixou escapar uma risadinha insegura que ameaçava virar uma lamentação. “Só não vou deixar ninguém jogar nada fora, é só isso. Queria poder deixar tudo lá do mesmo jeito e, tipo, colocar uma plaquinha com seu nome como um memorial ou coisa assim...”

As vozes de seus pais ficaram mais altas, mas não parecia que eles estavam mais discutindo. Era só uma conversa, e eles voltaram para perto de May. Por um lado, isso a incomodou. Por outro, pelo menos ela não teria que contar a Libby que teriam que deixar a Princess X para trás.

Ela não tinha certeza se conseguiria falar aquela segunda parte, mesmo para

um espírito. Já era bem difícil apenas pensar no que teria que fazer.

A coisa aconteceu assim: uma semana depois do enterro, a mãe de May a levou à casa dos Deatons uma última vez. Só que o Sr. Deaton não estava em casa. Só a empregada Anna estava lá, e ela estava passando um pano em aparadores sem nada em cima e varrendo sucrilhos pré-históricos perdidos embaixo da geladeira.

O lugar estava vazio. Nenhuma mobília. Nem mesmo cortinas.

May passou correndo por Anna rumo ao antigo quarto de Libby e abriu de uma vez as portas do armário onde elas mantinham os arquivos da Princess X.

“Querida, sinto muito”, disse a empregada gentilmente, logo que conseguiu chegar ao quarto. “Sinto muito mesmo”, repetiu, “mas tudo o que estava aqui já se foi”.

O Sr. Deaton tinha pedido demissão, feito as malas e sumido para Michigan, onde passara a infância. Tinha contratado uma empresa para esvaziar a casa em sua ausência e doado tudo para brechós e instituições de caridade. Então deixou as chaves com Anna com instruções para que limpasse tudo à espera dos corretores de imóveis que viriam. Ele mesmo não voltaria ali.

E nem a Princess X.

Desesperada, May exigiu que a mãe corresse com ela para todas as lojinhas e brechós do condado de King, de um jeito tão estridente e enlouquecido que a mãe não pôde fazer outra coisa a não ser obedecer. Se não o fizesse, então o pai faria, porque aí seus pais nem precisariam passar nenhum tempo juntos. Preferiam ter que cuidar da filha durante um chique a encarar um ao outro durante o jantar.

May nunca mais encontrou as caixas cheias das coisas da Princess X, as aventuras, os quadrinhos e os recortes de revistas de coisas que a princesa usaria, ou os lugares aonde ela poderia ir. Seus pais também não conseguiram chegar a um consenso; só deram o esperado passo seguinte e acabaram se separando mesmo poucos meses depois. O pai ficou em Seattle e a mãe a levou de volta para morar em Atlanta durante a maior parte do ano, com os verões e algumas outras férias alternadas de volta ao noroeste americano. O sotaque sulista voltou, e May era quase o tempo todo fria e solitária.

Libby tinha morrido. A Princess X tinha desaparecido.

May continuava perdendo a sua melhor amiga. De novo, e de novo e de novo.



DOIS

Três anos se passaram.

E então ela notou o adesivo.

May o viu na Broadway, no canto da vitrine de uma loja que seria demolida dali alguns dias. A loja já estava totalmente vazia, quase limpa e sem nada além de poeira e aranhas. Tudo por ali estava tendo o mesmo fim porque a cidade estava arrumando lugar para construir a estação de metrô de Capitol Hill.

Todos os anos, sempre que May retornava durante o verão, as coisas iam ficando cada vez mais diferentes, bem daquele jeito mesmo. Às vezes a diferença era pequena, como uma pequena boutique ou cafeteria que haviam sido demolidas, tipo quando a Black Tazza fechou na primavera anterior. Às vezes, era uma diferença bem grande, do tamanho de um quarteirão inteiro ou um bairro, como no caso de todos aqueles prédios que sumiriam dali a uma semana.

Em agosto, ela faria 17 anos, ou seja, as coisas ficariam realmente diferentes. Ou assim ela supôs. Era o que todo mundo dizia o tempo inteiro.

Mas foi no primeiro dia de junho que ela viu o adesivo no canto direito inferior da vitrine da lojinha prestes a ser demolida.

Ela estava voltando das redondezas da universidade, onde vinha passando o tempo no parque, na companhia de um caderno, tramando um romance sobre o qual não tinha contado a ninguém, e esperando que seu pai sentisse sua falta. Ele trabalhava muito, e às vezes fazia as coisas do serviço em casa mesmo, sem ir ao escritório no centro. Mas, mesmo quando ficava em casa, ainda levava algumas horas para olhar em volta e descobrir que a filha não estava por lá. Eles se davam bem e tudo, mas isso porque, na verdade, não passavam muito tempo juntos. May pensava que isso acontecia porque ela o lembrava da mãe, então não levava para o lado pessoal.

Fosse como fosse, ela tinha a chave do apartamento, então ia e vinha quando estava a fim, saindo para os brechós, as lojinhas de chá e cafeterias, onde ainda pedia chocolate quente em vez de café. As lembranças de Libby ainda doíam às vezes, mas mesmo assim ela se mantinha ligada a elas. Era tudo o que podia fazer. A cidade inteira parecia assombrada por Libby.

O caso é que aquele adesivo no último prédio da rua Olive nem deveria ter

chamado sua atenção. Era apenas um pedaço barato de plástico. A beirada já começava a se soltar do vidro. As cores estavam desbotadas. Ele era redondo com uma borda preta.

Mas, dentro daquela borda preta, havia os contornos de uma menina com um reluzente cabelo azul. Ela usava um vestido rosa com mangas bufantes, uma grande coroa de ouro e All Stars vermelhos. Na mão esquerda, trazia uma espada roxa no formato de uma katana.

Tudo o que May conseguiu fazer naquele momento foi ficar parada ali, de pé, encarando o adesivo de forma tão obsessiva que não conseguiu ver mais nada acontecendo em volta. Um nó se formou em sua garganta e por mais que ela tentasse engoli-lo, ele ficou preso. Tentou tossir, e isso até funcionou um pouquinho melhor, a não ser pelo fato de que ela agora estava chorando daquele jeito contido e mudo, quando não sai nada.

Não fazia sentido. Não era possível.

Estendeu a mão e tocou o adesivo assim mesmo, mal acreditando que ele era real. Não podia ser. Ou podia? Enfiou a unha por baixo da parte que descascava e tentou puxá-lo sem rasgar, mas ele se rasgou mesmo assim e a deixou segurando só a metade de baixo. Era a barra do vestido rosa. Eram os tênis vermelhos. Era a mão segurando a espada. Sim, definitivamente, aquela era a Princess X.

O resto do adesivo se recusava a ser arrancado, então ela puxou o celular e tratou de tirar uma foto.

Ficou olhando para aquele pedaço bobo de adesivo como se ele estivesse prestes a criar vida e dizer para ela que nada daquilo era verdade. Nem a ponte, nem o carro, nem a água e nem o caixão fechado de Libby e a sua casa vazia, com um quarto vazio e um armário vazio onde as caixas cheias de Princess X ficavam.

Talvez nada daquilo fosse verdade, mesmo. Ou talvez só a parte mais importante.

Talvez Libby estivesse viva.

O celular começou a vibrar. Era seu pai. Ela não atendeu a chamada, com uma sensação de que, se tentasse, sua voz sairia como num velório, e aí ele iria querer saber o porquê. Em vez disso, guardou o celular e começou a andar devagar para casa, com a cabeça fervendo em uma mistura de confusão e excitação. O que significava aquele adesivo? Será que alguém tinha achado os velhos cadernos e os desenterrado de algum porão obscuro de um velho brechó? Teria alguém da escola decidido levar a coisa adiante? Ou será que era só

alguma coincidência bizarra e improvável?

Não. Ela não acreditava nessa última suposição nem por um segundo. Não sabia o que significava aquele adesivo, mas com certeza significava alguma coisa.

“Ah, aí está você”, disse o pai quando a viu na porta do apartamento.

“Aqui estou eu”, ela confessou.

“Eu te liguei.”

“Me desculpa”, ela disse, mas sem se explicar. “Quer almoçar?”

Os ombros dele deixaram de lado a tensão e ele relaxou, retomando sua tranquilidade habitual. “Um almoço agora cairia bem. Tem alguma ideia?”

“Comida mexicana”, ela disse com muita segurança. Se ela não conseguisse segurar as lágrimas durante o almoço mexicano, sempre poderia culpar as pimentas jalapeño.

Dobraram a esquina, chegaram a uma pequena lanchonete de bairro onde todos já os conheciam pelo nome, e foram se sentar em seus lugares preferidos. Pediram o de sempre e fizeram aquele joguinho de conversa fiada até a comida chegar.

Quando chegou, ele foi mais insistente.

“Não, não tem nada de errado, de verdade”, May tentou tranquilizá-lo com a boca cheia de feijão e guacamole, mas não levantou os olhos para ele quando falou.

“Mas eu nem perguntei o que estava errado. Perguntei ‘E aí, como você está?’. Porque você está tão... aérea. E já usou todos os guardanapos pra assoar o nariz.”

Ela pensou em mentir. Ele iria gostar se ela mentisse, se aparecesse com alguma coisa meio insignificante e bobinha que não causaria nenhum inconveniente. Mas May mentia muito mal e pensou que não importaria muito, de qualquer forma, se ela dissesse a verdade. Se aquilo o deixasse desconfortável, então, tudo bem. Também deixava ela mesma desconfortável.

“Certo. Se você quer mesmo saber...”, ela começou a falar devagar, “é uma coisa com a Libby”.

Ele ficou quieto por um segundo. “O que tem a Libby?”

May riu sem saber por quê. Aquilo a machucava de certa forma. “Bom, você se lembra daquela coisa que eu e ela fazíamos? A Princess X?”

“É difícil de esquecer. Afinal, você fez sua mãe e eu dirigirmos pela cidade toda tentando achar aquelas caixas.”

“Claro que eu pedi que fizessem isso. Era muito importante. Eu queria tudo

de volta.”

Fez-se um silêncio incômodo por um tempo até que ele sussurrou um “sinto muito” e olhou para seu prato.

“Não é culpa sua que a gente não tenha conseguido encontrar”, May acrescentou rapidamente.

“É, não foi culpa de ninguém, eu acho. Mas, sabe, durante um tempo, depois que você e sua mãe se mudaram, vez ou outra, sempre que eu passava por uma dessas lojinhas de coisas de segunda mão, eu entrava lá pra dar uma olhada. Só para o caso de alguma daquelas coisas ter aparecido.”

“Você... fez isso mesmo?”, ela perguntou, surpresa e comovida, mas sem saber como expressar isso, então não disse mais nada.

Ele sorriu. “É, você me fez criar o hábito.” Ele deu outra boa mordida em seu burrito.

“Mas você nunca achou, né? Ou então teria me falado alguma coisa.” Era mais uma afirmação do que uma pergunta. “Então, não seria muito, muito estranho, se a Princess X aparecesse agora em algum lugar?”

Ele parou de mastigar. Engoliu. Pegou o último guardanapo da mesa e limpou a boca sem nem tirar os olhos de May. “Aparecesse... onde?”

“Em uma vitrine lá da Broadway. Tinha um adesivo lá.”

“Então eu acho que você tirou uma foto desse adesivo, não foi? Mostra pra mim”, ele gesticulou com o garfo.

Ela puxou o celular de dentro da bolsa. As mãos tremiam enquanto ela acessava a imagem. “Aqui”, disse, entregando o celular a ele.

O pai apertou os olhos tentando ver a tela. “Eu diria que isso é somente meio adesivo.”

“Pois é. Tentei puxar o adesivo todo primeiro, mas ele rasgou. A outra metade está aqui.”

Mesmo com todo o seu esforço, a outra metade tinha se contorcido toda em um tubinho parecendo um cigarro inacreditavelmente grudado. Ela se esforçou para desenrolá-lo e correu a palma da mão por cima, tentando deixá-lo retinho. Claro que ele colou na toalha de plástico da mesa, mas tentou se enrolar de novo no momento em que a mão dela saiu do caminho.

O pai segurou o celular ao lado do adesivo e tentou criar uma imagem mental das duas metades como uma coisa só. Inclinou a cabeça para a esquerda, depois para a direita. “É estranho mesmo.”

“Estranho? É impossível.”

“Impossível, eu não diria. Porque nós não achamos as caixas, mas outra

pessoa pode ter achado. Talvez algum menino por aí encontrou em algum lugar e achou tudo muito legal.”

May deslizou no assento mais para debaixo da mesa enquanto o resto de sua enchillada esfriava. “Duvido...”

“Não, você não duvida”, ele respondeu. “Só não quer acreditar, mas aí são duas coisas diferentes.”

Os olhos dela marejaram de novo. Ela lutou contra as lágrimas, tentando assumir controle das emoções em seu rosto, e quase ganhou a briga. “Ah, é?”

Ele deu um suspiro. “Eu sei que você quer acreditar que a Libby ainda está por aí em algum lugar, desenhando a Princess X. Mas seja lá o que signifique esse adesivo, não é esse o caso. E eu sinto muito por isso, de verdade.”

Ela queria ficar com raiva dele por dizer aquilo, mas a verdade é que podia ser bem pior. Como se ela tentasse, por exemplo, explicar para a mãe, e aí seria mesmo um desastre. A mãe teria dado risada e dito que ela estava totalmente enganada com relação ao adesivo. E aí voltaria a jogar palavras cruzadas na internet, e com isso, May ficaria morta de raiva e começaria uma choradeira horrível, e elas iam brigar, e May teria ódio dela por mentir sobre uma coisa tão óbvia e nem dar a mínima.

Pelo menos seu pai não tinha chamado ela de idiota. Ele nem sempre a entendia, mas nunca fazia pouco caso dela logo de cara. Levava tudo na seriedade, e isso às vezes era ótimo. Mas, naquele momento, tudo o que May queria era o faz-de-conta, e, se era aquilo que ela queria, então ele não era a pessoa mais apropriada com quem conversar.

Então, pararam de falar sobre aquilo. Assim que chegaram em casa, assistiram a uma maratona de *Venture Bros.* no Netflix, até que o pai anunciou que era hora de dormir e desligou a TV. Era o jeito preferido dele de mudar de assunto: com o controle remoto.



TRÊS

Nos dias seguintes, May viu de novo a Princess X, em todo lugar.

Aquela na vitrine tinha sido a primeira. Teve uma colada em uma placa de parada obrigatória. Uma na caixa de correio na rua. Uma que quase desintegrou na calçada; com certeza tinha estado ali por um bom tempo. Teve uma na lateral de um ônibus urbano. E aí, ela teve que começar a contabilizar os grafites também, porque alguém tinha feito um estêncil da princesa e espalhado por todo o centro. May viu o desenho perto do escoadouro da rede pluvial. Também no mercado de Pike Place, ao lado da estátua do porco de latão que fica em frente aos “lançadores de peixe”, aqueles sujeitos que sempre figuram nos cartões postais do mercado. E também ao lado da primeira Starbucks do mundo, que sempre foi mais iluminada e lotada de turistas do que qualquer outra Starbucks de qualquer outro lugar.

A busca pela Princess X se tornou uma caça ao tesouro. Cada vez que May encontrava uma imagem, tirava uma foto e perguntava a alguém por perto: funcionários de lojas, vendedores em barraquinhas, qualquer um que ficasse por ali no dia a dia, se eles sabiam o que era aquilo ou se tinham visto quem tinha colocado a imagem ali.

A resposta era sempre negativa.

May trilhava as ruas munida de óculos escuros e fones de ouvido, mesmo que não houvesse sol nem música tocando em seu iPod, para que assim ninguém puxasse conversa, e ela pudesse continuar sua caçada pela Princess X em paz. Andava pela cidade como uma espiã, observando e ouvindo sem ser observada ou ouvida. Ela nunca tinha tido problemas em ser invisível, especialmente quando ela e Libby estavam juntas. Todo mundo sempre olhava para Libby.

Ficou de olhos abertos para identificar artistas de rua ou mesmo qualquer moleque que aparentasse ser do tipo que sai colando adesivos em lugares públicos. Ficava olhando os skatistas e as meninas de cosplay, os estudantes parados nos pontos de ônibus e as crianças do ensino fundamental com suas lancheiras.

E, mesmo sem essa intenção, ela meio que procurava por Libby. Parte dela se perguntava se não haveria mais evidências da Princess X escondidas em lugares

nos quais as duas passavam muito tempo juntas, e isso dava a ela uma desculpa para visitar os velhos pontos de encontro. Não é que May esperasse perseguir os adesivos direto até o fantasma de Libby nem nada assim. Mas é que, antes, ela tinha começado a evitar os lugares favoritos das duas, só isso. Ela nem mesmo percebeu que vinha fazendo isso até então, mas era verdade: ela sempre tinha dado um jeito de ficar longe daqueles lugares preferidos, e até tomava caminhos mais longos para não passar por eles.

Não mais.

A livraria preferida das duas tinha fechado e se tornado uma loja de discos... que também tinha fechado, mas cuja fachada continuava lá. May se lembrou da estante de quadrinhos que ficava nos fundos, onde Libby folheava as revistas sem parar, à procura de algum desenho que fosse bacana o suficiente para ser copiado.

“A imitação é a forma mais sincera de elogio”, May sempre dizia a ela.

E ainda podia ouvir a voz de Libby retrucando, em alto e bom tom, três anos antes: “É também um ótimo jeito de praticar”.

May já sabia que a Black Tazza também não estava mais funcionando, então nem fazia sentido ir lá visitar. Foi até a velha farmácia, onde, em tempos distantes, ela e Libby iam comprar gloss labial e esmalte enquanto esperavam o ônibus. Sempre havia tempo de testar mais um tom de batom nas costas da mão, para ver se a cor ficava boa na pele. Sempre havia um espacinho para mais uma esfregada de rosa perolado, vermelho-maçã-do-amor ou blush cor de canela.

Ela já não via mais nenhuma daquelas cores ali, mas viu duas outras meninas dando risadinhas, passando gloss nas mãos e discutindo qual ficava melhor. Em vez de ficar comovida, May apenas seguiu em frente com um sorriso.

Alguém tinha colado outro adesivo da Princess X na parte de trás da placa do ponto de ônibus. Aquilo também a fez sorrir.

* * *

Por fim, dois dias inteiros depois de ver aquele primeiro adesivo na Broadway, ela finalmente deu um tempo.

Estava sentada no parque à beira de um lago, perto da estátua de uma enorme garça azul que, hipoteticamente, servia para espantar as garças de verdade para que elas não tentassem comer as carpas do lago. Abriu seu caderno e folheou até as anotações mais recentes do romance que estava escrevendo, mas não conseguiu se concentrar o suficiente para fazer qualquer coisa, a não ser uns

desenhinhos nas margens. Estava com a cabeça cheia demais e, na verdade, tudo o que ela queria fazer era se sentar um pouco e escrever histórias da Princess X.

Levou um tempo até que ela aprendesse a escrever sozinha, sem alguém para ir esboçando as imagens que ela descrevia. Era bem mais difícil escrever as histórias sem a amiga, contando apenas com as palavras, porque May nunca soube desenhar coisa nenhuma. Mas, assim que conseguiu aprender alguns macetes, escrever tinha ficado mais fácil. Ter ideias sempre tinha sido seu forte. Agora era só questão de colocá-las no papel.

Olhou bem para a torre da caixa d'água que estava atrás dela e tentou enxergar ali alguma coisa além de uma das torretas da casa assombrada da Princess X. Talvez fosse parte de um castelo, ou de uma prisão onde os piores dos piores estariam confinados para a vida toda.

Foi então que um garoto com um skate veio voando na direção dela, tão rápido que ela teve de encolher o pé para que o garoto não passasse por cima dele. Com o barulho das rodinhas gastas, ele a deixou para trás e continuou morro acima, onde uma enorme escultura redonda, chamada Sol Negro, fazia as vezes de moldura para a famosa Space Needle, a grande torre de Seattle, quando o dia estava claro.

Ela olhou feio para ele. Então, já à distância, viu na mochila do rapaz um logotipo familiar. Ia de um lado para outro, para cima e para baixo, à medida que ele manobrava com o skate, e sumiu quando ele pôs a mochila de lado. O garoto se escorou na beirada da plataforma que sustentava a escultura, puxou um maço de cigarros e acendeu um.

Antes mesmo de se dar conta do que estava fazendo, May apanhou sua bolsa – uma bolsa surrada com um polvo estampado – e correu em direção ao skatista, mas tinha ficado tão boa em ser invisível que ele nem a viu até que ela estivesse de pé bem na frente dele, tampando a vista do lago.

Ele a olhou de cima a baixo, sem qualquer ar de ameaça e nem mesmo de julgamento. May pensou que talvez ele estivesse tentando fazê-la chegar para o lado usando o poder da mente.

Mas ela não se moveu. Apenas disse: “Ei”.

“E aí?”, ele respondeu de pronto, sem piscar. Era mais ou menos da mesma idade dela, com um ano ou dois de diferença, para mais ou para menos. Os cotovelos esfolados e calça jeans cheia de furos na altura dos joelhos.

“Posso te perguntar uma coisa?”

“Manda ver.”

Apontou para a mochila dele com a ponta do pé. “Esse adesivo...”, disse,

mas ele então virou a mochila mais para frente e ela pôde ver que estava levemente enganada. “Quero dizer, essa estampa costurada. Onde você conseguiu?”

Ele deu uma batidinha com o dedo. “Isso aqui? Minha namorada que me deu.”

“Beleza. Mas onde foi que ela conseguiu, então?”

Ele deu de ombros. “Acho que foi no site. Dá pra comprar adesivos, estampas, todo tipo de coisa. Por quê? Você é fã?”

Ela engoliu em seco. “Do... site?”

“Certo, então acho que não. Tem uma caneta aí?”

Ela encontrou uma na bolsa e deu a ele. Ele pegou a mão dela e virou com a palma para cima. Rabiscou:

www.EuSouAPrincessX.com

Ela leu o endereço repetidas vezes, quase se engasgando ao fazê-lo.

“Obrigada”, conseguiu dizer ao se afastar e começar a descer o morro de volta.

Aquilo não era só produto da sua imaginação maluca, não era uma coincidência acidental com um desenho bonitinho de outra pessoa, e nem um caso grave de nostalgia fazendo-a ver o que ela, lá no fundo, queria ver. Era mesmo a Princess X. A Princess X dela. A Princess X de Libby. Estava lá, na internet, e isso queria dizer que era bem real.

May chacoalhou o celular como se quisesse intimidar a bateria para que ela durasse mais tempo, e é claro que isso não era possível. Mas ela só estava a alguns quarteirões do apartamento de seu pai, então disparou a correr. Chegou em casa rápido, camiseta e suéter encharcados – uma imagem nada agradável – entrou de vez, bateu a porta e foi para o quarto. Pegou o notebook sem demora e o arrastou para a sala, onde a conexão wi-fi era mais forte, e esperou o que pareciam anos até a máquina iniciar.

“Paaai...?”, chamou. Só então ocorreu a ela que ele poderia estar em casa. Mas não veio resposta, o que queria dizer que ele não estava trabalhando ali aquele dia. Ótimo. Ela queria privacidade.

Abriu o navegador e logo escreveu o endereço que, claro, sabia de cor. Arrancou o suéter molhado e jogou-o no chão, então pegou um cobertor que estava sobre o sofá e o enrolou nos ombros como se fosse um xale.

EuSouAPrincessX.com

Lá estava.

May respirou bem fundo e deixou o ar sair de novo, lentamente.

O site era, na maior parte, construído em preto e cinza, com detalhes em vermelho e rosa, o que era um visual surpreendentemente sombrio para uma história sobre uma princesa de cabelo azul e vestido bufante. May arrastou o cursor, que não era mais uma setinha comum, e sim uma pequena espada roxa! Ela adorou! Em seguida, começou a examinar a página pixel por pixel.

Sob o banner, havia uma imagem grande da princesa com sua espada, acompanhada do fantasma de uma mulher, de um lado, e um esbelto homem de cabelos castanhos, do outro. A mulher parecia triste e etérea, deixando para trás ectoplasma e lágrimas, com alga marinha nos cabelos e sangue descendo na frente do vestido. O homem tinha olhos bem pequenos e parecia estar com raiva, com braços e pernas compridos e ossudos, e dedos em garra que pareciam ter articulações demais.

Quanto à própria princesa... ela não parecia mais um simples desenho, mas sim uma personagem totalmente desenvolvida. Tinha um cabelão preto bem solto com mechas eletrificadas em azul, e sua boca era apenas uma linha mostrando determinação. Ela tinha exatamente a cara que May imaginava que Libby daria a ela, se a amiga tivesse vivido o suficiente para chegar ao ensino médio. Era durona e linda. Magra e alta. Pronta para chutar traseiros.

De começo, May pensou que a página era estática, mas, quando mexeu o cursor, levando-o para cá, depois para lá, descobriu uns segredinhos escondidos em meio às imagens. O sangue no corpo da moça fantasma revelava um texto oculto que dizia:

“ELA FOI DIRIGINDO O QUANTO PÔDE”.

Da mesma forma, a mão direita do homem tinha algo a declarar: “AGULHAS E ALFINETES, PALMAS E FACAS”. Já a katana da princesa clamava a May: “ENCONTRE AS QUATRO CHAVES”.

No pé da página, um curso de água fluía. Devia ser um GIF animado, ela pensou; mas quando passou o cursor sobre ele, a água espirrou um pouquinho e mostrou realces dourados que indicavam um link.

Então, ela clicou.

A RAINHA FANTASMA



MÃE E ESPÍRITO VINGADOR, a Rainha Fantasma foi jogada dentro do mar, mas não afundou. Sua vida e sua filha lhe foram arrancadas. Mas ela não vai apenas desaparecer e se esquecer. É conselheira e protetora, amiga e oráculo. Sua sabedoria e magia é que escondem a princesa do Homem Agulha.

PRINCESS X



A PRINCESA caiu na água duas vezes. Na primeira, o Homem Agulha a tirou do meio das ondas e a levou para a casa dele. Queria criar uma nova filha a partir de seus ossos e sangue, mas ela fugiu antes que ele a pudesse remodelar. Ela correu, resguardada pelo espírito de sua mãe, e elas agora caminham juntas por uma terra sem nome, buscando segurança, liberdade e justiça.

O HOMEM
AGULHA



O REI TRISTONHO de uma terra estrangeira. Sua filha foi perdida e ele ficou sozinho, então capturou a Princess X e a levou para viver com ele em seu castelo. Mas a princesa se recusou a amá-lo e escapou uma noite, durante uma tempestade. Agora, o Homem Agulha passa os dias e as noites à caça da princesa. Deve encontrá-la e matá-la antes que ela descubra o segredo das Quatro Chaves.

AS QUATRO
CHAVES



UMA COLEÇÃO DE OBJETOS MÁGICOS envoltos em mistério e escondidos por antigos feiticeiros. Quando combinadas, essas quatro chaves formam um encanto poderoso que vai aniquilar o Homem Agulha, libertando para sempre a princesa e sua mãe.

O cursor de espada ia seguindo o raciocínio de May, correndo em meio às figuras e ao texto. Com exceção da Princess X, nada daquilo estava certo. Aquelas não eram as histórias que elas tinham escrito. Nada daquilo era o que ela e Libby tinham combinado fazer naquelas noites embaixo dos cobertores, com lanternas e canetas espalhadas pelo lençol. Não havia qualquer menção ao reino de Silverdale ou à casa assombrada no alto do morro, de onde a princesa podia vigiar a cidade, e assim combater todo e qualquer crime que avistasse lá embaixo.

Exceto pelo fato de que...

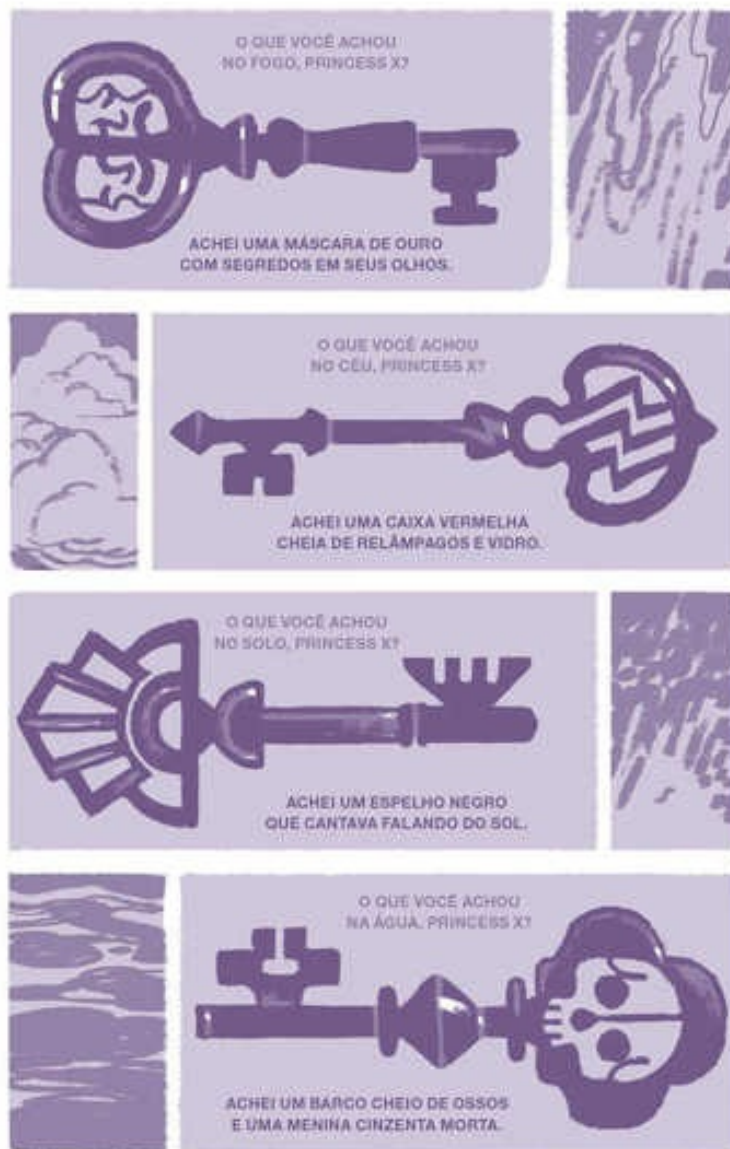
Exceto pelo fato de que a Rainha Fantasma guardava uma semelhança inacreditável com a Sra. Deaton. Mesmo que May conseguisse ignorar a semelhança entre a Princess X e a própria Libby (e ela definitivamente não conseguia), o caso da Rainha Fantasma não era nenhuma coincidência. De jeito nenhum. Ela tinha sido inclusive jogada no mar, exatamente como na história de verdade. Quase isso.

Mas quem era aquele tal Homem Agulha?

May passou o cursor sobre o perfil do personagem, procurando por um link que revelasse mais. Mas nada acendia ou indicava de qualquer outra forma, que houvesse ali conteúdo a ser descoberto.

Ela então clicou na parte das Quatro Chaves, cuja ilustração era a de quatro chaves compridas com jeito de antigas, e amarradas juntas com uma fita vermelha. Descobriu um link oculto em meio ao laço formado pela fita, então clicou para ver onde ele o levaria.

May pôs a mão na boca para não soltar um grito.



May pôs a mão na boca para não soltar um grito.



QUATRO

O coração de May acelerou e as mãos tremiam enquanto ela corria o dedo pela tela sensível ao toque, marcando aquela última linha. “Menina cinzenta” só poderia significar uma coisa, uma pessoa. Só podia se tratar de Libby.

Ela clicou com o botão direito na página principal e escolheu no menu a opção de ver o código-fonte. O código não revelou muita coisa; ela sabia reconhecer linguagem CSS quando batia o olho, mas aquilo não significava nada para ela. O HTML para iniciantes que conhecia, não a permitia codificar nada mais complicado que fontes, tabelas e imagens. Então aquilo ali não servia para nada.

Fechou todo aquele código complicado e foi direto até a fonte de todo o conhecimento: jogou no Google uma dúzia de variações do nome “Princess X”. E foi quando descobriu exatamente o quanto ela estava atrasada. Sua garganta estava seca, mas não era hora para refrigerante; não quando uma dúzia de páginas cheias de links estavam à sua frente. Foi em cada um deles, clicando e clicando e clicando, até que tinha tantas abas abertas que elas se juntaram todas em um só botão na barra de tarefas.

May achou um link para um site do CafePress, cheio até a tampa de bolsinhas, canecas e pôsteres com arte da Princess X. Mas uma olhada mais detida revelou que aquele material era todo rotulado como “não oficial”. Não havia alegação nem dica implícita de que aquilo tivesse qualquer conexão com o site original, conforme deixava bem clara a mensagem escrita com esmero no link “Mais informações”. Em seguida, encontrou pelo menos dez resultados que levavam ao DeviantArt, com ilustrações e até histórias feitas por fãs. Nos comentários, quando May rolou a tela para ver o que havia debaixo das figuras, encontrou um monte de informação bem mais útil.

Ou melhor, descobriu que ninguém tinha qualquer informação realmente útil para fornecer, o que era (de um jeito estranho), uma informação útil. Ninguém tinha a menor ideia de quem desenhava ou produzia o site da Princess X, ninguém sabia quem escrevia as histórias... e todo mundo queria saber a mesma coisa.

O Reddit, então, se aprofundava mais ainda no mistério. Lá, ela encontrou

três subfóruns com uma infinidade de teorias conspiratórias, cada qual propondo a “Verdadeira Identidade” do criador da Princess X. Aquela personagem que tinha aparecido misteriosamente uns seis meses antes e dado origem ao webcomic mais misterioso e mais famoso do momento, com o maior número de seguidores desde o Penny Arcade. May também não sabia o que era Penny Arcade, então, quando viu diversos usuários do site fazendo a tal comparação, não se sentiu mal por nunca ter ouvido falar dos quadrinhos Princess X.

“É... acho que preciso passar mais tempo na internet”, murmurou para si mesma, e continuou lendo.

Nenhuma das teorias do Reddit era lá muito interessante. Pelo menos duas eram completamente insanas, a não ser que houvesse qualquer verdade no que dizia respeito a viagem no tempo e fadinhas; duas outras propunham que eram escritores famosos usando o site para fazer uma brincadeira anônima; outra pessoa, aliás, alegava que era ele mesmo o criador da personagem, mas é claro que o tal usuário também alegava que tinha sido contratado para caçar o Pé-Grande, então deixa pra lá; e um outro atraiu sua atenção por uns cinco segundos ao sugerir que o quadrinho vinha sendo ditado a alguém por um espírito.

Mas logo virou bobagem. De acordo com essa teoria em particular, não era nenhum espírito interessante. Certamente, não era o fantasma da Libby. Resumindo, algum sujeito achava que o tal espírito era de um velho que tinha sido encontrado morto e mumificado em sua casa dez anos antes. Tinha até fotos do tal velho e tudo, mas podiam ser fotos de qualquer cara velho, morto, em qualquer casa antiga, e May não entendeu direito como o sujeito poderia achar que aquelas fotos comprovavam o que ele queria dizer.

No fim das contas, o que a internet deu a ela foi um bocado de especulação, algumas ideias bem loucas e um monte de gente querendo se aproveitar do sucesso do webcomic, já que ninguém tinha se apresentado como detentor dos direitos autorais. Pelo jeito, qualquer um com uma conta no Zazzle podia criar qualquer tralha estampada com a Princess X e ganhar uns trocados.

Por um minuto, a própria May imaginou se ela mesma poderia reclamar os direitos a tudo aquilo. Ela não tinha desenhado a princesa, tudo bem, mas tinha escrito as aventuras originais – não que pudesse comprovar isso. Aliás, não tinha escrito nada daquilo que estava no site, então... talvez não tivesse direito nenhum. Mas não conseguia deixar de se incomodar com a impressão chata de que alguém estava ganhando dinheiro com seu projeto particular, talvez até uma pequena fortuna, vendendo adesivos e camisetas.

Mas isso era meio bobagem, e ela sabia disso. Claro que ninguém estaria

ganhando rios de dinheiro com adesivos e camisetas, e nem ela queria isso com a Princess X. O que queria era respostas. Queria saber quem estava escrevendo aquilo tudo, porque tinha certeza – certeza absoluta, do fundo de sua alma – de que não tinha como ser qualquer outra pessoa que não Libby.

Passou a meia hora seguinte surfando para lá e para cá na web, mas a única coisa realmente boa que apareceu foi um conjunto de fotos da San Diego Comic Con nas quais três amigos faziam cosplay da Princess X, da Rainha Fantasma e do Homem Agulha. As fantasias ficaram ótimas, perfeitas mesmo, até o último detalhe, mas a menina vestida de princesa não se parecia nem um pouco com Libby. May ficou sem saber se se sentia bem ou mal com isso.

Quando já estava ficando sem sites ou fóruns onde cutucar em busca de mais informações, decidiu voltar ao site original, o EuSouAPrincessX.com... e só então percebeu que, na verdade, vinha meio que evitando o site. Estava obcecada por ele, mas não conseguia encontrar o estado de espírito certo para ir lá e de fato olhar a página. Queria respostas, isso era claro. Óbvio. Mas, se as encontrasse, talvez não fosse gostar muito delas.

Agora, lá estava ela de novo: a bela página de entrada com o cursor bacana de espada e a animação de água correndo. E bem ali, no canto superior direito, duas opções: (1) história mais recente, e (2) ler desde o começo.

Ela clicou na segunda opção e abriu uma página cujo endereço vinha com uma data que a situava perto do Ano Novo.

E começou a ler.

ELES DISSERAM QUE NÃO HÁ
CURA NEM ESPERANÇA.



A MALDIÇÃO ESTAVA
EM SEU SANGUE.
EM SEUS OSSOS.



ENTÃO, ELE FOI
EM BUSCA DE
SANGUE MELHOR.
OSSOS MELHORES.



ENCONTROU
A ESCOLHA
PERFEITA.



ENCONTROU
A PRINCESA.

MAS OS PAIS
DELA RECUSARAM
SUA PROPOSTA.



ENTÃO ELE DECIDIU
CONTRARIÁ-LOS.





May ficou sentada por um minuto, apenas deixando a mente se acostumar à história.

O fato de que as meninas no terceiro quadro estavam brincando com giz na calçada era só um detalhe, mas a menina de cabelo preto era claramente a Princess X em roupas normais de criança. E a amiga da princesa tinha cabelo castanho e usava uma camiseta com um gato estampado. Ela ainda se lembrava daquela camiseta. Libby também tinha uma para combinar, então May havia guardado muito bem a sua, dobradinha no fundo do armário lá em Atlanta. Agora, estava pequena demais, mas ela nunca a tinha jogado fora. Não poderia fazer isso, não depois que Libby se fora levando tudo com ela.

May passou a língua nos lábios. Queria muito um refrigerante, mas estava compenetrada demais para levantar e pegar um na geladeira. Apertou os olhos, se detendo nos cenários dos desenhos, nas roupas, nas cores, tentando feito uma detetive extrair quaisquer detalhes que pudesse da arte. Não havia muito para ver, na verdade. O foco era todo nos personagens, que apareciam com mais frequência em close-up. Os carros podiam ser de qualquer marca. O estacionamento podia ser qualquer um, também. E a arma, idem.

Mas aquelas meninas... elas eram mesmo Libby e May. Qualquer um que tivesse conhecido as duas podia deduzir isso só de ver a página, e May ficava extasiada de ver a si mesma naquela nova versão de suas velhas histórias. Aquela era ela, claro como o dia. Era importante que fosse ela. Era como um convite. Era um encorajamento. Era uma pista de que coisas impossíveis talvez não fossem tão impossíveis assim. Mas pensar daquele jeito era bem perigoso, não era?

May olhou bem para a imagem da mulher ferida e tentou se lembrar de como era o corte de cabelo ou o estilo de roupa da Sra. Deaton, mas suas lembranças já eram tão vagas quanto os traços na tela. Ela quase que só se lembrava de uma mulher de trinta e poucos, de cabelo escuro e uma preferência por vestidos tubinho.

De qualquer forma, aquela mulher nos quadrinhos tinha de ser a Sra. Deaton. Fazia todo sentido, a não ser por uma diferença óbvia: a Sra. Deaton nunca tinha levado um tiro. Ela tinha se afogado.

Era o que todos pensavam.

Uma chave fez um barulhinho ao girar na porta da frente, anunciando que o pai de May tinha finalmente voltado para casa depois do trabalho.

“May, você está em casa?”

“Estou”, ela gritou de volta, fechando rapidinho o notebook antes que ele

pudesse ver qualquer coisa. Ela tinha se enrolado em um cobertor, de modo que parecia estar usando um roupão enorme. Quando ele foi ao encontro dela na sala, ela voltou ao seu tom normal de voz. “Olha, deixa eu te perguntar uma coisa.”

Ele desabou no sofá. “Parece coisa séria”, respondeu com um sorriso nervoso.

“É sobre a Libby e a mãe dela.”

“Ah”, ele disse, tomando cuidado. “Então você ainda está nessa onda da Princess X.”

“É claro que eu ainda estou na ‘onda’ da Princess X.” Ela tentou não soar irritada, mas provavelmente não se esforçou o bastante. “E agora é a parte da ‘onda’ em que eu te pergunto o que exatamente aconteceu quando a Sra. Deaton caiu da ponte com o carro.”

“Então... você não está mais procurando os adesivos?”

“Não, já achei bem mais do que isso. Agora, me diz como foi que a Libby e a mãe morreram.”

“Elas se afogaram”, ele disse secamente. “Mas você já sabe disso.”

E só por aquilo, May sabia que ele estava mentindo. Aquele jeito de falar, vazio e sem expressão... Aquela era a voz que ele usava para mentir. Era a voz que ele usava para esconder o que estava pensando ou sentindo de verdade. May também era uma péssima mentirosa, mas sua incapacidade ia na direção contrária: ela ficava emotiva demais, desesperada demais para contar uma história crível.

Ela disse: “É, mas eu quero falar do que aconteceu de verdade. Não do que todo mundo disse que aconteceu”.

O pai se mexeu desconfortável. “Você não precisa saber dos detalhes, filha. Deus sabe que nem eu precisava. Saber como eles encontraram o corpo dela e como ele estava todo decomposto por ter ficado na água...”

Ela se exaltou: “Não a Libby!” Não queria ouvir mais nada daquilo de novo, mesmo que no fundo ela achasse que não era verdade. “Estou falando da mãe dela. Ela não se afogou, não foi?”

“Afogou sim. Dirigiu pra fora da ponte, caiu e se afogou.”

“Mas isso foi depois que alguém atirou nela.”

Ele abriu a boca, fazendo menção de responder, mas teve de fechar logo em seguida. Abriu de novo, fechou de novo. O que quer que ele estivesse para dizer, começou falando outra coisa. “Onde foi que você viu isso? Na internet?”

“Foi, foi na internet”, ela blefou. Mas era basicamente a verdade. E, se ela tivesse tido mais tempo de pesquisar antes que ele chegasse em casa, teria ido

atrás de notícias antigas a respeito do caso. Já tinham se passado três anos desde que Libby e a mãe tinham morrido, mas certamente ela encontraria alguma coisa arquivada em algum lugar.

Seu pai deu um suspiro profundo e se afundou um pouco mais no sofá, como se esperasse que a poltrona o engolisse. “Bom, você ia ficar sabendo mesmo uma hora ou outra. Achei que esqueceria do assunto e, depois de um tempo... não iria mais importar tanto. Mas acho que essa conversa de agora significa que o tempo que passou não foi suficiente, então.”

Ele tinha entendido tudo tão errado que ela teve vontade de dar um chute nele, de raiva. Mas engoliu tudo e só cerrou os punhos com força. “Meu Deus, mas que babaca que você é.”

Ele chegou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. “Ah, então eu sou um babaca. De verdade? Ótimo, se é isso o que você acha, então talvez algum dia você vá entender... Nós só estávamos tentando proteger você.”

“Nós?”

“Sua mãe e eu concordamos que tinha algumas coisas que você... bom, que você não precisava saber. A gente sabia que você ia entender a coisa pelos pedacinhos que fosse ouvindo aqui e ali e ia se contentar com isso. Mas que bem ia fazer se você soubesse que elas foram assassinadas? Pelo amor de Deus...”, ele continuou bem baixinho, quase como um sussurro. “Você já estava obcecada o bastante sabendo apenas parte da história”.

“Então foi por isso que vocês não me deixaram ir ao enterro dela”. May se referia ao enterro da Sra. Deaton. Obviamente, ela tinha ido ao de Libby. “É por isso que vocês falaram para eu ficar longe da internet, e a TV ficava desligada o tempo todo. Nada de noticiário local...” Na verdade, aquele tinha sido o mantra repetido pela mãe durante semanas depois que tudo aconteceu: nada de internet, nada de TV, nada de noticiário local. E a escola tinha acabado logo antes, então ela também não tinha como ficar sabendo de nada por meio das outras crianças – não que elas conversassem muito, de qualquer forma.

“Foi melhor assim”, o pai disse fracamente.

“Vocês são dois mentirosos. Você e a mamãe”, ela concluiu. Podia sentir o sangue quente no pescoço enquanto ia falando e pensando naquilo. “Alguém matou as duas e...” Só então ocorreu a ela o que queria falar em seguida. “E nunca pegaram quem fez isso, não foi?”

“Não, nunca pegaram o assassino. Olha, filha...” Mais uma vez, ele estava sendo aquele cara triste e cansado como de costume, mas chamá-la de “filha” daquele jeito não o faria cair nas graças dela de novo. “A gente não queria que

você tivesse pesadelos. Não queríamos você pensando que tinha essa pessoa por aí no mundo, que depois ele poderia ir atrás de você ou coisa assim.”

“Eu nunca teria pensado isso! Meu Deus, pai, eu nunca tinha nem pensado nisso até agora mesmo quando você falou!”

“Você estava de luto. Já estava inventando histórias na sua cabeça sobre como nada daquilo tinha sido verdade e que Libby não tinha morrido. Você ficava o tempo inteiro contando a respeito daquele sonho com ela nadando pra superfície...” Sua voz foi sumindo e então ganhou força de novo. “Você queria tanto acreditar que tinha sido tudo um grande engano. Mas era ainda pior do que o que você ficou sabendo, muito pior do que só um acidente. Então nós fizemos a única coisa que nos pareceu saudável e deixamos de fora as piores partes. Era coisa demais para assimilar. Para nós todos.”

Ela se jogou no sofá. “Ah, cala a boca”. Lançou um olhar que poderia ter facilmente feito um buraco na camisa dele. “O assassino dela está por aí, talvez até matando mais gente.”

“É, ele ainda está por aí. Mas nesse tempo todo ele sempre esteve por aí, desde que tudo aconteceu. E nada de novo aconteceu. Agora, você só ficou sabendo de uma informação nova, só isso.”

“Nada de novo? Você acha que aquele adesivo da Princess X é ‘nada de novo’?”

Ela o tinha pegado no pulo e ambos sabiam disso. Ele tentou sair de fininho. “Pode ser só uma coincidência.”

“Cinco segundos de internet te mostrariam que não é assim”, ela disse. “Tem um site também.” No mesmo momento em que falou aquilo, ela sentiu um rubor de vergonha por ter sido tão burra de não olhar na internet antes de tudo. Apanhou seu cobertor, juntou os pés e enfiou o notebook embaixo do braço. A bateria já estava quase acabando de novo e ela precisava ligá-lo na tomada. “Agora, se você me dá licença, tenho muita coisa pra ler.”

“Que ótimo”, ele disse ao vê-la saindo da sala. “Que ótimo, mesmo.”

Ela avaliou que levaria no máximo uns quinze minutos até que ele ligasse para a mãe dela. Não porque a mãe fosse ser de alguma ajuda, mas porque ele não queria sentir que era a única pessoa que não entendia a filha. Era a única coisa que seus pais ainda tinham em comum, e a única coisa sobre a qual ainda conversavam – quando conversavam, o que não era muito frequente.

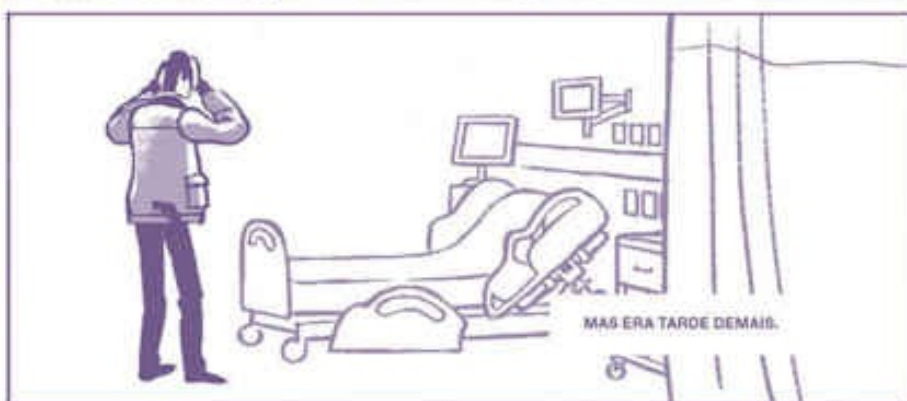
Mas May não estava lá se importando muito com isso. Como havia falado, tinha mesmo muita coisa para ler.







ATÉ QUE ENFIM,
ELE TINHA TUDO
DE QUE PRECISAVA.



MAS ERA TARDE DE MAIS.



TINHA SIDO
TUDO À TOA.



E AGORA ELE TINHA
UM GRANDE PROBLEMA.



May percebeu que estava caindo de sono.

Estava exausta e assustada, e com dor de cabeça por ficar no limite entre chorar e conter as lágrimas.

O notebook estava bem quente sobre suas pernas e a cama macia era convidativa. Sempre haveria amanhã, porque Libby estava viva, lá fora, em algum lugar. Estava viva ali mesmo, naquele dia, e estaria viva quando May finalmente conseguisse descobrir a verdade por trás de toda a baboseira e as mentiras e exageros, e então pudesse finalmente encontrá-la.

E ela iria encontrá-la.

Afinal de contas, Libby tinha mesmo conseguido escapar viva, justamente como May tinha sonhado. Ela tinha conseguido nadar até a superfície. Tinha sido tirada da água e posta no carro do Homem Agulha, que nem sempre fora o Homem Agulha. Até o andamento daquela história lhe parecia familiar. Parecia alguma coisa que elas teriam elaborado juntas, sentadas atrás do forte do playground, passando bilhetes durante a aula ou trocando ideias às margens do lago Union enquanto jogavam migalhas de pão para os patos.

Não era bem o começo que Libby e May tinham imaginado. Mas também elas nunca tinham dado um começo para a Princess X, não é mesmo? Apenas contaram as aventuras dela de um certo ponto em diante, começando de quando ela encontrou sua espada e foi lutar contra homens malvados e monstros, calçando seus All Stars vermelhos. Criaram histórias cheias de desafios e perigo, mas todas tinham acontecido depois de ela ter ganhado seu nome e sua coroa.

Então estava tudo bem. Parecia certo daquele jeito.

E May não se importava que ninguém mais acreditasse nela, mesmo seu pai, aquele mentiroso horrível que “só queria protegê-la”. Ou assim ele dizia, mas não a protegeu de porcaria nenhuma. Tudo o que fez foi esconder a verdade. E “a verdade vos libertará”. Ela tinha visto aquilo em algum lugar um tempão atrás. Devia estar gravado em um anel. Ou era a fala de algum filme. Ou parte de um diálogo de alguma peça de que ela nem se lembrava mais.

A verdade a libertaria, é isso mesmo. E libertaria Libby também.

May assim o faria.



CINCO

Na manhã seguinte, May abriu o notebook de novo, pronta para começar a ler mais um pouco antes mesmo de pensar em tomar café, mas o carregador tinha se desconectado e ela não desligou o computador antes de cair no sono, de modo que a bateria estava zerada. Ela xingou, reclamou e plugou de volta. Talvez então fosse melhor tomar café antes de qualquer coisa, afinal.

Não havia qualquer sinal de que seu pai estava em casa, a não ser por um bilheteinho pregado na porta da geladeira: “Me ligaram pra chegar mais cedo. Desculpa. Conversamos hoje à noite quando eu chegar.”

O bilhete deixava implícito que ele teria um longo dia de trabalho pela frente, o que também significava um dia inteiro sem precisar falar com ela. Que conveniente para ambos... Talvez ele até tivesse feito de propósito.

Mas ela não queria mesmo conversar com ele, e o bilhete veio junto com uma nota de 20 dólares, ambos presos por um ímã de um cachorrinho pug sentado em uma caixa de bombons, então não dava para ficar muito chateada. Com 20 pratas dava para comer feito uma rainha, e ela ainda teria troco para tomar chocolate quente no dia seguinte. O relógio do micro-ondas dizia que já era 10h30, ou seja, ainda era cedo o suficiente para começar o dia com um bolinho ou uma rosquinha recheada. Além disso, no tempo em que ela fosse até a padaria e voltasse, a bateria já teria carregado o suficiente para que ela começasse suas pesquisas.

May se enfiou na primeira roupa que viu, pegou a sua bolsa de sempre, trancou a porta e entrou no elevador. Lá embaixo, o pálido sol da manhã se entranhava pela porta de vidro que levava à rua.

May parou perto do quadro de avisos que ficava junto às caixas de correio ao ver que alguém tinha deixado um aviso de “MEU GATO SUMIU”, e ela adorava se meter nesses casos. No verão anterior, tinha encontrado e devolvido dois felinos perdidos às suas respectivas casas sem muito esforço, só prestando atenção e deixando o celular sempre a postos. O aviso deixado desta vez falava de um gatinho preto, pequeno, com olhos dourados, e a descrição dizia que seu nome era Toby. Ela fez um esforço para guardar mentalmente onde os donos de Toby moravam, e então outro folheto, logo ao lado do retrato peludo do bichinho,

chamou sua atenção:

SUORTE TÉCNICO EM CASA
POR PREÇOS QUE CABEM NO SEU BOLSO

ELIMINO vírus de computador
OTIMIZO seu sistema
RECUPERO seus dados

Serviços prestados por estudante responsável, DISCRETO e bom conhecedor de internet, em busca de trabalho durante o verão. Garantia de que NÃO VOU olhar seu histórico de internet, a não ser que seja COMPLETAMENTE RELEVANTE para a resolução do problema. Por uma quantia adicional, limpo o histórico de seu navegador com sigilo absoluto sobre qualquer coisa que eu encontrar por lá.

Também ensino dicas de navegação, no caso de você estar cansado de pagar por música e filmes, mas não queira ir para a cadeia. Ligue para mim. Sou o cara certo para o seu problema. E moro aqui mesmo neste prédio, ou seja, não preciso cobrar deslocamento.

555-1212
PATRICK

E só estava sobrando um daqueles pedacinhos que ficam embaixo com o número de Patrick, o que significava que seus serviços estavam bem requisitados. Sem pensar muito, May rasgou a última tirinha de papel e a enfiou no bolso junto com as chaves de casa. Se ele era mesmo só um estudante procurando trabalho durante o verão, deveria ser mais ou menos da idade dela ou talvez pouco mais velho, e valeria a pena pedir ajuda para ele se ela acabasse chegando a lugar nenhum em sua investigação. Afinal, ela estava mesmo ficando sem ideias do que fazer para identificar o lugar de hospedagem ou os autores do site.

Foi lá e comprou uma rosquinha e um refrigerante, comeu tudo bem rápido e

voltou para casa. De volta ao seu quarto, sentou-se na cama, carregou todos os sites que era importante acessar, olhou seu e-mail – na remota chance de ter recebido alguma coisa (e não tinha nada)... e entrou direto no EuSouAPrincessX.com.

Clicou no mesmo lugar onde tinha estado por último, na página com a menina sem nome sentada no chão junto à parede, abraçando os joelhos. Mas, por mais que ela movesse o mouse ou clicasse em qualquer lugar, nada no desenho se realçava indicando um link, e nenhuma posição do cursor revelava algum outro endereço na barra de informações lá embaixo. Então, quem sabe, talvez ela estivesse se preocupando demais.

Não. Tinha que ter mais.

Mas o notebook escolheu aquele exato momento para travar completamente.

Ela chacoalhou o computador para os lados como se fosse uma lousa mágica, olhou todas as luzinhas que indicavam alguma coisa em volta e não conseguiu concluir nada, a não ser que ele não queria mesmo funcionar mais, e que, se ela tivesse muita, muita sorte mesmo, talvez tivesse só esvaziado a bateria de novo. O aparelho estava totalmente desligado.

May enfiou a mão no bolso e puxou de lá o papelzinho arrancado do folheto de Patrick. Estava quente e meio úmido por ter ficado encostado na perna suada dela, mas ainda dava para ler muito bem. Um a um, ela digitou os números e ligou.



SEIS

Patrick Leander Hobbs tinha um problema. Ou vários problemas, na verdade, mas o pior era este: seus pais acreditavam que, no semestre seguinte, ele iria morar em um dormitório no campus da Universidade de Washington. E pensavam também que essa mudança iminente e os quatro anos seguintes de educação superior seriam totalmente cobertos por uma bolsa de estudos.

Nenhuma das duas coisas era verdade.

De fato, ele tinha mesmo ganhado a bolsa de estudos integral para a universidade estadual; ela tinha sido concedida no ato da formatura no ensino médio, apenas algumas semanas antes. Os pais então sorriram e tiraram fotos com seus celulares, enquanto o diretor da escola apertava a mão dele e entregava um envelope bonito com os detalhes da honraria lá dentro.

Todo mundo estava muito satisfeito e ninguém ficou surpreso. Patrick tinha mesmo feito por merecer a bolsa. Suas notas eram excepcionais, suas provas eram quase sempre perfeitas e suas habilidades de programação, superiores. Ele ganhou recomendações de seus professores de Ciência da Computação que faziam parte da banca de avaliação, e tinha até vencido um prêmio nacional de prestígio por sua destreza em desenvolver para a web. O próprio presidente do clube de computação tinha proclamado que Patrick conseguia, feito o MacGyver, criar um site poderoso usando só um *template* gratuito do WordPress e um engradado com seis Red Bulls.

Mas muita coisa pode mudar em poucas semanas.

E muita coisa, de fato, mudou.

Para começar, a namorada de Patrick o deixou no dia seguinte à formatura. E fez isso só com uma mensagem de texto, cujo conteúdo era só o seguinte:

“n vou p vcvr. T saindo c mike agr. dsclp.”

Em texto normal, o que Samantha queria dizer era que ela não iria sair de férias com Patrick e sua família para Vancouver, porque ela agora estava saindo com o Michael Hannigan, que, tudo bem, era um cara bem alto. Só que muita gente era alta, e esse cara em particular era tão burro que precisava de três professores particulares indicados pela própria escola só para manter suas notas em um nível aceitável. E Michael Hannigan ganhava esse tipo de tratamento

porque era muito importante para o time de futebol. Se conseguisse passar com um C, se tornaria importante também para o programa de esportes de alguma universidade por aí, e talvez até, quem sabe, no fim, chegasse à Liga Nacional e ganhasse alguns milhões de dólares por ano só para arremessar uma bola para lá e para cá e tomar pancada na cabeça.

Era assim que acontecia para caras altos e burros, ou pelo menos era assim que parecia ser na cabeça de Patrick.

Patrick não era alto nem burro.

E já tinha ouvido muitos rumores a respeito de como o sistema de segurança do setor de informática da escola era um lixo completo, algo que ele comprovou com uns ataques à distância no firewall da rede. Ele então entrou no sistema, encontrou as notas finais da turma abaixo da dele, e providenciou para que uma certa Samantha Elizabeth Peters perdesse uma boa porcentagem de pontos em duas das provas mais importantes.

Ele não a fez tomar bomba ou ser expulsa do colégio, nada assim. Só queria dar um jeito para que ela tivesse que frequentar umas aulas de recuperação durante o verão. Tudo o que ele tinha feito era para melhorar a educação dela. Foi quase uma obra de caridade.

No entanto, a diretora de TI da escola não era assim tão idiota quanto Patrick tinha pensado. Quando ela percebeu que o firewall tinha sido burlado, levou menos de uma hora para descobrir o culpado. Depois, levou menos de um dia para comprovar quem era o culpado, e então metade desse tempo para rastrear o referido culpado.

E só levou cinco minutos para o Departamento de Polícia de Seattle decidir que o caso estava encerrado ali mesmo. Mas só levou uma hora depois disso para a Universidade de Washington decidir que eles não queriam mais tanto assim aquele tal de Patrick Hobbs em seu quadro de Ciências Exatas.

De algum modo, ele tinha conseguido esconder todas essas informações de sua mãe e do namorado dela, com os quais ele morava no momento. Por sorte, ambos trabalhavam muito. A mãe era gerente de um restaurante italiano ali mesmo nas vizinhanças, e o namorado consertava máquinas de torrar e fazer café, o que significava que, vivendo na costa noroeste, às margens do Pacífico, sempre havia trabalho para ele.

Patrick tinha acabado de fazer 18 anos. Não era como se as autoridades tivessem alguma obrigação de dedurá-lo aos pais. Tudo o que ele precisava fazer, então, era apanhar a correspondência todo dia e atender ao telefone fixo do apartamento todas as vezes para manter seu segredo. Usando de todos os

artifícios, escamoteando e mentindo descaradamente, tinha conseguido manter sua mãe e o namorado dela convencidos de que estava tudo bem, e que ele estaria mesmo de mudança para um dormitório ou fraternidade em setembro.

E isso significava que ele tinha só umas oito semanas para tirar alguma ideia genial da cabeça.

Só que a cabeça não estava ajudando muito.

Então teve a ideia de oferecer serviços de TI e suporte técnico, esse tipo de coisa. Fez os folhetos e pregou ali por perto, e até conseguiu ganhar uma graninha. Quase mil pratas, na verdade. Acontece que as pessoas pagam qualquer dinheiro para ficar livres de vírus, e também dos arquivos incriminadores que chegam aos computadores trazendo os respectivos vírus. Ainda mais quando essas pessoas não querem que os cônjuges ou amigos descubram a respeito dos tais arquivos.

Mas isso não era suficiente. Mesmo que ele conseguisse manter aquele ritmo durante todo o verão, mais uns dois mil dólares só o ajudariam a chegar até a porta de alguma universidade vagabunda. Mesmo que ele conseguisse um emprego de tempo integral e continuasse dando suporte nas horas vagas, e não comesse nada além de macarrão instantâneo, e não comprasse nenhum game novo até fazer 30 anos... seus ganhos de verão não teriam como cobrir a matrícula, e muito menos as mensalidades.

Então, Patrick Hobbs passava muito tempo pensando em dinheiro e em como consegui-lo. Também passava um tempão na internet, inscrevendo-se em concursos, buscando recomendações e sugestões, e descobrindo do jeito mais difícil que o firewall da Universidade de Washington era um milhão de vezes melhor do que o da escola conseguiria ser algum dia.

O relógio não parava e o suor já começava a escorrer.

Mas, então, o telefone tocou.



SETE

May ouviu o cara do outro lado atender o telefone: “Patrick Hobbs, consultor de TI. Em que posso ajudar?”

A voz indicava que o palpite dela estava correto, e eles tinham quase a mesma idade. “É, eu... tô precisando ver uma coisa com alguém. Sobre TI”, ela disse do jeito mais vergonhoso.

“E qual seria o problema em questão?”

Ele não soava nada formal e profissional, mas bem que tentava. May não conseguiu se decidir se aquilo era bonitinho ou muito irritante. Trocou o celular de mão. “Meu computador apagou. Tudo bem, talvez seja só a bateria, não sei bem. Mas eu preciso dele funcionando bem hoje, e provavelmente vou precisar de uma ajuda com outra coisa também, e essa outra coisa é inclusive mais importante. Pode parecer estranho, mas eu tenho de descobrir quem está por trás de um site.”

“Ah, sim. Você está sofrendo algum tipo de assédio ou bullying? Porque, se for o caso, talvez você prefira repassar o caso às autoridades.”

“Não, não. Não é nada assim.”

“E é o quê?”

“É... meio que uma longa história. Então, me fala seu preço. Para o suporte em TI, sabe.”

“40 paus por hora.”

“Eu tenho aqui uns...”, e tentou adivinhar quanto tinha sobrado dos 20 dólares que seu pai tinha deixado, depois de ela comer outra coisa mais tarde. “6,50...”

“Desculpa aí, minha querida, mas o Trick precisa comer.”

May olhou bem para o celular. Esse cara estava falando sério? “Peraí, você... você acabou de se referir a você mesmo como ‘o Trick’?”

“É, é o meu nome. Praticamente o meu nome.”

“Só parece um pouco com parte do seu nome, cara”, ela tentou admitir, soando nada graciosa. “Você está, o quê, no 9º ano ou algo assim?”

“Faculdade”, ele informou.

“Duvido muito”, ela disse, ainda irritada com aquele “minha querida”.

“Bom, você está enganada. Estou mesmo na faculdade. E ainda cobro 40 por hora.”

“E alguém paga isso de verdade? Alguma vez pagou?”

“O tempo todo.”

“Ah, tá. Então tá.”

“Bom, obviamente você fala como alguém que não tem toneladas de pornografia no computador.”

“Bom, certo. Você tem razão nisso”, May admitiu. “Mas será que você pode me ajudar a descobrir quem está por trás do tal site?”

“Talvez, se você tiver os 40 por uma hora. De qual site nós estamos falando?”

“É um webcomic chamado Princess X.”

Ele ficou calado.

Ela perguntou, “Ei, você ouviu? É Princess X, e ele é sobre...”

Ele a cortou. “É sobre uma princesa que usa tênis vermelhos e tem uma espada, eu sei. Mas eu posso te dizer de antemão, agora mesmo, sem cobrança: ninguém sabe quem toca esse site. É um dos maiores mistérios do nosso tempo.”

“Bom, eu sei quem está por trás dele. A menina que fazia os desenhos era minha melhor amiga”, ela disse com firmeza. “E eu posso provar.”

“Sério?”

Não, não era sério... mas era tarde demais para voltar atrás, e ela tinha conseguido pelo menos deixá-lo interessado, então não podia deixar barato. “É, eu posso provar. Então, você topa ou não topa? 6,50 é tudo o que tenho. Mas a gente pode solucionar ‘um dos grandes mistérios do nosso tempo’, e isso não tem preço. Na verdade, você é que deveria me pagar por eu te dar essa informação, se esse site é assim tão misterioso.” Ela se sentia a todo vapor agora. “Você pode ser o cara que revela essa história para o mundo. Pode ser igual o cara do WikiLeaks. Ou aquele que mandou a polícia federal enfiar tudo no traseiro e se mandou pra China.”

“Eu não quero ser nenhum desses caras. Os dois se estrepam.”

“Então... então você pode ser igual a um dos cavaleiros do bem do Anonymous! Você tem uma máscara?”

“Não.”

“Talvez precise de uma máscara. Dá pra comprar uma com 6,50.”

“Você é louca.”

“Ah, vai. Você vai me ajudar ou não?”

Ele deu um suspiro. Bem pesado. Cheio de drama. “Onde você está?”, ele

por fim perguntou, como se ela o tivesse cansado o suficiente para que ele nem quisesse mais dizer não.

“No terceiro andar.”

“Eu posso dar um pulo aí, então.”

“Não”, ela o interrompeu. “Eu te encontro lá embaixo no saguão, perto das caixinhas de correspondência. Vou levar meu notebook quebrado. A gente pode tomar um café e conversar.”





ELA DUVIDAVA MUITO.



OITO

Trick e May se encontraram no saguão, como combinado. Ela o reconheceu logo de cara.

Ele era só um pouquinho mais alto do que ela – o que significava que era meio baixinho, em se tratando de um cara – e era magro, com um rosto comprido e estreito, e parecia que combinaria melhor com óculos, mas ele não usava. Estava vestindo uma camisa de manga comprida desabotoada por cima de uma camiseta preta com a estampa de uma banda que ela não reconheceu. Ela o classificou como um “até bonitinho”, de um jeito meio “sou quieto demais e tiro notas boas, mas, em segredo, sou da pesada” que pode ser tanto muito interessante quanto muito ridículo, dependendo do grau desse “da pesada” que se esconde lá por baixo. Se é que tem algum mesmo.

Ele a cumprimentou com um “Ei” e ela disse “Ei” de volta. O aperto de mãos foi um pouco formal, mas May foi logo dando sequência.

“Então, você é o Trick?”, quis saber.

“E você é a menina que não me falou seu nome, que é...?”

“May”, ela disse.

“E você vai me contar quem está por trás do Princess X?”

“Talvez. Mas primeiro você vai ter que consertar meu notebook. E depois tem que me ajudar a encontrar a pessoa ou ir atrás dela ou qualquer coisa assim. O acordo é esse, ok?”

“O acordo é esse”, ele prometeu.

Concordaram em tomar um café, porque todo mundo sempre topa tomar café em Seattle. Dali onde estavam, havia nada menos que quatro Starbucks nas quais dava para ir a pé, mas ainda assim se contentaram com uma cafeteriazinha independente chamada Victrola porque era mais perto.

A Victrola estava lotada, como de costume. May pediu um mocaccino com chocolate extra, porque, para ela, era o chocolate que fazia o café ficar mais tolerável. Ela não queria parecer fracote demais e pedir seu habitual chocolate quente. Trick pediu uma caneca de café comum e pôs dois envelopinhos de açúcar. Sentaram-se nos bancos que ficavam próximos à vitrine da frente, onde as almofadas não combinavam porque eram todas diferentes umas das outras,

como tudo na Victrola.

Trick deu um gole no café. “Então, me fala a respeito dessa sua amiga. Você acha que ela inventou a Princess X? E agora você não consegue encontrá-la?”

“Bom, é que nós duas inventamos a Princess X, na verdade. Ela desenhava e eu escrevia as histórias, começamos no 6º ano. Fizemos isso por um bom tempo, até que ela supostamente morreu há três anos. Mas aí, agora encontrei esse site, e eu sei que ela está por trás dele. Ela definitivamente não morreu.”

“Me parece um pensamento meio positivo demais.”

“Se eu fosse trazer a Libby de volta à vida, com toda certeza eu não daria pra ela uma história na qual ela é sequestrada e mantida refém por um maníaco qualquer que matou a mãe dela. Você leu os quadrinhos?”

Ele bebericou o café. “Achei que todo mundo já tinha lido essa história. É popular pra caramba. Você só achou isso agora?”

“A internet é grande demais. Não dá pra ler tudo o que está em todos os lugares o tempo todo”, May resmungou. “Eu nunca tinha ouvido falar do site até uns dias atrás. Comecei a ver os adesivos espalhados pela cidade e me bateu a curiosidade.”

“Uns dias atrás? Esse material com a estampa já vem rodando há meses.”

“Não lá em Atlanta.”

“Ah, então esse é o motivo do sotaque. Achei que você estava fingindo.”

Ela fez um muxoxo na direção dele e se virou para tomar mais um pouquinho da sua bebida. “Olha, talvez não tenha sido uma ideia lá muito boa...”

“Não!”, ele disse, quase alto e rápido demais. “Nada disso. Olha, você tem razão. Eu estou sendo um babaca e sinto muito, me desculpe. Quero ouvir a respeito da sua amiga e quero saber mais sobre esse site. E com toda certeza quero ajudar a desvendar o mistério desse assassinato, ok?”

Soou como uma verdadeira promessa, e, afinal, ela já tinha até deixado escapar um nome, mesmo. Então, foi em frente e contou tudo o que podia sobre Libby e a mãe dela. Não era essa exatamente a intenção dela, mas, depois que começou, tudo foi saindo aos borbotões. A não ser pelo pai dela, Trick era a única pessoa que já tinha conhecido que possuía pelo menos algum interesse naquele assunto. Por causa disso, ele era a única outra pessoa com quem ela podia conversar a respeito, ponto final. Todas as outras pessoas com quem ela se importava estavam mortas ou lá em Atlanta. A maioria dos garotos que ela conhecera na escola em Seattle tinha se mudado para longe ou perdido contato.

Então, sem saber se era boa ideia ou não, ela contou a respeito de sua Princess X, aquela que Libby e ela tinham inventado juntas, não a que estava na

web; e como ela tinha vasculhado todos os cantos por um tempão, tentando achar os cadernos e caixas cheios de desenhos. Também contou a ele que sempre pensara que a Sra. Deaton tinha se afogado, mas que a história em quadrinhos de agora sugeria que não tinha sido bem assim, e então seu pai teve que admitir que a mãe de Libby tinha na verdade levado um tiro. Quando finalmente parou de falar, seu moka com chocolate extra já estava frio e a caneca de Trick já estava vazia, mas ele nem tinha notado.

“Sei que isso tudo soa como alguma teoria conspiratória bizarra”, May disse, chegando para a frente e afastando sua xícara para o lado. “Mas você tem que admitir que tem alguma coisa aí. Não pode ser só coincidência.”

Cuidadosamente, usando um tom bem calmo e bem longe da babaquice de antes, ele respondeu: “Sabe, é bem possível que alguém tenha encontrado o seu material e só... continuado a desenvolver os personagens”.

“Tecnicamente, sim, tudo é possível. Mas a própria Princess X e a Mãe Fantasma até mesmo se parecem fisicamente com a Libby e a mãe dela. E até eu estou lá, em um ou dois quadrinhos, antes da menina se transformar na princesa.” Antes de dizer qualquer outra coisa, tirou uma foto impressa de sua bolsa. Tinha lembrado de pegá-la antes de sair do apartamento. Ela tinha sido tirada no dia da maratona chamada Corações Pulando Corda. May e Libby estavam todas suadas, até reluzindo, e usavam camisetas idênticas, enormes para as duas, com o logotipo da maratona estampado. A Sra. Deaton estava atrás das duas com as mãos nos ombros de ambas. “Está vendo?”, ela disse, mostrando a foto. “Libby é a cara da princesa. Não é só imaginação minha!”

Ele examinou a foto com cuidado, segurando-a pelas bordas como se fosse um artefato antigo com o qual ele não queria fazer nenhuma bobagem. Fez que sim com a cabeça. “Olha, definitivamente, tem mesmo uma... é, é verdade.”

May pegou a foto de volta e a guardou. “Ela está por aí e está por trás desse site. Acho que está usando ele para pedir ajuda. Está me procurando.”

“Mas, se ela está mesmo por aí, e se está mesmo procurando por você...” May não gostou daquela conversa de “se”, mas ele ignorou a expressão que ela fez. “...por que então ela não te mandaria uma mensagem pelo Facebook? Ou te acharia no Tumblr ou Twitter? Imagino que você deve ter um perfil online em algum lugar.”

“Talvez ela não consiga. Se ela for prisioneira desse cara, talvez ele esteja ameaçando ela e tenha falado pra ela que mataria qualquer um que procurasse por ela. Talvez ela esteja usando esse site para me proteger, inclusive.”

“Você não foi muito longe na história em quadrinhos ainda, né?”

May estava séria e ficou ainda mais. Ela não estava falando nenhuma mentira, mas ele conseguiu pegá-la no pulo assim mesmo. “Como você sabe?”

Ele balançou a cabeça. “Vai pra casa e continua lendo. A Princess X consegue fugir do Homem Agulha. Agora, ela está livre e procurando as tais quatro chaves. Ou pelo menos era assim que estava a história desde a última vez que eu olhei.”

“Tudo bem, beleza. Admito que eu só comecei a ler. Eu venho clicando nas imagens e procurando pistas em todas, e isso leva tempo.”

“Tem pelo menos um fórum de fãs onde você pode procurar alguma coisa. Não lembro agora do endereço, mas joga no Google que aparece em um segundo. Tem milhares de pessoas se divertindo com isso, analisando a arte e o texto. Talvez valha a pena ler. Vai no mínimo te dar uma visão geral da coisa toda. Talvez você encontre pistas melhores, ou mesmo uma dica.”

“É, como se essas duas coisas não fossem a mesma coisa...”, ela grunhiu para si mesma. Estava irritada pensando no que ele tinha dito logo antes. Se Libby tinha acesso à internet, bom, então May não era assim tão difícil de encontrar. Tinha contas no Facebook, Twitter e Vine. Tinha feito um Tumblr também, mas fazia tempo que não mexia lá. “Mas é a Libby”, ela falou bem baixinho sem querer. “Eu sei que é ela. Preciso descobrir um jeito de ajudá-la. Talvez eu seja a única pessoa que pode fazer isso.”

Patrick então fez uma cara de susto, como se ela tivesse dado a ele uma ideia. “Olha só, isso que você acabou de falar... você pode ter razão. Se a Libby quisesse, poderia esconder dicas à vista de todo mundo nas histórias, pistas que ninguém mais entenderia, a não ser você.” Ele se inclinou para a frente e deu batidinhas na mesa para reforçar o que dizia. “Tipo, talvez mencionar que vocês tinham uma sorveteria preferida ou um desenho na TV. Uma boy band, qualquer coisa assim. Alguma coisa que não fosse significar nada para as outras pessoas.”

“A gente não ouvia boy bands.”

“Toda menina ouve alguma boy band em algum momento da vida. É comprovado cientificamente. É assim desde os Beatles, ou talvez desde antes dos Beatles.”

May olhou fixamente para ele. “Ah, mas se não é uma verdadeira fonte de sabedoria. Só vejo verdades comprovadas pela ciência zanzando pela sua cabeça.”

“Não foi pra isso que você entrou em contato comigo?” Ele se recostou de novo e entrelaçou os dedos, pensativo. “Me dá mais um tempinho e eu vou dar uma boa olhada em alguns lugares, digamos, menos óbvios da internet. Vou

perguntar pra umas pessoas, pedir um favor aqui e outro ali. E você...”, ele disse, fechando um olho e apontando para ela. “Você vai pra casa e continua lendo.”

“Não tenho como, lembra? Meu notebook pifou.”

“Você tentou desligar e ligar de novo?”

Ela soltou um lamento disfarçado, porque realmente não tinha tentado aquilo e era a coisa mais óbvia do mundo, além de, claro, plugá-lo na tomada de novo e deixar carregar. “Eu mal te conheço e já te odeio.”

“Tá, vou entender isso como um ‘não’. Pluga ele e deixa a bateria carregar completamente. Aí, tenta logar o sistema de novo e me diz o que aconteceu. Aposto que vai funcionar. Quase sempre funciona. De qualquer forma, a gente pode se encontrar aqui amanhã e trocar informações que a gente descobrir. 2h da tarde está bom pra você?”

“Por que teria de ser às 2h da tarde? Você tem alguma coisa contra o café da manhã?”

“Eu vou ficar acordado até bem tarde hoje à noite, então pode ser que eu não acorde até meio-dia. E eu adoro café da manhã.” Ele sorriu. “Mas os gênios sempre fazem seu melhor trabalho durante a madrugada. E pode apostar que eu sou um gênio.”







MAS O TEMPO PASSA DE MANEIRA
DIFERENTE PARA OS VIVOS E OS MORTOS.



"DEMORAR" PODE SIGNIFICAR SÓ
UM MOMENTO OU UMA VIDA INTEIRA.



SEIS MESES. UM ANO.



HORA DE APRENDER A ESPERAR.



HORA DE CRESCER.
HORA DE LEMBRAR.



HORA DESTA PRINCESA
ENCONTRAR UMA ESPADA.





NOVE

Em casa, escondido em sua própria batcaverna, Trick acessou a internet.

Só que, dessa vez, ele estava mesmo procurando problema, ou pelo menos é o que sua professora de Ciência da Computação teria dito se soubesse o que ele estava tramando. Ou talvez nem soubesse mesmo. Talvez não conhecesse nada a respeito do lado feio dos fóruns de internet, onde o dinheiro corria em troca de atividades ilegais. E ela não entrava no 4chan (pelo menos até onde ele sabia), e certamente não estava nada familiarizada com a chamada *darknet*. Se estivesse, provavelmente negaria sem pestanejar. Não era o tipo de coisa que pessoas respeitáveis e exemplares se gabavam de conhecer.

Trick não era mesmo um sujeito particularmente respeitável ou exemplar, mas nem por isso gostava da *darknet*. Ela era ainda mais obscura do que o nome fazia crer, de modo que ele ficava tão longe dela quanto possível.

Mas era lá que as coisas realmente pervertidas e chocantes aconteciam, assim como tudo de útil, verdadeiro e terrível. Sendo assim, quando ele percebeu que o fórum do 4chan sobre a Princess X tinha sido invadido por um grupo de fãs discutindo cosplay e dicas de maquiagem, decidiu fazer uma busca no lado negro das coisas. Era o único lugar onde ele sabia com certeza que encontraria o que estava procurando: uma estranha oferta que ele tinha visto meses antes. Algo que soava tão ridículo que tinha de ser falso, exceto pelo fato de que talvez não fosse.

E talvez fosse exatamente do que ele precisava.

Antes de dar um ENTER no endereço que o levaria até onde ele queria, ele hesitou. Será que queria mesmo que algo como a *darknet* atendesse ao seu pedido? Era como fazer um pacto com o diabo, talvez até pior do que isso. Pelo menos quando você lida com o diabo, sabe o que esperar. Quando se lida com a *darknet*, ninguém tem nem ideia de quem está do outro lado fazendo a transação.

Ele apertou ENTER assim mesmo.

Afinal, não era obrigado a concordar com qualquer proposta que qualquer um fizesse. Só entraria lá para dar uma olhada. Logo encontrou a antiga postagem.

Procuro qualquer indicação verdadeira de quem é o criador, artista ou hospedeiro do site da Princess X. Me leve até a menina que faz esse quadrinho. Me diga onde encontrá-la, ou então a sequestre, se precisar, e entre em contato comigo. NÃO VOU FAZER PERGUNTAS. Sei quem ela é, mas não tenho como encontrá-la, e sei que ela anda tendo ajuda de algum peso-pesado. Ofereço 100 mil dólares a qualquer um que possa trazê-la até mim. Transfiro diretamente para a conta de sua escolha, mantendo anonimato, se preferir.

Não havia muito mais do que isso. O cara era um *stalker* atrás de uma chave de cadeia, na melhor das hipóteses, e um pedófilo, na pior. Quem quer que fosse, sabia o suficiente de internet para sair postando bobagem na *darknet* como se fosse o dono do lugar; o nome de tela que ele usava, XhunterM, aparecia em todo lugar, o que indicava que ele podia ser um hacker, ou talvez até algo pior.

Além do mais, era mais provável que ele não tivesse nada daqueles 100 mil dólares. Não tinha como saber com certeza, e esse era um dos truques mais sujos que as pessoas usavam em lugares como a *darknet*. Se você estivesse atrás de alguma coisa repulsiva ou ilegal, era bem pouco provável que fosse chamar a polícia caso fosse passado para trás.

Trick se sentiu sujo até por deixar aquela janela aberta, então logo a fechou e voltou ao 4chan. Era um buraco da internet ligeiramente menos nojento, mas pelo menos já era um avanço. Procurando algo ainda melhor, ele clicou no Reddit da Princess X. Vasculhando pelas mensagens do fãs, rolando a barra só para se distrair enquanto fingia fazer algo de útil, ele avistou um nome familiar.

Sim, lá estava ele. XhunterM.

Apertou os olhos com curiosidade. Ele certamente não contataria aquele cara lá na *darknet* – não no território do próprio pervertido – mas talvez um post no Reddit não fosse uma insanidade assim tão grande. Nem mesmo era rastreável, e o nome que ele usava não levava a nenhum dado pessoal de verdade. Até onde ele podia ver.

Aí, fã da Princess X – aquela recompensa ainda está de pé?

Apertou ENTER para enviar a mensagem e, de imediato, seu estômago embrulhou todo. Não era uma boa ideia. Também não era o caso de ele ajudar May a encontrar sua amiga só para depois dá-la de bandeja para algum potencial pedófilo. Mas 100 mil era um montão de grana, e ele realmente estava

precisando muito dessa grana. Talvez tivesse algum jeito de enganar o cara. Não era errado enganar pervertidos, era?

Enquanto ele ponderava a respeito da ética e do bom senso de se meter naquilo, recebeu uma resposta nem noventa segundos depois de enviar sua mensagem:

Se você sabe o que é bom pra você, esquece essa história de recompensa e qualquer coisa relacionada ao assunto.

A resposta não tinha vindo do XhunterM. Tinha partido de alguma outra pessoa chamada Passaroferido3000. Intrigado com aquilo, Trick apertou o botão de responder.

HAT-TRICK9: Pessoa errada. O que você fez? Sequestrou a conta dele? Eu não queria falar com VOCÊ.

PASSAROFERIDO3000: Sim, sequestrei a conta e ele não consegue mais logar aqui. Eu te digo é que você NÃO VAI QUERER falar com esse sujeito. Acredite.

HAT-TRICK9: Só estou curioso com relação ao dinheiro.

PASSAROFERIDO3000: Sua alma vale 100 mil?

HAT-TRICK9: Nunca disse isso. Só queria saber se a história era de verdade.

PASSAROFERIDO3000: Mesmo que seja, não chegue nem perto disso. Se você receber essa grana, eu vou tomá-la de você, e te dou certeza de que vai doer.

HAT-TRICK9: Isso é uma ameaça?

Trick atualizou a página durante dois minutos, mas não veio resposta alguma. Assim que ele se preparava para perguntar de novo, ou talvez dizer alguma coisa mais engraçadinha e ameaçadora de volta, a resposta apareceu.

PASSAROFERIDO3000: Sim, é. Mas eu vou deixar mais claro, Hat-Trick. Aliás, que trocadilho besta. Com meia-dúzia de cliques, eu sei tudo o que tem pra saber sobre você, Patrick Hobbs. Você está falido e desesperado e quase se meteu em confusão com a polícia. Você é um hacker vagabundo, ou talvez só tenha ficado muito desleixado quando ficou com ciúmes. Espero que tenha valido a pena ter perdido sua bolsa pela Samantha. Sinto muito por você, e até espero que você consiga achar um jeito de pagar a UW a tempo de fingir que nada aconteceu. Mas não vai ser desse jeito. Encare esta resposta como preferir; chame de ameaça ou de conselho amigo. O que eu não quero ver mais é você metendo o bedelho no site, na história da princesa ou em nada relacionado a isso.

Bom, talvez... Trick estivesse errado a respeito de não ter nenhuma informação pessoal ligada ao seu apelido. Em voz baixa, soltou um palavrão. Aquele pássaro-qualquer-coisa devia ter um *backdoor* qualquer no provedor de internet ou... ou... alguma coisa assim. Rastrear um IP não é impossível, mas também não era tão fácil assim. O cara era, ou muito lesado, ou então muito bom naquilo. Provavelmente as duas coisas. De qualquer modo, ele era bem melhor que Trick; não que ele quisesse admitir isso.

E não que ele fosse ficar assustado com aquilo também. Ainda não. Ainda havia espaço para blefar, e ele aproveitou.

HAT-TRICK9: Muito impressionante. Você consegue rastrear um nome. Mas se isso é tudo o que sabe fazer, você não deve ser o tal “peso-pesado” que está ajudando a princesa.

PASSAROFERIDO3000: É, eu também vi o post dele lá. Fique longe da darknet, garoto. O homem por trás daquela recompensa é um assassino, e ele não vai nem piscar antes de eliminar um h4x0r feito você. Se não acredita em mim, ou se sabe pelo menos METADE do que acha que sabe, pergunte-se o seguinte: o que aconteceu com o pai da princesa? E aí você deveria perguntar a mesma coisa para a internet, e então deve calar a boca e fingir que nunca soube de nada a respeito daquele site.

Trick grunhiu para a tela e fechou o Reddit. Seu lado racional dizia que Passaroferido provavelmente tinha razão; talvez não houvesse mesmo dinheiro nenhum, e tentar ganhar a recompensa não fosse trazer nada de bom. Tudo bem

que ele queria muito o dinheiro, mas sua alma valia bem mais do que 100 mil, a despeito do que pensava algum esquisito de internet feito o Passaroferido.

O que ele estava achando de verdade agora, era que o tal sujeito que tinha feito a oferta poderia ser o Homem Agulha. Porque... quem mais se importaria tanto assim com aquilo? Ninguém, a não ser o sequestrador que tentava recuperar a sequestrada. E May também, é óbvio.

Outra coisa dita por Passaroferido também o estava incomodando: o pai da princesa. Não conseguia se lembrar de nenhuma menção ao pai em lugar nenhum da história em quadrinhos, mas também não é que ele tivesse lido tudo com muita atenção. Tinha dado uma olhada em algumas partes, geralmente quando algum amigo postava um link para uma página nova que tinha saído.

Então, e quanto ao pai?

May tinha dito que o pai de Libby havia se mudado de volta para Detroit ou algo assim, depois da suposta morte da mulher e da filha. Dez minutos de navegação pela internet de gente normal levaram Trick a um nome e um endereço em Michigan.

Mas cinco minutos adicionais o levaram a um link no site de notícias.

E a um ataque do coração:

HOMEM É ENCONTRADO MORTO EM CAÇAMBA DE NORTHGATE

Na última terça-feira à noite, o corpo de um ex-empregado da Microsoft foi encontrado em uma caçamba atrás do Shopping Northgate.







DEZ

May ouviu a chave do pai girando a fechadura e tratou de fechar logo o notebook.

Fez por puro reflexo, e ficou se sentindo meio boba por isso. Afinal, seu pai já sabia que ela estava investigando a Princess X, e não era como se as informações que ela tinha conseguido até então fossem algum segredo valioso. Algumas discussões nos fóruns eram bem ridículas. As pessoas ficavam destrinchando qualquer minúcia, desde o tom de vermelho usado nos tênis da princesa até a numerologia dos nomes dos personagens, tentando descobrir se havia algum significado místico oculto. E também tinha os garotos que eram tão fissurados por anime que tudo o que conseguiam discutir era ninjas, honra e a cultura do guerreiro.

O pai de May a chamou da sala. “May? Você está em casa?”

“Tô, tô aqui”, ela gritou de volta. Conferiu se o notebook estava plugado direito na parede, e, no fim, Trick tinha razão mesmo, porque só foi preciso dar uma carga completa para ele funcionar de novo, e então saiu da cama para dizer “oi” para o pai. Seus joelhos já estavam com câimbra mesmo.

Caminhou até a sala, onde viu seu pai deixando uma bolsa na mesinha de centro com um ruído bem destacado. “Você chegou cedo”, ela disse. “Pelo bilhete que deixou, achei que o dia ia ser bem longo.”

“Já passa das 7h”, ele comentou, apontando com a cabeça para o relógio na parede.

“Ah. Nesse caso... você chegou tarde, então.”

“No fim, o dia foi mais tranquilo do que achei que seria, então eu dei uma passada em um lugar na volta. Está com fome?”

“Eu comeria uma pizza, se alguém decidisse pedir. Sabe... hipoteticamente.”

“Alguém feito eu, né?”

Na geladeira havia um ímã com o telefone e o horário de funcionamento da pizzaria mais próxima. O pai o puxou da porta e tirou o celular do bolso. “Algum sabor preferido?”

“Nada que tenha olhos”, ela disse.

“Sem anchovas. Entendi.”

“Nem qualquer outra coisa com olhos. Não vai dar uma de esperto.”

Ele sorriu, discou o número e fez o pedido de alguma coisa que provavelmente ainda seria meio nojento, porque isso era bem a cara dele. Ela se sentou em frente à TV e começou a zapear os canais, mas não tinha nada de bom passando, então fechou os olhos e encostou a cabeça na parede. Pensou que talvez seu pai se sentaria do lado e mudaria o canal do Comedy Central para a CNN, mas não foi o que ele fez. Ele se sentou na poltrona de frente e apenas abaixou o volume da televisão. May abriu os olhos enquanto ele abria a bolsa sobre a mesinha.

“O que você trouxe aí?”, ela perguntou.

“É pra você. É tudo o que eu consegui encontrar na biblioteca.”

Ela chegou para a frente, abriu a bolsa e tirou uma pilha de papéis. A maioria eram xérox unidas com cliques. “É tudo... sobre aquela noite. A do acidente.”

O acidente que não tinha sido acidente. Aquele que matou a Sra. Deaton.

“Pois é. Eu pesquisei algumas semanas de material, considerando que quase tudo saiu só depois do acidente. Eu sabia que você ia ficar procurando a respeito na internet, mas esses sites de notícias dificilmente arquivam as matérias por muito tempo. Então pensei que você ia acabar num beco sem saída e isso aqui ia ajudar. Olha só, olha este aqui. É datado do dia 6, mas levou uns dias até que eles conseguissem achar o carro, e depois mais um até tirarem da água.”

“Eu lembro disso”, ela murmurou, puxando a parte superior da pilha para o colo.

MÃE E FILHA DESAPARECIDAS DEPOIS DE ACIDENTE NA PONTE

MERGULHADORES LOCALIZAM CARRO DE MULHER DESAPARECIDA

“E depois mais uns dias até que acharam Libby.”

“Não era a Libby”, ela murmurou de novo.

IDENTIFICADO CORPO DE MOTORISTA DESAPARECIDA

O pai pigarreou. “Bom, era uma adolescente e estava usando as roupas de Libby e estava com a carteira de estudante dela no bolso.”

CONTINUAM BUSCAS POR MENINA DESAPARECIDA

“Foi assim que o pai dela identificou o corpo? Se ela ficou no mar por uma semana...”, e May não terminou o pensamento.

“Foi. Uma semana na água do mar. Por isso eles fecharam o caixão, lembra?”

Ela preferia não ter que lembrar.

CORPO ENCONTRADO NA MARINA É PROVAVELMENTE DE MENINA DESAPARECIDA

May desviou o olhar dos jornais. As manchetes já estavam confundindo seus olhos. “Fizeram um exame de DNA? Digo, com certeza eles não saem enterrando gente presumindo que o corpo e a lápide simplesmente... combinam feito mágica.”

“Duvido que tenha tido algum teste”, ele admitiu. “Isso é muito caro, e não tinha mais ninguém desaparecido que batesse exatamente com aquela descrição. A carteirinha de Libby é que foi a chave para tudo, eu acho. Não tinha razão nenhuma para acreditarem que era outra pessoa.”

Mas as palavras da Mãe Fantasma ficavam passando em frente aos olhos de May: o reino do Homem Agulha foi construído sobre a areia e o cadáver de sua própria filha, que ele jogou na água. Então ela acabou falando em voz alta:

“Era a filha dele. Ela morreu e ele trocou os corpos. Ele jogou sua própria filha naquela baía e a fez se passar por Libby”.

“Você diz, o Homem Agulha?”

Ela fez uma expressão de curiosidade. “Você andou lendo a Princess X?”

“A internet é cheia de mistérios. Alguns são mais fáceis de resolver do que outros.”

“Mas todos têm alguma resolução”, ela insistiu, juntando os papéis no colo. “Todos, cada um deles. Incluindo este aqui. E pai...?”

“Hein?”

“Obrigada.”

“Não tem de quê”, ele respondeu meio sem jeito. “Eu só... sabe, me senti meio mal pelo fato de a gente não ter te contado na época. E agora você sabe de tudo, então...”

“É, agora eu sei.”

“Talvez isso aqui te ajude a descobrir mais umas pistas se você for lendo junto com o site oficial. Não sei.”

“Vale a pena tentar.” Ela olhou para os papéis no colo.

Qualquer coisa valia a pena naquele ponto.

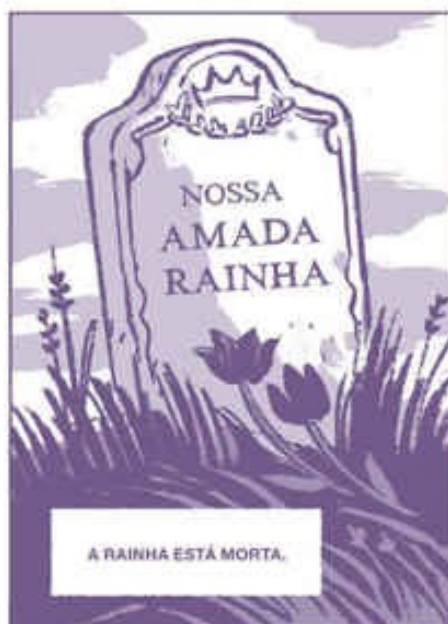
Alguns minutos depois, o entregador de pizza tocou o interfone e eles deixaram a papelada de lado. No fim, a única coisa estranha na pizza que o pai tinha pedido era milho assado. Quem é que usa milho assado em qualquer comida que seja? E mais ainda numa pizza? O pai era claramente um sujeito perturbado.

Depois de comer, ela pediu licença e foi para seu quarto com a pilha de cópias da biblioteca embaixo do braço. Abriu o notebook, que agora tinha o EuSouAPrincessX.com como página inicial.

A tela piscou. O sistema iniciou de novo e o conto de fadas recomeçou a todo vapor.

May leu e leu sem parar.







Ao longo das aventuras que se seguiram, a Princess X e sua mãe continuaram em busca das Quatro Chaves: a máscara de ouro, a caixa vermelha e o espelho negro. A quarta chave era a criança cinzenta, e isso fazia da própria Libby a peça final do quebra-cabeça, não fazia? Libby era a chave que poderia derrotar o Homem Agulha, libertando ela própria e seu reino de uma vez por todas.

Quanto às outras três chaves... Bom, May pensou um bocado a respeito delas enquanto percorria a papelada que seu pai tão gentilmente providenciara para ela. Poderia haver versões no mundo real para aquelas chaves, considerando que Libby era a versão real da criança cinzenta. Mas como seriam? Uma máscara, uma caixa e um espelho. As três podiam ser qualquer coisa, mas decerto Libby daria alguma pista ou dica. May só tinha de ler tudo bem detidamente, só isso.

Ao analisar as possibilidades e vasculhar as informações que tinha em mãos, ficou sabendo que seu pai tinha razão quando falou dos links quebrados que encontraria. Usando o Google em busca de mais detalhes sobre o caso da família Deaton, ela se deparou com um bocado de erros 404 NOT FOUND, o que parecia ridículo, considerando que a história só tinha acontecido três anos antes. Algumas das páginas estavam armazenadas em cache, e aí ela tinha como ler assim mesmo, mas, na maior parte, ela sentia que estava procurando apenas nos lugares errados. De alguma forma, mesmo com todas as pistas nas mãos, ela ainda acabava chegando em becos sem saída. Quanto mais fundo ia na história, mais ela achava que estava perdendo o fio da meada. Estava se distanciando mais e mais do ponto central.

Mas ela não tinha dúvidas.

Tinha certeza de que Libby estava viva e de que ela estava tentando chamar a atenção de May para alguma coisa; pedindo para ser resgatada ou para alguém ir libertá-la. Só que May se sentia a quilômetros de distância de saber como. Ou até anos-luz. Mais longe ainda do que se Libby estivesse morta de verdade.

Quando Libby estava morta, pelo menos May sabia onde encontrá-la.







NÃO SOU UMA
IMPOSTORA!



O HOMEM AGULHA DISSE QUE
VIRIA UMA MENINA LOUCA,
UMA CRIANÇA MUITO
DOENTE DA CABEÇA.



ELE DISSE QUE ELA ESTARIA TÃO
PERTURBADA E CONFUSA QUE
DIRIA QUE O ODEIA - E NOS PEDIRIA
PARA ROUBAR AS CHAVES DELE.



VOCÊ É UM PERIGO PARA SI
MESMA E PARA TODOS OS OUTROS.
PRECISA VIR CONOSCO.
NÓS A AJUDAREMOS.





May precisava de alguém com quem pudesse conversar abertamente. No dia seguinte, não pensou duas vezes, ligou para Trick e disse que era para ele descer até seu apartamento. Claro que ele já sabia que ela morava no mesmo prédio dele, e se suas habilidades como hacker fossem metade do que ele dizia serem, provavelmente conseguiria encontrar o endereço dela de qualquer maneira. Aliás, ele também poderia apenas ler os nomes lá embaixo nas caixinhas de correspondência. Às vezes a melhor solução é a mais simples.

Ele bateu na porta na hora combinada, aparentando certa ansiedade e nervosismo. Olhou por cima do ombro dela e perguntou:

“Você não mora com seu pai ou coisa assim?”.

“Ele está no trabalho. Entra.”

“Ele não se importa de eu estar aqui? Digo, sozinho com você? Justo quando ele não está em casa?”

Ela franziu o cenho para ele.

“Por quê? Você está tramando alguma coisa errada?”

“O quê? Não!” Ele então se decidiu, deu de ombros e disse: “Sabe de uma coisa? Tudo bem pra mim. A gente sempre pode dizer que eu vim consertar seu computador ou algo assim. Considerando que eu praticamente fiz isso mesmo...”.

Ela abriu mais a porta e o deixou entrar.

“Não dá pra consertar o que não está quebrado. E não vamos precisar inventar nada. Ele confia em mim até demais.”

“Confia?”

“Bom, ele fica no meio do caminho”, ela tentou se explicar. “Fica entre confiar de verdade e não estar nem aí para o que eu faço no meu tempo livre. Seja como for, ele não vai sair atirando em você se te encontrar aqui.”

“É bom saber disso.” Trick se jogou no sofá e largou sua bolsa na mesinha de centro. Era mais ou menos o que todo mundo fazia, agora que May parava para pensar a respeito. A mesinha tinha a maior concentração de sujeira do apartamento inteiro.

Ela foi à cozinha pegar dois refrigerantes. Trick se sentiu mais confortável e disse: “Olha, você não deveria se meter em nenhuma confusão grande demais”.

Ela chegou na quina da parede da cozinha.

“Eu não sou nenhuma menininha certinha CDF, se é isso o que você está achando. Só não me meto com coisas que a maioria dos pais acharia mesmo reprovável. Você aceita uma Coca ou alguma outra coisa?”

“Coca. Pode me dar uma.”

Abriram as latas quase em perfeita sincronia.

Trick perguntou: “E aí, você leu mais alguma coisa ontem à noite ou fez o quê?”.

Ela respondeu que, sim, tinha avançado bastante na história online. “Também passei um bom tempo dando uma olhada nesse material todo que meu pai me arrumou”, acrescentou, e apontou para a pilha de papéis que tinha deixado na mesa.

“O que é isso tudo?”, ele perguntou, se inclinando para apanhar algumas das folhas.

“Relatórios da polícia, notícias de jornais e todo esse tipo de coisas a respeito do assassinato da Sra. Deaton.”

“Hmmm...” Ele observou a papelada, pensativo, folheando tudo. “Sabe, eu mesmo me lembro desse caso. Lembro de ver fotos da menina nos jornais e pensar que ela era muito bonitinha. Isso é muito louco”, ele disse, talvez falando mais com os papéis em seu colo do que diretamente com May. “Eu nunca teria juntado as duas coisas; aquele caso e o site. Não é que eles casem perfeitamente, mas juntos dão uma bela teoria conspiratória.”

“O que você quer dizer com ‘não casam perfeitamente’? Tem a água, a mãe morta com um tiro, a menina e...”

Ele a cortou. “É, mas não tem essa ilha nem o sequestro na vida real... ou pelo menos não que qualquer pessoa saiba. Considerando que a parte real da história é bem pouca, as pessoas tendem a não prestar tanta atenção nela. Estão mais interessadas no conto de fadas. Ninguém tinha razão nenhuma para pensar que a parte da história passada no mundo real era... bem... real. A não ser você, e agora eu também. Acho que você me converteu.”

“Isso é bom. Mas espera... Por quê?”

“Porque eu fiquei sabendo do que aconteceu com o pai da Libby aqui no mundo real.”

“Do que você está falando? O pai dela voltou para Detroit. Eu mesma te contei isso.”

“É, mas não foi lá que ele morreu. Aliás, você sabia que ele morreu?”

Ela olhou bem para ele. “Não...?”, deixou sair com a voz apertada. Pigarreou e tentou falar de novo. “Eu não conhecia ele bem. Ele era só o pai da minha amiga, sabe? Não o vejo desde o enterro. Mas então ele... ele morreu? Quando? Como? O que aconteceu?”

“Pula lá adiante para a parte do Velho Rei nos quadrinhos que você está lendo. Você vai ver a história de como a princesa tenta conseguir a ajuda dele,

mas ele nunca aparece. O Homem Agulha o matou e jogou o corpo dele no Poço do Infinito.”

“Ah, meu Deus... Então quer dizer...?”

Ele pôs a mão dentro de sua bolsa e tirou um artigo de internet que tinha imprimido. Era uma notícia do Seattle Post-Intelligencer de dois anos antes.

Ao terminar de ler, May estava com a garganta tão seca que não conseguia nem tossir. “Uma caçamba. O Sr. Deaton levou um tiro na cabeça e foi largado numa caçamba. Como eu não ouvi falar de nada disso...?”, ela perguntou mais para si mesma do que para Trick. Olhou a data e viu que aquilo tinha acontecido no outono, quando ela estava morando com a mãe em Atlanta. “Acho que só foi notícia local.”

“É, não tinha motivo para chamar atenção. Pessoas são mortas assim o tempo todo em todo lugar. Ninguém poderia dar notícia de tudo.”

“Você é ótimo mesmo em consolar as pessoas, sabe?”

“Eu faço o que posso.” Ele tentou soar irônico, mas, do modo como saiu, o comentário só o fez parecer um babaca, algo que ele mesmo reparou. “Digo, eu sinto muito. Foi isso o que eu quis dizer.”

“E você diz que tem algo a respeito disso nos quadrinhos?”

“É o Velho Rei. Você vai ler mais pra frente. É um capítulo muito bom até. Ou melhor...”, ele emendou depressa, “não é que seja bom. Especialmente agora que a gente sabe que foi baseado em uma coisa de verdade, que aconteceu com alguém de verdade. Mas é interessante.”

“Entendo. E vou chegar lá, mesmo que eu tenha que passar a noite lendo. Mas nem posso acreditar que...”

Trick logo admitiu. “É, eu também mal acreditei. Nem acreditei em você, na verdade, mas isso aqui foi o último prego no caixão. Ah, cacete, péssima escolha de palavras.”

“Talvez você devesse só parar de falar.”

Mas ele não podia parar. Não ainda.

“Eu pararia, de verdade, pararia mesmo, mas não posso ainda, porque... Olha, esse sujeito... quem quer que seja o Homem Agulha no mundo real... eu acho que ele está procurando por ela do mesmo jeito que a gente. Ele ofereceu uma recompensa para qualquer um que consiga encontrá-la. Se ele é o mesmo cara que matou o pai dela, então ele é perigoso pra cacete.”

“Ele matou a Sra. Deaton e raptou a Libby. Claro que ele é perigoso pra cacete. Mas o que você quer dizer com ‘ofereceu uma recompensa’? Onde viu isso? Mostra pra mim.”

“Eu... hã... não sei se consigo encontrar o lugar de novo”, ele disse, e nunca em sua vida May teve tanta certeza de que alguém estava mentindo. “Mas eu tenho certeza de que era ele e que ele não tem nenhuma boa intenção. Se fosse só um cara procurando sua filha desaparecida ou coisa assim, tentaria encontrá-la do jeito normal. Não iria se esconder na *darknet*. Nós temos que ter cuidado com isso”, concluiu de maneira sombria. “Precisamos ficar na surdina e ter certeza de que a gente não vai atrair a atenção desse cara.”

Ela entregou o impresso de volta. “Mas o plano sempre foi esse mesmo. A gente descobre quem escreve a Princess X, um dos maiores mistérios do nosso tempo, e ainda resolve dois assassinatos e um sequestro... e ninguém vê a gente.”

“Não existe isso de ‘ninguém ver a gente’ na internet. Nunca mesmo, não importa o que qualquer um te diga. Tem sempre um jeito de te rastrear.”

“Agora é você que está parecendo um desses malucos de teorias da conspiração.”

Alguma coisa no olhar que ele lançou a ela deixava claro que ela tinha posto o dedo em alguma ferida. “Eu sou bem realista. E, se eu estou preocupado com isso, então você deveria estar preocupada também.” Deu um gole no refrigerante. “Me dá a senha do seu wi-fi e, enquanto você lê, eu vou procurar mais a fundo na net.”





MAS EU NEM SEI ONDE PROCURAR. NÃO POSSO FAZER ISSO SOZINHA. PRECISO DE AJUDA, MAS NÃO TENHO A QUEM PEDIR.

VOCÊ TEM A MIM, SEMPRE. TEM AINDA SEU DOM DE ENCONTRAR CAMINHOS ESCONDIDOS. E TEM TAMBÉM OS FANTASMAS, OS LOBOS E O PRÍNCIPE DOS GATOS DA NOITE. E O MELHOR DE TUDO: TEM A GRALHA, QUE GUARDA SEUS SEGREDOS E QUE TE MANTÉM A SALVO.



MAS EU SOU UM PERIGO PARA ELES TODOS.

E ELES SÃO UM PERIGO PARA TODOS OS OUTROS.



ESPERO QUE VOCÊ TENHA
PAZÃO, MAS NENHUM DELES
PODE ME AJUDAR A ACHAR
A MÁSCARA DE OURO,
POIS TODOS JÁ TENTARAM
E FALHARAM.



HÁ UM LAGO DOS DESEJOS
NA FLORESTA DE NOD.
O PRÍNCIPE DOS GATOS
ME PROTEGERÁ LÁ.







ONZE

“Está bem aqui. Esta parte aqui...”, May disse, batendo com o dedo na tela. Já estava lendo há duas horas.

“O quê?”, ele perguntou avidamente, chegando na beirada da poltrona.

“Aqui”, ela repetiu, girando a tela para que ele pudesse ver. “Olha o que o lago diz: vá à Taça Negra. Você a encontrará lá, dentro do cálice vazio.”

“E...?”

“Tinha uma cafeteria descendo o morro que se chamava Black Tazza. Eu e Libby sempre íamos lá naquela época.”

“Ah, é, eu lembro desse lugar. Fechou uns anos atrás, depois reabriu como outra coisa.”

“A Stumptown comprou a loja. Mas olha, tazza...”, ela declarou triunfante, “significa ‘taça’ em italiano. Eu sei porque o barista sempre ficava tentando impressionar a gente com essas curiosidadezinhas de cultura inútil, mesmo que nós duas fôssemos bem mais novas que ele.”

Trick deu um largo sorriso, mas ainda via alguma confusão. “Você acha que existe uma chave de verdade? E que ela está escondida lá na Stumptown?”

“Isso. A taça negra, o cálice vazio... uma caneca de café é meio como um cálice, não é?”

“Talvez. Bom, se você diz... Mas acho que é exagerar demais. Um exagero bem longe.”

“É, eu sei.” Ela pulou do sofá. “Mas talvez eu entenda tudo isso assim que chegar lá. Então, você está nessa ou vai ficar de fora? Nós dois estamos precisando de uma folga.”

Ele se colocou de pé e pegou sua bolsa. “Muito bem, então. Vamos pra rua.”

Pegaram o ônibus e se sentaram entre uma velhinha de terno roxo e um gordo calçando chinelos. Poderiam ter percorrido a mesma distância a pé em vinte minutos, mas May pensou que valeria a pena gastar uns trocados para poupá-los da caminhada.

Trick deu o sinal para descer quando eles chegaram no quarteirão certo, mas, quando repararam na região, viram que não parecia mais o quarteirão que procuravam. Metade das construções de antes já não estava mais lá, derrubadas

por escavadeiras que agora repousavam em cima de montes de entulho. Todo o restante estava cercado por faixas.

“O que aconteceu aqui?”, May perguntou. “Eu passei por essa parte da cidade só uns dias atrás e estava tudo fechado... mas como assim!?”

“O progresso chega rápido por aqui. Ou, melhor dizendo, a demolição chega, quando eles querem fazer condomínios”, Trick respondeu em voz baixa. “Olha, pelo menos estão deixando as fachadas no lugar para depois poderem chamar de ‘lugar histórico’ e cobrar mais. Está vendo? Metade ainda está de pé. Talvez a gente tenha chegado a tempo.”

Ela olhou ressabiada para as fachadas de lojas que ainda restavam, entre as quais a frente da Stumptown. Estava toda depenada e apenas sombras do letreiro podiam ser vistas sobre a porta, com o horário de funcionamento descascando na janela. Apontou com o dedão para a grossa corrente de metal com cadeado que guardava a entrada. “Mas olha, está tudo trancado. Como a gente vai conseguir ir lá dentro?”

Ele deu uma cutucadinha nela de lado e sorriu. “Você não é nenhuma menininha certinha, não é verdade? Eles já derrubaram toda a parte de trás do prédio. Eles literalmente não teriam como trancar o prédio inteiro.”

“E você costuma invadir lugares com frequência?”, ela perguntou, tentando soar casual e despreocupada. Se sentiria melhor se ele tivesse alguma experiência naquele tipo de coisa.

“Bom, invado mais do ponto de vista digital, mas também faço essas coisas de vez em quando”, emendou, conduzindo-a para o outro lado do quarteirão.

“E já te pegaram alguma vez?”

“Uma ou duas vezes.”

“E eles então... te prendem ou te deixam ir embora ou o quê?”

“Eles me liberam assim que minha mãe paga a fiança”, ele disse, esplendoroso. “Mas isso não vai acontecer conosco, porque nós vamos tomar muito cuidado.”

“E você não tomou cuidado da última vez?”

“Não o suficiente.” Ele procurou as bordas da faixa que cercavam a área. “Mas isso aqui vai ser bem mais fácil do que entrar em um shopping depois do horário. Vamos terminar tudo e sumir daqui em poucos minutos, e ninguém vai notar.”

Descobrir que ele já tinha feito aquilo antes não a fazia se sentir aliviada, no fim das contas.

O quarteirão inteiro estava rodeado com aquela cerquinha temporária, feita

de plástico laranja e parecendo uma extensa rede. Ela estava enrolada ao redor de tonéis também de cor laranja e adornadas com uma dúzia de placas, todas sugerindo que eles encontrassem alguma coisa menos controversa para fazer com seu tempo livre. Trick ignorou tudo e se dirigiu a uma das quinas da cerca de plástico. Apenas a ergueu como se levantasse a saia de uma mulher. “Tá vendo? Nada de mais. Entra aí.”

“Eu primeiro?”

“Eu estou logo atrás.”

Ela acreditou na palavra dele e deslizou por debaixo da rede. Enquanto esperava que ele fizesse o mesmo, olhou para os lados e viu pelo menos uma centena de pontos de observação onde qualquer pessoa os poderia estar olhando de alguma janela. Seria fácil demais alguém resolver se intrometer e chamar a polícia para dedurar um casal de garotos bisbilhotando um campo de obras.

Trick foi à frente dela em meio aos destroços, escorregando um pouquinho aqui e ali e ficando de pé apenas nos pedaços maiores de detritos. Começou a usar os vergalhões de metal mais longos que se projetavam para se equilibrar. May ia subindo por detrás dele. Parecia fácil quando ela via lá do pé das pilhas, como se estivesse atravessando um playground cheio de cascalho, mas na verdade era mais como uma escalada em rochedos sem equipamento nenhum.

“Quando a gente estiver lá dentro”, Trick disse, fazendo uma pausa para observar o que vinha à frente, “ninguém vai conseguir mais ver a gente”.

“A não ser que tenha câmeras de segurança.”

Ele olhou por cima do ombro, tanto para se assegurar que ela estava logo atrás dele, como para deixar bem clara a expressão de repreensão que estava lançando. “Por que diabos você diria uma coisa dessas? Será que não consegue apenas curtir um pouco a aventura?”

“Consigo, mas...”, e apontou para uma esquina das ruas, onde parte do material de demolição estava depositado. Algo que parecia uma câmera enorme estava justamente montado em um poste logo ao lado e direcionado bem para aquele terreno pós-apocalíptico que eles tentavam cruzar.

“Ah”, ele exclamou. “Provavelmente é só para impressionar. Na maioria dos lugares, eles nem ligam esses equipamentos. Mas aperta o passo aí, só por precaução.”

“Por precaução...”, ela resmungou atrás dele, escorregando por uma laje de cimento do tamanho de uma mesa de jantar.

Trick já estava quase na parte de trás do paredão de fachadas, ou do que restava delas. Parecia que o quarteirão tinha sido rasgado no meio, expondo as

entranhas das lojas de um jeito que elas pareciam nuas e meio tristonhas. Tubulações dependuradas e azulejos de banheiros terminavam no nada, e tiras espumosas do isolamento térmico jaziam sob a brisa úmida que cheirava a mofo. Ele subiu por um dos buracos abertos e estendeu a mão. “Vem. Sei que você consegue. E tá vendo? Nem precisamos invadir nada. Já está tudo quebrado mesmo.”

Ela pegou a mão dele e deixou ser puxada para cima, mesmo que a altura fosse pouca. Estava logo de pé ao lado dele lá dentro, perto de uma parede de tijolos que acabava de repente em uma borda toda irregular. “Que loja tinha aqui?”, ela perguntou.

“Acho que era a pizzaria.”

Assim que ele falou, ela notou os resquícios de um balcão tombados ao lado de uma parede onde se podia ler parte do cardápio em giz. A palavra “pepperoni” chamou sua atenção. “É, com certeza era a pizzaria.”

Trick parecia meio perdido. Percorria aquele lugar lúgubre e desconhecido com olhar, para lá e para cá. “E pra onde a gente vai, daqui?”

“Pra direita”, ela disse com convicção. “Tá vendo esse corredor que passava pelo meio e conectava todas as lojas neste prédio? É onde ficava o único banheiro; todos tinham de dividir. Mas, ei, eu não consigo ver nada aqui do fundo. Você tem alguma luz aí? O aplicativo de lanterna do meu celular é bem vagabundo.”

“Tenho uma luzinha.”

“Tá ótimo.”

“É bem pouca mesmo”, ele avisou. “Só uma lanterninha de chaveiro. A gente deveria ter trazido alguma coisa melhor.”

“Bom, eu não sabia que eles estavam demolindo tudo aqui. Você sabia?”

Ele balançou a cabeça. “Pois é, também não. Mas sinto que vim despreparado.” Ele apertou um botão e a luzinha acendeu.

Ele não estava brincando quando disse que a luz era fraca, pois só era ligeiramente melhor que a de um celular. Ela olhou em volta e percebeu que eles agora estavam em meio a onde seriam as mesas e os assentos da pizzaria. Impressos emoldurados e bocais de lâmpadas todos tortos se dependuravam em volta, e cabines de alvenaria cobertas de pó ladeavam o espaço estreito. “Hã... agora a gente deveria ir por aqui.”

“Você não parece estar com muita certeza.”

“Não estou mesmo. Mas tem de ser por aqui ou então por ali”, ela disse, gesticulando na direção contrária. “Não tem mais lado nenhum pra ir, a não ser

de volta lá pra fora.” Encorajada por sua própria lógica inabalável, ela tomou dele o chaveirinho com a luz.

“Ei!”

“Sou eu que estou liderando o caminho ou não?”

O corredor onde estavam agora tinha o pé direito tão alto quanto o de qualquer salão normal, mas eles continuaram abaixados, com os ouvidos atentos para qualquer sinal que indicasse que não estavam sozinhos. Se tinha sido fácil daquele jeito para May e Trick entrarem, não dava para dizer se alguém mais tivesse decidido ter a brilhante ideia de ir vasculhar aquelas ruínas. E a pouca luz ainda contribuía para tornar o ambiente muito mais sinistro. May foi devagar o suficiente para que Trick conseguisse ficar perto dela o tempo todo, quase a abraçando. Sob outras circunstâncias, ela certamente teria objeções quanto a sentir o bafo dele em seu pescoço ou as constantes trombadas de cotovelos e joelhos em suas costas e pernas. Mas, no momento, ela estava feliz de tê-lo por perto.

Chegaram a uma enorme porta vermelha. Havia um aviso de saída escrito em vermelho e branco logo acima.

Ela fez que sim com a cabeça. “É aqui. É este o caminho. Tem um corredor aqui atrás.” Ela se apoiou no batente da porta e a maçaneta clicou. A porta se abriu.

“Beleza”, ele disse. “Tava com medo que ela estivesse trancada.”

“Eu também.”

Os dois ficaram estáticos na soleira. Estava muito escuro dentro da pizzaria e mais ainda no corredor que ficava mais ao fundo. A luzinha do chaveiro parecia menor que nunca, enquanto o prédio parecia grande demais, apesar de estar metade inteiro e metade demolido. Ainda havia bastante espaço para se ficar perdido por ali.

“Pra qual lado?”, ele perguntou, cutucando-a de leve nas costas.

Ela tentou raciocinar. “Se a gente está no fundo da pizzaria, então a Black Tazza ficava à direita. Vamos pra lá ver o que a gente acha”, concluiu. Mas não se mexeu. Os dois estavam conversando apenas para ouvir suas próprias vozes, com medo do escuro como se fossem crianças.

“Primeiro as damas.”

“De novo?”

“Tudo bem, então me devolve a luz que eu vou na frente.”

“Não”, ela disse. “Eu vou, pode deixar, eu vou.”

“Decide sua vida...”

E então ela foi; com passos curtos dados bem vagarosamente em meio ao corredor escuro como breu que parecia um túnel prestes a desabar a qualquer segundo. Trick estava ainda mais perto agora e respirava rápido atrás dela. Não conversavam mais, e os únicos sons que se ouviam eram os de pés se arrastando no chão empoeirado, às vezes chutando pedaços de destroços ou pisando em azulejos quebrados. Em algum lugar mais longe, uma goteira bem lenta caía sobre a pocinha que se formava.

À esquerda deles, May viu uma porta. “Aqui é o antigo banheiro da Black Tazza. Estamos no caminho certo.”

Ela tentava se convencer o tempo todo de que ela e Trick não estavam em nenhum subsolo. Estavam apenas dentro de um lugar tão decrepito que só restaria a ele um encontro com uma bola de demolição dali a uma semana. Aquela era a coisa mais perigosa e ridícula que ela já tinha feito na vida. E se estivesse enganada a respeito das chaves serem de verdade? Aquilo tudo podia dar em nada, exceto talvez pelos arranhões e machucados, e talvez a necessidade de uma vacina antitetânica.

“Por aqui. Esta porta, é esta aqui.” Ela pegou a maçaneta que logo emperrou e não cedeu.

“Trancada?”, Trick perguntou.

“É, esta aqui tá trancada.”

“Tudo bem, sem pânico.”

“Não tem ninguém em pânico aqui...”, ela respondeu.

“Ótimo, porque eu trouxe isso aqui.” Ele puxou um canivete do bolso e estendeu a lâmina.

Ela não estava bem certa se queria fazer aquilo. “Você sabe abrir a porta com um canivete?”

“Provavelmente. Mas não é só um canivete comum, é uma ferramenta multifuncional.”

Mas o “provavelmente” dele significava na verdade um “não”. A fechadura se recusou a ceder, não importava qual das lâminas Trick usasse para mexer nela.

“Esquece.” May virou de costas para ele e para a porta. “Tenho uma ideia melhor. Fica aqui só um minuto.”

“Sozinho? Neste escuro?”

“Eu não vou muito longe. Só vi uma coisa que pode ser útil ali na frente.”

Ali perto, no chão, havia um grande bloco de cimento, grande demais para ser carregado com uma só mão. Ela pôs a lanterna na boca e carregou o bloco juntou ao peito para levá-lo até a porta.

“Segura a luz”, disse, enquanto seus lábios seguravam o chaveirinho.

Com muito cuidado, ele pegou a luz de May e limpou a saliva dela nas calças.

“Agora aponta pra porta, tá?”

Com bastante esforço, May levantou o bloco acima dos ombros e o deixou cair na maçaneta. Depois bateu de novo, e uma terceira vez, e então só na quarta a coisa quebrou e saiu pulando no chão, rolando para longe no escuro. Ela deu um último safanão na porta e todo o mecanismo da fechadura caiu pelo buraco no piso de cerâmica fazendo barulho.

May largou o bloco de cimento de lado. Jogou seu peso contra a porta e a abriu, deixando um pequeno rastro de arco-íris no chão empoeirado.

“E eu pensando que você não queria invadir lugar nenhum...”, Trick disse.

“Ah, cara, fica quieto.”

Do lado de lá da porta aberta havia luz das janelas, ainda que elas estivessem cobertas de papel pardo e avisos da prefeitura. Trick desligou sua lanterna. Eles conseguiam ver o balcão próximo à janela com dois dos bancos deixados para trás e lugares onde lajotas do teto tinham pulado para dentro e agora deixavam entrever pedaços de fiação que se dependuravam como cipós em cores primárias. May deu uma risadinha.

“Do que você tá rindo?”

“Quase que está mais limpo agora do que quando era a Black Tazza.”

“Então... o lugar é este mesmo?” Ele chutou um pedaço de parede no chão. “Que lixo.”

“Pois é. Fica de olho aberto para alguma coisa tipo... tipo um fogo, eu acho. Ou qualquer coisa quente. Alguma coisa relacionada com fogo, eu acho.”

“Você ainda nem tem ideia do que seja, né?”

“Não. Mas a Princess X achou a máscara de ouro no fogo, e tem também algum tipo de cálice vazio envolvido.”

Eles se separaram, mas nem tiveram chance de se distanciar muito. O lugar não era tão grande assim e o tempo inteiro um estava no campo de visão do outro, meio que de propósito, ainda que nenhum dos dois fosse admitir isso. May olhou as paredes em caso de algum grafite oferecer alguma pista. Olhou também sob os balcões, dentro dos armários e por baixo dos bancos, que se abriam se você soubesse exatamente onde levantar. Achou um pacote fechado de filtros de café, pedaços de muitas canecas quebradas e um catálogo telefônico de 2009.

“Teve sorte aí?”, ela disse, chamando Trick, que estava nas pontas dos pés olhando em cima das prateleiras.

“Só um pacote mofado de copos para viagem. Uma pilha de bandejas velhas de plástico. Três pires quebrados, um punhado de saquinhos de adoçante e mais aranhas do que você gostaria de saber que existem.”

Quando viram que já tinham esgotado todas as possibilidades de ver um cálice, ficaram lá parados em silêncio. Por fim, May jogou as mãos para o alto. “Acho que eu estava enganada sobre este lugar, então. Mas valeu a pena vir dar uma olhada, não foi?”

“Valeu muito, concordo. E olha, é uma boa coisa que a gente tenha tentado agora. Imagina se você tivesse tido essa ideia depois que o lugar fosse demolido. Você não ia se perdoar pro resto da vida.”

Ela riu nervosamente. “É verdade. Bom... Pega a sua lanterninha aí de novo. Vamos sumir daqui antes que descubram a gente.”

Trick obedeceu May e eles saíram pelo mesmo caminho que tinham usado para entrar. A porta da cafeteria se fechou atrás deles com um novo buraco na fechadura que agora deixava vazar um fiapo da luz lá de dentro. Não ajudava muito e nem ia muito longe. Mais uma vez, estavam Tateando no escuro, sempre alertas para qualquer som de equipamento de demolição ou algum sem-teto maluco que tivesse invadido.

Quando chegaram de novo à porta do banheiro, May hesitou. Pôs a mão no braço de Trick e a luz que ele segurava balançou para cima e para baixo, lançando sombras estranhas em seu rosto. “Espera um minuto. Vamos olhar esse banheiro antes de a gente ir.”

“Tudo bem. Mas bem rápido. Este lugar é assustador pra caramba.”

“Não é assustador.” Ela se engalfinhou com o trinco da porta. “Não exatamente. Porque não é como um hospital velho ou hotel ou algum lugar onde um monte de gente morreu.” A porta do banheiro fez um sibilo ao abrir para fora quando ela tentou mais uma vez. “Me passa a luz de novo, por favor.”

“Não. Eu prefiro ficar segurando. Só me diz pra onde você quer que eu aponte.”

“Beleza, mas aqui é meio apertado para duas pessoas.”

“Eca...”

Ela nem discutiu. O quartinho recebia toda a luz do chaveiro, que refletia um pouco de volta para eles por causa de um grande espelho rachado que cobria uma parede. Eles pareciam saídos de um daqueles filmes de terror do tipo *A Bruxa de Blair*. Os rostos e as mãos estavam bastante sujas, os olhos enormes e as pupilas muito dilatadas. Ficaram olhando para o espelho como se esperassem alguma coisa aparecer por detrás deles, e dava mais medo desviar o olhar do que

ficar olhando.

Nada de monstros, nada da loira do banheiro. Nada a não ser...

“Ei...”, ela disse, apontando para um canto no espelho. “Vira de costas.”

Os dois se viraram ao mesmo tempo e ficaram de frente para o vaso. Trick apontou a luz para a louça destampada, revelando linhas de ferrugem lá dentro, mas nada mais. May então segurou a mão dele e apontou-a mais para cima, só um pouquinho. O facho se dirigiu ao reservatório de água e ali, logo acima dele, em um ponto onde havia um grafite bem grande.

“Aquilo ali... é uma coroa? Ou um chapéu ou coisa assim?”, ele perguntou.

“Não”, May disse, chegando mais perto. Manchas elegantes de amarelo e vermelho se espichavam pela parede, com pequenos rolos de fumaça se projetando do topo. “Olha só isso, Trick. É fogo.”

“Fogo saindo do reservatório da privada? O que eles serviam nesta pizzeria?”, ele disse.

“Não, olha só pra isso. O desenho é legal. Não é arte de rua vagabunda. É coisa feita por um artista de verdade.”

“Você acha que foi sua amiga?”

May respirou fundo e levantou a tampa do reservatório. “Não sei mesmo. Traz a luz aqui. Tem alguma coisa aqui.” Ela tentou afastar todos os pensamentos sobre aranhas e água suja do vaso sanitário de sua cabeça, então esticou a mão lá dentro e puxou um saquinho impermeável todo revestido com fita adesiva.

“Ah, uau!”, disse, chacoalhando a água e depois esfregando o saquinho em sua calça. Parecia que tinha algo dentro, mas era bem leve. “Seu canivete”, ela gesticulou nervosamente. “Me empresta aqui.”

Ele o estendeu (com apenas um breve resmungo sobre ser “uma ferramenta multifuncional, caramba”) e ela se sentou na beirada do vaso, mesmo que ele estivesse horivelmente nojento. Com cuidado, ela puxou a lâmina e a deslizou no vinco do saquinho, se assegurando de que não danificaria nada lá dentro. Uma vez feito um corte longo o suficiente, ela enfiou a mão e sentiu algo lá dentro.

“Vamos, me mostra”, ele implorou. “O que é?”

Ela puxou uma tira de plástico opaco ligada a uma máscara, bem como a história em quadrinhos havia sugerido. Mas não era uma máscara de fantasia ou daquelas de plástico que se usa no Halloween.

Trick fez uma careta. “Uma máscara... cirúrgica?”

May a virou e viu algo desenhado lá dentro: um par de olhos. No olho

esquerdo, estava escrito em letras bem destacadas: 58921. No direito, havia um 44228.

“Parece que sim. Qual era a charada, mesmo? Uma máscara de ouro com segredos nos olhos? Bom, ela é amarela. Serve, não serve?”

Ele fez que sim ansiosamente e olhou bem para o tecido. “O que são esses números? Você reconhece?”

“Não, não sei. Nunca vi antes.”

Ficaram olhando para a máscara em silêncio enquanto May vasculhava sua memória em busca de um significado. “Acho que poderia ser um número de telefone, talvez...? Tem dígitos o bastante pra isso. 589... isso é o DDD de algum lugar?”

“Não sei.” Trick puxou seu celular e discou, deixando no viva-voz e segurando-o entre os dois. Ambos se inclinaram sobre o brilho da telinha, morrendo de ansiedade, até que ouviram a clássica resposta: “Este número não existe”. Ficaram desapontados.

“Bom, não parece mesmo com número de telefone”, ele comentou. “Nem com um número da Previdência.”

“Talvez uma identificação de um paciente?”, ela sugeriu. “Até porque está escrito numa máscara de hospital e tudo...”

O rosto dele se iluminou. “É uma ideia muito boa. Podemos usar isso como ponto de partida. Vamos voltar pra casa e pesquisar.”

May se levantou e enfiou a máscara e o saquinho dentro de sua bolsa. “Bom, se dependermos de pesquisa, estamos à mercê das suas habilidades superiores de hacker.”

“É pra isso que você me paga. Se é que algum dia vai me pagar...”

“Ah, você vai receber seus 6,50 um dia desses.”

Conseguiram sair de lá bem rápido e, com grande alívio, se viram de volta à luz do dia e em meio aos destroços. Não tinha exatamente sol, porque o céu tinha se fechado todo enquanto eles estavam lá dentro; mas pelo menos estavam ao ar livre de novo, e conseguiam enxergar e respirar com tranquilidade, sem precisar da ajudazinha pífia daquela lanterna de chaveiro.

May limpou o rosto com a manga, mas a sujeira não saiu completamente. Mesmo que conseguisse ver, ela nem teria ligado. “Então... Ei! Eu tinha razão! As chaves existem!”

“Você tinha razão mesmo! De... alguma coisa!”

Ela deu um safanão no ombro dele, mas ambos só conseguiam sorrir feito dois idiotas. “Vem, vamos pra casa. Podemos pegar o ônibus na próxima rua.”

Os dois vibraram empolgados em todo o caminho de volta. Tentaram ficar quietos e não fazer muita graça, mas, assim que desceram do ônibus e caíram na calçada, Trick deu um pulo. “Eu ainda não acredito nisso!”, disse. “Nós conseguimos mesmo solucionar um dos mistérios!”

“Bom, eu solucionei esse mistério; e te falei que tinha sido a Libby!”

“É, tá, eu sei, você que me falou. Daqui pra frente, já vou considerar de antemão que você está certa cem por cento das vezes.”

“É, adoraria que isso fosse verdade. É uma pena que você provavelmente está mentindo.”

“Mentindo é uma palavra muito forte. Vamos dizer que estou exagerando. Vamos, nós já estamos quase em casa. Logo que eu chegar no meu computador, vou procurar esses números.”



DOZE

O apartamento de Trick era na verdade da mãe dele. Ou da mãe e do namorado, como ele fez questão de salientar a contragosto. Nenhum dos dois estava por perto. Trick disse a May para pegar qualquer coisa na geladeira, o que ela de fato fez; e ficou encantada de encontrar uma lata de Fanta uva. (E quem diabos ainda toma Fanta uva? A May toma, se conseguir achar.)

Ela adivinhou qual quarto era o de Trick na primeira tentativa, e se sentou na beirada da cama. Cruzou as pernas e ficou observando enquanto ele carregava o sistema que parecia um cruzamento de um computador da NASA e o maior console de videogame do mundo. Dois monitores ficavam bem alinhados um ao lado do outro e próximos a uma CPU preta e cinza, com uma dupla de HDs externos plugados sabe-se lá onde, mais o que parecia ser um HD de rede na prateleira superior da estante. A não ser pelo adesivo do *Grumpy Cat* nas costas da cadeira, aquela estrutura toda era um atestado de que ali estava um cara que levava suas atividades no computador bastante a sério.

May ficou só olhando enquanto ele ajustava coisas e abria menus e janelas cheias de painéis que para ela só pareciam um monte de números em fundo preto. De repente, ele disse: “Vamos começar com as coisas mais simples e óbvias. Lê os números pra mim.”

Ela tirou a máscara da bolsa, passou a mão para deixá-la mais reta e leu os números em voz alta. Ele foi digitando no Google e teve como resultado uma longa coluna de links que May não tinha como ler de onde estava sentada. “O que é isso tudo aí?”

Ele rolava e rolava a página, tão rápido que ela não acreditava que ele estivesse de verdade lendo tudo. “Essa sequência bate parcialmente com um monte de números de provedores, mas isso não significa nada. Não tô vendo nada muito promissor aqui. Se você estiver certa...” – e ele se virou, pousando o braço no encosto da cadeira – “se for mesmo o número de um paciente de algum lugar, não seria necessariamente uma informação pública. Eu teria de ir fuçar nos bancos de dados de alguns hospitais.”

“E isso é legal?”

Ele deu meio que uma risadinha. “Não, mas dá pra fazer. Claro que seria

bem mais rápido se eu tivesse uma ideia de qual hospital a gente tem de invadir.”

“Comece com os de Seattle. Libby morava aqui, então talvez o Homem Agulha também morasse. E tem outra: a história disse que ele teve uma filha que morreu. Talvez esse seja o número dela, de quando ela estava internada.”

Trick estalou os dedos para ela. “Bem pensado! Pode ser que a gente consiga ligar o Homem Agulha a alguma pessoa real sem precisar apelar para, hã, os canais menos convencionais. Vamos começar pelo que a gente já sabe.” Do lado do teclado havia um caderno. Ele pegou uma caneta e começou a rabiscar coisas. “A gente sabe que está procurando um homem que tem idade suficiente para ser seu pai, então vamos dizer que ele tem trinta e tantos, por baixo.”

“Um cara de trinta e tantos com uma filha morta.”

“Uma filha que teria morrido na mesma época de Libby”, ele acrescentou, escrevendo o mês e ano do desaparecimento de Libby. “Teria de ser algo bem próximo mesmo, porque senão ele não teria como usar o corpo da filha como substituto. E é isso que o site diz que ele fez.”

“Boa”, ela concordou. “Isso é bom, estamos avançando.”

“O cara poderia ser de qualquer lugar. Poderia nem ser americano. Não custaria nada ele ser canadense. Precisamos restringir o foco um pouco mais.”

“Bom, a Libby era miscigenada: metade japonesa, metade branca. A filha dele provavelmente era também.”

“Então esse cara deve ser asiático.”

Ela balançou a cabeça. “Não, ele não tem cara de asiático. Não nos quadrinhos, pelo menos.”

“Ah, é, tem razão. Então, estamos falando de um cara branco. E a filha dele ficou doente...” Enquanto iam falando, ele ia digitando de maneira vivaz, com os dedos parecendo que funcionavam independentemente da boca. May ficou na esperança de que a cabeça dele estivesse sintonizada na digitação, não no falatório. “Tinha que ser alguma coisa fatal, claro. Afinal, ela morreu disso. Alguma coisa como câncer ou... sei lá. Do que mais as pessoas ficam doentes e morrem?”

“Infecções? Gripe aviária?”

“Talvez, mas estou apostando em câncer. O Homem Agulha saiu em busca de alguém compatível, não foi? Que batesse com a filha dele? Pode ter sido por meio de medula óssea.”

“Ou sangue ou órgãos. Talvez ela precisasse de um transplante de fígado. Eu conheci um cara que fez um. Tinha uma cicatriz enorme. Parecia que ele tinha sido mordido por um tubarão”, ela comentou.

“Tudo bem, vou juntar isso na lista do ‘talvez’. Mas eu ainda prefiro câncer.”

“Ninguém prefere câncer”, ela disse.

“Ah, você entendeu...”

Enquanto Trick trabalhava, May deu uma olhada na estante de livros em cima da cama. Estava abarrotada de quadrinhos e outras revistas, com algumas *action figures* em meio ao material. Ela reconheceu Gordon Freeman de Half-Life 2, uma das irmãs pequenas de BioShock, Drake de Uncharted e alguns Spartans de Halo, ao lado de bonecos de Dragon Age. Sem muito a fazer, ela perguntou espontaneamente: “Você não tá meio velho para esses brinquedos?”.

“E você não tá meio velha pra esses contos de fadas com princesas?”, ele rebateu. “Pega alguma coisa pra ler aí. Isso aqui pode levar um tempo.”

“Não seria melhor pedir uma pizza?”.

“Sim. Não. Talvez. Ou por enquanto não”, ele decidiu. “Me dá uma hora. *Data mining*, pesquisas desse tipo, sempre me dão fome.”

Ela acabou dando a ele bem mais de uma hora porque ficou compenetrada na coleção de *Transmetropolitan* dele. Antes que ela pudesse terminar a última aventura cheia de palavrões de *Spider Jerusalem*, Trick se ajeitou na cadeira, ajustou um dos monitores e aumentou uma coluna cheia de números. E exclamou um “Ei!”.

May pulou da cama e ficou de pé atrás dele. “O que você conseguiu aí?”

“Hospital Pediátrico de Seattle. Como a gente estava falando de crianças doentes e tal, comecei pelo setor pediátrico.”

“Boa pedida, cara. E o que você achou?”

Ele apontou para uma janela com um endereço. Abriu um arquivo PDF chamado XrbrTesteClinico09. “Tá vendo isso?”

“Teste clínico. Testes com drogas?”

“É, com uma droga experimental contra câncer chamada Xerberox. Esta é a lista de pacientes, mas, por questões de privacidade, todos são identificados só com números de caso, nada de nomes.”

“E você achou o número da máscara?” Era meio que querer demais.

Ele se abaixou na cadeira, afastando o teclado, mas mantendo a mão no mouse. “Eu encontrei o número, sim, mas... Tudo bem, pra ser honesto, pensando bem, não vai ser de tanta ajuda quanto eu pensei que seria.”

“Por quê?”

Com a mão esquerda, ele mostrou a tela à sua frente como se ela pudesse ver muito bem qual era o problema por si mesma. E é claro que ela não tinha ideia do que estava vendo. Parecia uma prova de cálculo.

“A gente não tem o nome do paciente nem qualquer característica física”, ele disse. “Nada mesmo, nem o estado onde mora, nem o sexo, na verdade.”

May ainda não estava pronta para desistir. “É a primeira princesa. Tem de ser. E agora a gente sabe que ela estava aqui em Seattle. Sabemos que ela estava doente e que ela tinha câncer, justamente como você achou que era. E agora também a gente sabe, com certeza, que o número na máscara era um paciente de hospital. Por que então você não olha a ficha procurando pelo número?”

“Já tentei isso.”

“Tentou?”

“Foi a primeira coisa em que pensei, claro.” Ele se virou e olhou para ela.

“Então você não conseguiu entrar no banco de dados?”, ela perguntou, se concentrando de novo no que importava.

Ele fez uma expressão de escárnio. “Mas é claro que entrei. O sistema é até protegido, mas não é exatamente a Casa da Moeda. O problema é que o hospital apaga os registros de pacientes falecidos a cada três anos. Eu presumo que eles arquivem esse material em algum outro lugar, talvez um depósito, mas provavelmente em cópia física, uma papelada em uma caixa num porão. Alguma coisa assim.”

“Então a gente vai procurar esse porão. E começar a abrir umas caixas.”

“E ir pra cadeia. Direto pra cadeia. Sem nem passar pela primeira casa do Banco Imobiliário. Sem nem ganhar os 200 dólares do início.”

“E você tem alguma ideia melhor?”, ela perguntou, já imaginando onde conseguiria um kit de arrombar fechaduras e como seria o sistema de segurança do hospital.

“Me dá um minuto. Ou dois. Talvez cinco.” Ele olhou para ela de novo. “Tem mais uns lugares onde eu posso dar uma olhada. E vamos pedir aquela pizza.” Ele deu mais uma boa olhada no monitor da esquerda, como se quisesse que a tela lhe dissesse alguma coisa nova e muito útil.

Então, para a surpresa de May... a tela disse mesmo.

Ele franziu a testa e falou: “Ei, isso aqui é estranho”. Sentou-se mais à frente, prestando bastante atenção à parte do alto da tela, o endereço.

“O que é estranho?”

“O PDF não está no servidor do hospital. Fica num servidor privado que o site do hospital acessa. Hmmm...” Ele copiou e colou o endereço em um documento do Word que estava usando para fazer anotações. “Vou verificar isso depois. Agora, pizza.”

“E depois?”

“Depois você vai pra casa e termina de ler a história. Ou continua lendo o quanto aguentar. Eu não vou conseguir cavar nada de muito útil até de noite, que é quando as aberrações aparecem na internet.”

May pensou em ficar para dividir a pizza, agora que já conhecia Trick um pouquinho melhor. Ela apreciava a disposição dele em se meter em confusão, seu completo desprezo pela privacidade alheia e sua abordagem quase profissional em agir fora da lei. Mas o pai dela estava para chegar dali a pouco e ela queria ficar um tempo sozinha com a máscara, a mensagem e o site.

Então, decidiu dar boa-noite para Trick e voltar ao seu apartamento para ler um pouco.





May se sentou ereta em sua cama. Segurou a máscara cirúrgica com as duas mãos e a virou do avesso, e de novo e de novo, procurando por algum detalhe que tivesse escapado antes. Não via nada de novo nela. Era só uma mascarazinha barata e descartável feita de algodão. A cor era aquele amarelo sem graça que só se vê mesmo em hospitais, com quatro tiras brancas penduradas para se amarrar ao rosto.

E tinha a escrita à mão no verso, dentro das formas ovais onde ficariam os olhos. Seria a letra de Libby? May tentava lembrar como era a letra da amiga, concentrando-se bastante para se recordar de algum bilhete que tivessem trocado durante a aula ou de alguma mensagem deixada no escaninho que dividiam. Lembrava-se bem dos garranchos horríveis de Libby, mas aqueles números estavam escritos em letras de fôrma grandes que poderiam ter sido feitas por qualquer pessoa. Talvez Libby não as tivesse feito; talvez outra pessoa tivesse feito por ela. May queria acreditar que estava segurando um objeto que a verdadeira Libby, viva, tivera em suas mãos, mas não tinha como ter absoluta certeza, e isso a perturbava.

Irritada consigo mesma, e talvez com a Princess X e até um pouquinho com Libby, jogou a máscara do outro lado do cômodo. Ela bateu na porta do quarto e deslizou para o carpete, onde ficou embolada em um montinho.

“Esquece...”, disse para si mesma. Estendeu a mão para apagar o abajur ao lado da cama, mas então se deteve com um susto: o telefone estava tocando.

Não o seu celular ou o do seu pai, mas o telefone fixo, que ela mal tinha ouvido antes. Mudou de ideia quanto a ir para cama cedo demais e rolou para longe das cobertas, mais curiosa do que qualquer outra coisa. Enfiou os pés num par de pantufas brancas que imitavam galinhas e abriu a porta. Naquele momento, o telefone já tinha parado de tocar. Seu pai tinha atendido.

“Alô? Alô?”

Falou mais algumas vezes, deu de ombros e desligou.

“Quem era?”, ela perguntou.

“Acho que foi engano.” Ele voltou ao sofá. “Você já está indo dormir? São só 10 horas ainda.”

“Tô cansada”, ela disse.

“Muitas aventuras hoje?”

Ela mentiu. “Nah... Só fui tomar um café.”

“Com aquele garoto do computador?” May tinha conversado com o pai a respeito de Trick no dia anterior.

“É. Ele é tranquilo. É alguém com quem posso conversar quando você não

está em casa.”

Ele deu um meio-sorriso. “Você mal fala comigo quando estou aqui.”

“Bom, estou falando agora, não estou?”

“Sobre nada de importante.”

“O Trick é... Bom, você tem razão. Trick não é importante”, ela admitiu, mesmo já sentindo que aquilo não era verdade logo que falou. Naquele momento, ele era basicamente o único amigo que ela tinha no estado inteiro. A não ser, talvez, por Libby. Ela se encostou na moldura da porta. “Mas a Princess X é importante, e você já deve estar cheio de ouvir falar dela.”

Percebeu a máscara caída no chão e a empurrou mais para dentro do quarto com o dedão do pé.

“É uma coisa interessante. Um hobby e tanto esse que você arrumou.”

“Provar que alguém está viva e talvez tenha sido sequestrada e talvez esteja em perigo? Não é um hobby, pai.”

“Não, peço desculpas”, ele disse, tão sério que ela ficou quase com receio de que estivesse caçoando dela. “Não foi o que quis dizer. Eu deveria ter dito que é um projeto ou alguma coisa assim. Foi uma escolha ruim de palavras da minha parte. Me perdoe.”

“Ah, deixa...”, ela disse com um suspiro. Se virou para voltar para a cama, mas seu pai a chamou, e ela parou.

“May, você... conseguiu alguma coisa de útil daqueles papéis da biblioteca?”

Ela não queria ser desagradável com a única coisa legal que o pai tinha feito para ela naqueles últimos dias. Então disse: “Sim e não. Ainda estou repassando tudo. Tem muita coisa pra ler e você me conhece... Sou devagar.”

“Muito bem. Bom, espero que seja de alguma ajuda.”

“Tenho certeza que vai ser. Boa noite, pai.”

“Boa noite.”

Então ela foi para a cama, e já não se sentia mais tão frustrada.

Estava quase adormecendo quando o telefone fixo tocou de novo, com aquele som eletrônico tão tradicional, como se saído de um programa de TV. Ela ainda ouviu a voz de seu pai. “Alô?... Alô?... Alô? Quem está falando?” Ele desistiu e desligou.

E May se viu desperta de novo, gostasse disso ou não, então achou melhor dar mais uma boa lida.







May fechou o notebook com vontade e correu para pegar o celular. Já era bem tarde para as pessoas normais, mas ainda não tão tarde para o horário normal de Trick. Ainda não era nem meia-noite. Ela clicou no último número discado e tentou chamá-lo de novo, murmurando “Vamos, vamos, vamos...” bem baixinho. Ele não atendeu.

Ela se perguntou se ele já teria adicionado o nome dela em seu celular. Bom, àquelas alturas? Claro, né? Se fosse o caso de ele estar olhando para o celular, vendo o nome dela piscando e não fazer nada, ela iria dar uma bela sova nele no dia seguinte. Mas talvez ele tivesse colocado no silencioso, ou talvez até estivesse sem bateria. Poderia até mesmo estar falando com outra pessoa, ou tomando banho ou ter deixado o aparelho em algum lugar longe, onde ele não ouviria tocar.

Então ela tentou de novo alguns minutos mais tarde, e teve o mesmo resultado. Dessa vez, no entanto, deixou uma mensagem. Falou bem baixinho, já que seu pai estava dormindo no quarto ao lado, mas deu um tom bastante insistente em sua voz: “Cara, eu acho que solucionei o próximo mistério! Me encontra amanhã pro café. Sério, no café da manhã. Se esse seu traseiro preguiçoso não estiver fora da cama amanhã às 10h, eu mesma vou aí com uma arma de choque e uma garrafa térmica cheia.”



TREZE

Trick não ouviu o celular tocar quando May ligou, mas, mesmo que tivesse, provavelmente teria ignorado. Tinha problemas maiores para resolver do que a vizinha exigente do andar de baixo e seus mistérios.

Seu computador tinha sido atacado.

Ele soube assim que logou no sistema e esperou tudo carregar; notou uma diferença muito discreta, quase imperceptível, no tempo de carregamento. Então, fez uma varredura no sistema e lá estava o spyware. Alguém tinha passado para ele um exemplar particularmente agressivo.

Passou entre uma e duas horas tentando desesperadamente limpar o sistema, chutar a coisa para longe ou expulsá-la de algum modo, sem sucesso. Ainda estava lá, pelo menos até que ele conseguisse entender do que se tratava e como se livrar dela. Talvez um pouco mais de pesquisa fosse necessário. Por fim, ele tentou um de seus softwares de limpeza profunda preferidos e reiniciou a máquina.

Quando logou de volta, havia uma mensagem esperando no Gchat, mesmo que ele tivesse colocado no “invisível” e sem possibilidade de receber mensagens de pessoas fora de sua lista. Aquele Gchat estava de verdade começando a perturbá-lo.

PASSAROPRETOBRANCO: Você está aí, Trick?

ZHATTRICKZ: Passaroferido, eu presumo? Foi você que detonou minha máquina?

PASSAROPRETOBRANCO: Não está detonada, só infectada. Alguém estava curioso com a sua recente atividade de data mining e te rastreou até em casa. E não, não fui eu, mas foi bem fácil pegar uma carona.

ZHATTRICKZ: Você é um babaca.

PASSAROPRETOBRANCO: Estou te dando um aviso, seu idiota. Você precisa ter mais cuidado, se é que já não pôs tudo a perder, não sei. Você andou atrás de coisas no servidor de alguém muito mau, e aí ele te infectou com um trolljan só de sacanagem. Ele agora está tentando descobrir se o que você fez foi só uma bobagem inocente ou se sabe de alguma coisa.

ZHATTRICKZ: Um “trolljan”? Você só digita mal mesmo ou esse é o nome do script que ele me passou? E você vai me ajudar a limpar minha máquina?

PASSAROPRETOBRANCO: Nah, eu gosto de poder ficar de olho em você desse jeito, e o script nem percebe que eu também estou aqui olhando por cima do ombro. Você tem que passar em mais um ou dois testes antes de se aproximar mais. Quero ver como você se sai.

O ponto verde ao lado do nome PASSAROPRETOBRANCO apagou. Trick ficou furioso, mas o sujeito já tinha sumido mesmo. E se o tal “trolljan” era uma pista, ou um teste ou o que fosse... não era dos melhores.

Ou era?

Talvez ele devesse ligar para May. Pensando bem, já era meia-noite e ela provavelmente o mataria se ele tentasse. Mas uma mensagem de texto não teria problema.

Mas onde diabos estava o celular dele, mesmo?



CATORZE

Trick estava carrancudo quando ele e May se encontraram para o café na manhã, mas pelo menos ele compareceu, e isso já era alguma coisa. Ainda assim, estava em um mau humor espetacular, May pensou que não foi porque ela o tirou cedo da cama, mas porque alguém, de algum lugar, tinha feito alguma coisa com o computador dele.

“Não gosto disso”, ele declarou, segurando um garfo com um pedaço de crepe. “Num minuto, meu sistema está rodando limpinho; no outro, estou recebendo spyware na ‘busanfa’.”

“E o que exatamente é a ‘busanfa’?”, ela perguntou, querendo rir.

“Ah, que gracinha. Muito bonitinho. Sabe o que não é bonitinho? Spyware. E spyware muito bem feito não é nada de bonitinho. Ele entra no seu sistema e bagunça tudo e fica mandando informação para quem o programou.”

“Então vai lá e desinstala isso, ué. Você não é o cara da TI?”

“Mas eu tentei! E continuo tentando”, ele respondeu. “Estou rodando outro limpador agora mesmo. Na hora que a gente terminar aqui e voltar pro apartamento, ele já deve ter acabado de escanear. Isso tudo é muito estranho e eu tenho certeza de que tem a ver com a Princess X.”

“Controla esse tom de voz!”, ela pediu.

“Eu estou controlando. Assim como alguém está controlando o meu sistema.”

“Não, não estão controlando seu sistema. Só tem alguém... te vigiando no momento. De algum outro lugar e com uma intenção duvidosa.”

O olhar dele cintilou por um instante. “Você sabe que poderia ser o Homem Agulha, né?”

“Você só está falando isso porque sabe que me interessaria se fosse”, May respondeu. “Mas spyware não me interessa. Então, tenta de novo.”

“Não, é sério.” Ele limpou a boca com um guardanapo e assumiu sua expressão de teórico de conspirações muito sério e preocupado. “A primeira vez que eu notei que tinha alguma coisa foi logo depois que você saiu ontem, depois que a gente descobriu o PDF daqueles testes clínicos. Lembra que eu falei que ele não estava no mesmo servidor dos arquivos do hospital? Então olha só: o IP

indica que é algum lugar na ilha de Bainbridge, e parece que esse servidor de lá abriga um bocado de registros hospitalares antigos. É basicamente uma versão digital daquele porão do hospital de que a gente tava falando.”

“Hospitais fazem isso? Terceirizam o armazenamento de registros?”

“Muitas empresas fazem isso”, ele confirmou. “Escritórios de advocacia, hospitais, escolas, editoras e o que mais você pensar. Às vezes, eles precisam manter esses registros antigos por razões legais ou coisa assim, mas não querem aquele monte de porcaria velha tomando espaço nos próprios equipamentos. Além disso, a armazenagem em nuvem traria muitos problemas de segurança, e essas empresas preferem não correr esse risco.” Ele foi pontuando a fala com batidinhas do garfo na beirada do prato. “Não. Eu acho que é um *data center* particular. E quem quer que seja o dono gosta de ficar monitorando o tráfego.”

“Um *data center* em Bainbridge? Isso não fica... tão longe assim.”

“E é uma ilha. Lembra que a Princess X fugiu de uma ilha?”

Ela estava gostando do rumo daquela conversa, mas não estava exatamente preparada para aceitar tudo aquilo assim tão fácil. “Olha, o mundo é cheio de ilhas. O estreito de Puget tem um bocado de ilhas, por exemplo. Esse negócio de tirar conclusões apressadas é comigo, não com você.”

“Pega a minha mão e me acompanha nessa.”

Ela balançou a cabeça. “Você acha mesmo que o Homem Agulha gerencia um *data center* esses anos todos e fica arquivando registros médicos da própria filha?”

“Não só os da filha dele, mas todos os relatórios dos testes clínicos e de outras drogas experimentais também. Pode ser só coincidência, mas aposto que não é. O Homem Agulha com certeza é um nerd de computador, mas pode até ser que seja um hacker. Faz sentido que ele trabalhe com tecnologia, com servidores de web ou essas salas de servidores. É o tipo de trabalho que você pode fazer de casa, isolado. Tudo de que precisa é de uma conexão T1 e você tem como gerenciar sua vida toda a partir do computador.”

“Mesmo assim, é uma conclusão muito forçada...”

“Mas o operador do servidor – seja lá quem ele for – anexou um cavalo de troia naquele PDF para ver quem eu era. Para saber se era só uma consulta inocente de alguém que clicou num link errado ou se era alguém curioso sobre a morte da filha dele.”

“Porque isso significaria que alguém teria feito a ligação entre a filha morta dele e a minha amiga não morta?” Havia um certo exagero na suposição, mas ela conseguia ver as peças tentando se encaixar. Elas trombavam umas com as

outras dentro da cabeça de May, lutando para formar um quadro maior.

“Agora você está pensando do mesmo jeito que eu! Que nervoso!”

“Mas você vê no que estou me baseando, não vê? Talvez tenha havido perguntas inoportunas sobre o enterro ou cremação da filha dele ou qualquer coisa relacionada, já que, pelo que estamos imaginando, ele provavelmente jogou o corpo da filha no mar e deixou a polícia acreditar que era Libby. Pode haver um milhão de motivos pelos quais ele estaria, digamos, sensível com relação a essa informação. E a gente ainda nem sabe quais são as coisas que ainda não sabemos!”

“Essa é a maior verdade que você falou até agora.”

“É? Pois isto aqui é mais verdade ainda: esse cara está me vigiando por meio do meu computador. Agora que a gente achou aquele PDF, ele sabe que nós sabemos dele.”

“Só que, na verdade, nós não sabemos nada...”

“Ah, vai... Você mesma leu lá na história: o Homem Agulha falou pra princesa que ele a mataria e a todo mundo de quem ela gosta se ela tentasse fugir dele. Sabemos que o pai dela apareceu morto uns anos atrás, e sabemos também que esse cara vem tentando atrair delatores com a recompensa. Então, não somos só nós que estamos procurando a princesa. Aquele PDF...”, ele mudou o tom de voz, falando mais para si mesmo, como se estivesse se martirizando. “Aquele PDF era praticamente uma armadilha e eu caí nela sem nem perceber.”

“Mesmo que você esteja certo, tudo o que isso quer dizer é que... que...” Ela fez uma pausa. “Acho que quer dizer que nós vamos ter de tomar mais cuidado e agir mais rápido. Mas são coisas que a gente já vinha fazendo mesmo.”

Ele já nem estava ouvindo mais. May percebeu isso pelo modo como ele encarava o próprio prato quase vazio, reorganizando as migalhas e o resto do molho com o olhar. Ele puxou seu cartão de crédito e o jogou na mesa. “Aqui, deixa comigo. A próxima é sua.”

May pensou que devia ser muito bom poder comer sem precisar saber quanto deu nem fazer as contas. Definitivamente, ele não precisava dos 6,50 dela.

“E o que tem pra agora?”, ele perguntou assim que a garçonete pegou o cartão. “Qual é essa grande emergência que levou a gente a se encontrar antes do meio-dia?”

“Ah, é mesmo”. Ela nem tinha falado ainda a razão pela qual o tinha tirado da cama naquela hora tão ingrata da manhã. E por ‘hora ingrata’ ela queria dizer ‘dez e meia’.

“Nós vamos para Fremont, porque consegui resolver outra charada da

história”, ela proclamou.

Ele fez uma expressão de ceticismo, enrugando as sobrancelhas. “O que tem em Fremont?”

“O troll.”

Ele virou os olhos. “É sério isso?”

“O quê? Tem mesmo um troll na história! E, sim, eu sei que a estátua em Fremont é óbvia e... Bom, estou meio de brincadeira. É que nós não vamos exatamente visitar o troll; vamos é seguir as instruções que ele deu e achar as sereias.” Ela apanhou a bolsa e a jaqueta de veludo cotelê azul.

“Sereias? Você acha que tem sereias em Fremont?”

“Com certeza tem”, ela jurou. “Vamos indo. Se a gente der sorte, conseguimos pegar o próximo ônibus.”

Chegaram ao ponto bem a tempo de ver partir o ônibus que eles iam pegar, mas tudo bem. Não estavam longe da principal estação rodoviária da cidade, e o caminho para lá era só descida. O dia já estava quase quente de novo, ensolarado, mas com muito vento, daquele jeito esquizofrênico que só o verão sabe ser. E ainda por cima o clima estava bem seco.

Enquanto rumavam para a estação, Trick exigiu mais detalhes a respeito daquele papo de sereias.

“Tem outras coisas fantasiosas em Fremont além da estátua do troll”, ela informou. “Tem também um punhado de placas esquisitas feitas de néon, incluindo algumas com moças nadando e mergulhando; são as nossas sereias. Dizem que tem um conto de fadas qualquer que junta as duas coisas, mas sei lá se isso é verdade ou não. Eu e a Libby colocamos parte disso nas nossas histórias da Princess X, lá naquela época.”

“E eu ainda nem faço ideia do que você está falando.”

“Você age como se nunca tivesse ido lá”, ela disse, frustrada. “Escuta o que estou dizendo, beleza? Não é só a instrução do troll sobre encontrar as sereias... É também a Poção de Maçã do Amor. Foi essa a dica escondida que a Libby quis me passar.”

“Será que eu quero saber o que raios é uma ‘poção de maçã do amor’?”

No mesmo minuto, ela entrou em modo de exposição detalhada, “falando” com as mãos como ele próprio fazia quando estava animado com alguma coisa. “Certo: quando Libby e eu éramos crianças, a gente não podia usar maquiagem de verdade, mas gloss labial era tranquilo. O nosso gloss preferido era o de uma marca vendida em farmácias que não é mais fabricada, mas a cor se chamava Poção de Maçã do Amor, exatamente como o troll falou. E é assim que eu soube

que a gente acharia as sereias em Fremont. É um detalhe que ninguém mais notaria, a não ser eu.”

“É, acho que vale a pena dar uma olhada.” Ele pareceu mais ou menos disposto, mas May suspeitava que ele ainda estivesse pensando no computador infectado. Garotos e suas cabecinhas travadas...

Chegaram em frente a um restaurante e tiveram que desviar em volta de um furgão híbrido gigantesco que estava parado ilegalmente bem ao lado de um hidrante. May desejou ao motorista todo o carma que viria com a multa, chutou o pneu quando passou por ele e se sentou no banco, no ponto de ônibus, no meio do quarteirão.

O ônibus apareceu cinco minutos adiantado ou atrasado, sabe-se lá, mas definitivamente fora do horário certo, não que algum deles fosse reclamar por isso. Entraram e foram para os bancos do fundo

Pela janela, May viu de novo o tal furgão. Ou talvez fosse um modelo bem parecido, difícil dizer... mas vinha agilmente em meio ao tráfego bem atrás do ônibus. Ela quase falou alguma coisa para Trick, mas mudou de ideia. Provavelmente, não era nada.

* * *

Dali a meia hora, entraram em Fremont. Aquele bairro tinha personalidade, como o pai de May diria. Tinha sido construído por cima de um conjunto de morros um tanto íngremes, de modo que tudo era meio encavalado e todas as lojas, restaurantes e cafés foram construídos uns em cima dos outros. Bem no meio do primeiro cruzamento da rua principal, havia uma placa ridícula reivindicando que Fremont era o centro do universo e oferecendo distâncias aproximadas até um punhado de lugares mais ou menos distantes, tanto reais quanto ficcionais. E havia mesmo um troll sob uma das pontes: uma escultura feita de pedra ou concreto, do tamanho de uma garagem para um carro só. Era no mínimo grande o bastante para carregar um Fusca em uma mão, já que, bem, era exatamente isso o que ela fazia, para sempre imortalizada naquela pose de “Hulk esmaga!” que deleitava os turistas e fazia os habitantes locais não suportarem.

Trick resolveu que queria ir ver o troll primeiro, e, já que ele ficava só a uns dois quarteirões das placas de néon com as nadadoras, May não mostrou nenhuma objeção. “Nunca se sabe”, ele disse. “Pode ter outro sinal secreto por lá ou coisa assim. Outra pista escondida indicando o caminho. Vamos... só dar uma

olhada, tudo bem?”

“Mas é que eu já achei a pista que estava escondida...”

Ele balançou a cabeça e deu um sorriso, o primeiro do dia, pelo que ela reparou. “Mas o que você teria contra o troll, afinal? Não vem me falar que você é velha demais pra se divertir montando em um troll.”

“O quê? Hoje? Claro que sou, cara.”

“Para de me chamar de cara. Isso me deixa louco.”

A escultura em questão assombrava Fremont por debaixo da ponte interestadual, com o carro na mão. Tinha uma expressão vazia e até meio cordial, mas era o tipo de coisa que, uma vez que você tenha visto, então já viu e pronto. E May já a tinha visto.

“Ah, vai, vamos pular essa parte”, ela pediu. “Olha, tem um monte de gente lá em cima.”

“É o melhor jeito de passar despercebido. Entrar em uma multidão.”

Ele começou a subir o morro e ela foi atrás, tão rabugenta agora quanto ele estava há pouco, durante o café.

Não havia nada de novo ou empolgante ali para ela, nem mesmo um grafite discreto da Princess X. Eram só muitos turistas amontoados em uma rua fechada que causavam um congestionamento permanente, deixando tudo tão lento que todo mundo tinha uma chance de dar uma olhada no troll e tirar uma foto com o celular. Fora os carros, ela viu também duas famílias com crianças alegremente escalando os braços da estátua, um par de meninas vestidas de Lolita com vestidos pretos, três homens usando ternos e comendo sanduíches, e muitos skatistas fumando. Eles acenavam com a cabeça quando outro skatista apareceu, um punk mais alto com o cabelo tão louro que era quase branco. Ele não pesava mais que uns 40 quilos e parecia ser velho demais para fazer parte daquele grupo, mas estava vestido exatamente do mesmo jeito, usando um delineador bem forte e roupas pretas rasgadas que se agarravam no corpo como as bandagens de uma múmia.

May não tinha intenção de ficar encarando. Ele era até bonitão, mas não era por isso. Tinha alguma coisa estranha nele, e o que quer que fosse, ela não conseguia identificar.

Ela desviou o olhar, observando Trick, que subia. Mas aí as pessoas poderiam pensar que eles eram um casal e isso não seria legal, então ela mudou de ideia e ficou olhando para as rachaduras no passeio enquanto eles escalavam o morro. Quando ela olhou para cima de novo, o magrelo de preto já tinha ido embora.

Quando chegaram no alto, ela perguntou: “Escuta, o que você está realmente procurando, hein? As placas com as nadadoras estão lá do outro lado”.

“Você quer saber o que realmente estou procurando?”, ele respondeu bem calmo. “A verdadeira razão pela qual a gente está aqui é que estou seguindo uma pista que consegui quando pesquisei sobre o spyware no meu computador. Tem um cara... um, hã, tipo um hacker que eu conheço. Ele chamou o programa que está infectando a minha máquina de ‘trolljan’.”

“O quê? Um... trolljan?”

Os olhos dele percorreram meticulosamente a parte de baixo da ponte: o próprio troll e o Fusca que corria o risco de ser esmagado. Era como se ele estivesse catalogando tudo ali nos arredores. “É um trocadilho ruinzinho com trojan, eu presumo. Como no Cavalo de Troia, sabe? É como um trojan horse, que é um tipo de vírus que entra disfarçado no computador e permite que outras pessoas tenham acesso às suas coisas. Você me deu essa ideia hoje no café e, já que a gente vinha pra Fremont de qualquer jeito mesmo, achei que podíamos passar aqui e dar uma olhada.”

“Tudo bem, então já demos uma olhada. Não tem nada aqui”, ela declarou firmemente. “Vamos seguir uma pista melhor, então.”

Mas, lá no fundo de seus pensamentos, ainda estava aquele magrelo de delineador e roupas esfarrapadas. Ele não se parecia nada com o Homem Agulha, mas talvez o vilão não agisse sozinho.

Trick deu uma volta em torno do troll antes de voltar para junto dela. “Tudo bem, eu desisto”, disse. “Vamos.”



QUINZE

À medida que se afastavam do troll, May ficou de olhos abertos para qualquer sinal de pessoas que pudessem ser problema. O modo como Trick ficava olhando em volta constantemente também demonstrava que ele estava com o mesmo pensamento. Os dois estavam nervosos e alertas. E May talvez ainda estivesse mais nervosa agora com aquela história de “trolljan”. Era assustador pensar que eles podiam estar sendo vigiados.

Ou talvez ela só estivesse inquieta por sentir que Libby estava mais próxima. Afinal de contas, May tinha achado a primeira chave e só havia mais duas a serem encontradas até chegarem à tal “menina cinzenta”. Então, Libby só esteve tão próxima assim na ocasião de seu enterro.

Ou na ocasião em que a filha do Homem Agulha tinha sido enterrada em seu lugar.

May enfiou as mãos nos bolsos. Poderia apostar sua alma no fato de que o corpo no túmulo de Libby pertencia à tal da outra garota. Imaginou qual seria o nome dela, se ela algum dia tinha tido alguma noção de como o pai dela era mau. E então se perguntou ainda se aquilo era realmente maldade, querer salvar sua filha a qualquer custo, mesmo que o custo fosse a vida de outra pessoa.

Sim, é maldade, ela concluiu. É maldade porque isso me custou a Libby.

Além do mais, o Homem Agulha também tinha custado a Libby a vida da mãe dela, talvez também a do pai, e sua própria liberdade. E, do modo como as coisas iam caminhando, nunca se sabe se poderia acabar custando a vida de May ou de Trick, ou a de Libby mais uma vez, se eles conseguissem encontrá-la.

“O quê?”, Trick perguntou.

“Quê o quê? Não falei nada.”

“É que você está fazendo uma cara de quem está pensando em gente ruim que chuta gatos ou espanca bebês ou coisa assim.” Ele deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos, assim como ela. Era como se quisessem combinar.

Mas May não queria nada combinando daquele jeito. Tirou as mãos de dentro da jaqueta, jogou fora uns fiapos que tinham se enrolado nos dedos e disse: “Beleza. Eu estava pensando é que, se você acabar sendo responsável por minha morte, nunca vou te perdoar”.

“Ah, você só está com raiva porque não te contei sobre esse trolljan antes de a gente vir pra cá.”

“Eu não gosto de sair caçando algo que não sei o que é.”

“Mas isso não foi...” Ele tirou as mãos dos bolsos para poder gesticular e dar mais ênfase ao que estava dizendo. “Isso não foi uma caçada por si mesma. A gente já ia vir pra cá mesmo, só fizemos um pequeno desvio. Não fez mal nenhum, então não teve problema.”

“É, pelo menos foi coisa pouca”, ela disse. “Vamos por aqui. As placas de néon com as nadadoras ficam logo ali na via principal.”

“Eu acho estranho nunca ter reparado nessas tais placas.”

“É que elas não são exatamente... placas de propaganda”, May explicou devagar. “Não tem nada escrito. É tipo uma decoração de lanchonete antiga ou daquelas que só piscam feito as de Las Vegas. São só... imagens. Tem umas pessoas dançando, tem uma mulher mergulhando e tem um foguete. Só coisas assim, que ficam espalhadas pelo quarteirão todo. Ficam escondidas à vista de todo mundo, na verdade, até que alguém percebe que estão lá como parte do cenário.”

Eles passaram pelo cruzamento e, depois de um ou dois quarteirões à direita, May apontou para a figura dos dançarinos. Eram um homem e uma mulher vestidos como em um baile, em uma pose de dança perfeita. Também viram por ali um bar e uma cafeteria que era só uma portinha no meio do quarteirão, mas, pelo que ela podia dizer, os dançarinos nada tinham a ver com aqueles dois lugares. Eles só ficavam ali, e ali estavam desde muito, mas muito tempo, e ninguém sabia o porquê.

“Era disso aqui que eu estava falando”, ela disse, apontando com a cabeça. “Eles são mais quadros artísticos do que placas. Mas tem um bocado deles por aí. Tem uma bicicleta em outro lugar e até uma garrafa de vinho com uma taça do lado.”

“E...”, ele exclamou, dando uma corrida até o final do quarteirão, “uma mergulhadora logo aqui!”

Passou pela frente de um beco e ficou logo embaixo da placa, que tinha uma longa linha formando um maiô azul e uma touquinha amarela de natação, como a de competidoras olímpicas. As mãos da figura ficavam perfeitamente apontadas para a calçada e os dedos do pé virados para o céu.

“É ela!”, May concordou, correndo para junto dele. “É a sereia.” Os dois ficaram olhando para as mãos da mergulhadora que estavam logo acima de suas cabeças. May então olhou para baixo em meio aos seus pés. “Você acha que ela

está apontando para alguma coisa? Talvez algo enterrado aqui embaixo?”

Trick fez uma careta e balançou a cabeça. “Não me parece que alguém tenha mexido nesta calçada desde bem antes de a gente nascer. Parece que nem tem reparos, aliás. Não sei... Não me parece certo, isso.”

“É, não tá parecendo especialmente significativo”, May concordou, se agachando para mexer nas beiradas do meio-fio. Passou os dedos pela terra, enfiando-os tão fundo quanto conseguiu, mas não sentiu nada de diferente ali. Era só um pouquinho de lama, um ou dois caracóis e umas pedrinhas. “Mas a Black Tazza também não parecia nada especial à primeira vista.”

“Pelo menos ninguém estava olhando quando a gente invadiu a Black Tazza. Acho que, hã... seria melhor irmos andando”, Trick disse. May olhou para cima e percebeu o olhar dele indo além de seus reflexos na vitrine do restaurante. “Aquele pessoal ali dentro parece estar pronto pra chamar a polícia por nossa causa.”

Ela limpou a mão na calça. “Mas a gente não pode ir embora ainda. Este é, sim, o lugar certo”, insistiu. “Talvez só não seja... sei lá. Talvez só não seja exatamente o lugar certo.”

“Vamos. Tem um café ali na frente. A gente pode tomar alguma coisa e fazer outro brainstorming...”

Mas May percebeu o jeito muito arrastado como ele falou aquela última palavra, e então olhou para a rua, tentando ver o que tinha chamado a atenção de Trick. Ele estava com os olhos parados em um furgão cinza-escuro que passava silenciosamente apenas alguns metros adiante. Era um híbrido do mesmo modelo e cor daquele que ela tinha visto em Capitol Hill antes de eles entrarem no ônibus. Passou tão devagar e sem fazer qualquer barulho que até a assustou. Por causa da película escura no para-brisa e o modo como o céu estava refletido no vidro, ela não conseguiu ver quem estava lá dentro.

Na verdade, parecia que não havia ninguém. Era como um carro fantasma, e até a falta de som era fantasmagórica também.

Mas era muita coincidência, não era? A não ser pelo fato de que May não acreditava em coincidências.

Ela olhou para o semáforo logo ao lado deles e viu que ele estava verde, mas o furgão não acelerou. Na verdade, diminuiu a velocidade e chegou bem perto deles.

May pegou o braço de Trick.

“Esse aí é algum amigo seu?”, ele perguntou.

“Não. Fica calmo”, ela pediu.

Eles não ficaram esperando alguém abaixar o vidro nem nada assim. Só se viraram e começaram a andar, firmes, mas sem correr, em direção ao café que Trick tinha mencionado antes e que ficava na direção oposta a onde estava o furgão. May apertava com um pouco de força o braço dele e parecia nervosa. Lutou para não olhar para trás e ver para onde tinha ido o furgão.

“É só um carro. Provavelmente não é nada. Talvez a gente só esteja exagerando.”

“Talvez”, ele concordou, com os lábios cerrados em uma linha tensa. “Mas isso é bem esquisito.”

“Sabe o que é mais esquisito ainda? Acho que aquele cara seguiu a gente até aqui desde que a gente saiu lá de Capitol Hill.”

“O quê? É sério?”

Ela não respondeu. Pelo reflexo na vitrine das lojas, pôde ver que o furgão ainda estava lá parado bem junto à calçada, bloqueando o tráfego. Ela não conseguiu mais se segurar e deu uma olhada rápida por cima do ombro, a tempo de ver um sedã prateado passar por ele. O motorista pôs a mão pra fora e mostrou o dedo para o furgão.

Assim que o carro passou, o furgão escuro engatou a marcha. Os pneus giraram rápido e cantaram, e o veículo, mesmo tão grande e pesado, fez um retorno brusco pelo meio da pista, raspando o pneu de trás no meio-fio e levantando terra e grama enquanto ele acelerava e pegava a pista contrária.

Trick gritou antes que May esboçasse qualquer reação: “Corre!”

Ambos deram no pé e May soltou o braço dele para que pudessem correr mais livres. Logo atrás, ela ouviu o furgão dar uma rabeada na pista. Racionalmente, sabia que o carro não poderia simplesmente pular no passeio e atropelar os dois, até porque, para começo de conversa, teria de atravessar duas pistas de tráfego no sentido contrário. Mas foi exatamente o que ele fez; e então passou por um sinal vermelho e depois outro, perseguindo-os o tempo inteiro.

“Por aqui!”, May disse, se enfiando em uma rua menor à esquerda, onde tinha um estacionamento vazio que servia de palco para projeção de filmes durante o verão. O furgão fez a curva suavemente, cortando dois carros que vinham e subindo na calçada até se endireitar e recomençar a perseguição.

Uma mulher empurrando um carrinho de bebê gritou e enfiou seu filho em meio à grama. Um grupo de turistas correu do quarteirão e se refugiou dentro de uma loja de lingerie. Subindo e descendo os morros, May tropeçou na calçada irregular e Trick a segurou antes de ela cair, e então foi a vez de ele tropeçar e ela o apanhar. Ela não podia acreditar no que estava acontecendo. Tinha gente

para todo lado, mas os dois eram o alvo! Em Fremont! Era loucura, só podia ser; e só uma pessoa louca poderia pensar em fazer uma coisa daquelas.

Não conseguiram despistar o carro, nem mesmo por alguns segundos. Era um atestado do quanto o motorista conhecia bem aquela região e do quanto o tráfego por ali era tranquilo. Toda a quietude, somada às decisões rápidas dos outros pedestres, fizeram com que o furgão não atingisse ninguém, ou pelo menos eles achavam que ninguém tinha sido atingido. Mas ela conseguiu ouvir pessoas gritando enquanto eles passavam correndo, e até mesmo algumas falando no celular coisas do tipo “Alô, polícia? Eu estou em Fremont e tem um cara bêbado dirigindo em cima da calçada... Quase pegou um bebê...”

May estava ficando sem fôlego e precisava muito dar uma parada, mas o furgão não daria essa chance. Eles conseguiram deixá-lo para trás em um quarteirão só para que ele os alcançasse de novo no seguinte, mesmo quando voltavam pelo mesmo caminho e passavam por dentro de lojas.

“Talvez a gente... a gente devesse...”, ela tentou dizer em meio à respiração ofegante, “se esconder numa dessas lojas...”

Ele balançou a cabeça dizendo que não, e ela sabia que ele tinha razão. O que eles tinham de fazer era despistar o cara de vez, e não guiá-lo para um ponto específico onde ele pudesse ir atrás deles a pé e encurralá-los. Trick começou a puxá-la morro acima de novo, de volta ao troll, mas ela recolheu o braço e disse “Não, não consigo”. Foram as únicas três palavras que ela pôde deixar escapar. Não conseguia correr mais, muito menos uma subida.

Um entroncamento deu a eles uns trinta segundos de vantagem, se muito; o furgão tinha ficado preso em um cruzamento triangular. Mas eles estavam ali, à vista, bem no meio da rua, e o furgão já estava arrumando um jeito de pegar uma lateral, talvez passando pelas vias de pedestres em torno do entroncamento para continuar no encalço deles com a tenacidade de um zumbi.

“Você viu...”, Trick disse quase sem conseguir falar, “que o furgão... que ele não tem placa?”

“Não”, ela retrucou de volta. Olhou para a esquerda, depois para a direita e então para trás. Pensou ter ouvido sirenes à distância, mas aquilo não queria dizer nada. Poderiam inclusive ser ambulâncias ou carros dos bombeiros. Talvez não fosse a polícia, mas, mesmo que fosse e que estivessem atrás justamente daquele cara, não chegariam a May e Trick antes que o furgão os pegasse.

Ela então olhou para a direita de novo e viu algo que levou embora seu último fôlego.

Era aquele cara de antes, o magrelo de cabelo quase branco de tão louro,

vestindo aquela roupa preta de múmia. Ele estava na beirada da ponte olhando para ela com olhos sem expressão. Quando percebeu que ela o tinha visto, ele acenou e fez um gesto para que ela fosse para perto dele – e então sumiu na esquina.

Era uma aposta que ela teria de fazer sem tempo para decidir, mas pelo menos ele não estava correndo atrás dela de carro, o que fazia ele ganhar alguns pontos. Se tinha um momento em que ela teria de rolar os dados e torcer pelo melhor, então o momento era aquele.

“Ah, esquece”, ela murmurou para si mesma. “Trick! Vem pra cá!” Um fôlego desesperado deu a ela energia suficiente para puxá-lo pelo braço e começar a correr de novo.

“Pro lago?”

“É, na direção do lago!” Era uma descida, o que por si só já era ótimo. E não ficava tão longe, o que também era excelente.

“O que a gente vai fazer?”, Trick perguntou com certo pânico na voz. O tráfego começava a fluir e o furgão certamente ainda não tinha terminado com eles. “O que você tá procurando aí?”

“Não tenho certeza...”

E então May congelou ao olhar para as luzes e para o piso de grade da ponte, enquanto um ônibus passava languidamente por ela e jogava uma lufada de ar quente em seu rosto. Ela piscou, esfregou os olhos e disse: “É ela. É ela que eu estava procurando. E ela está bem ali...”

Uma segunda mergulhadora, bem semelhante à primeira – também desenhada em néon e com seu maiô modesto e a touca de natação – ficava suspensa sobre a ponte como se estivesse pulando a mureta e indo para o canal abaixo.

E May ainda viu uma outra coisa: um laivo preto e amarelo que deslizava rápido pela encosta abaixo.

Pegou a mão de Trick que estava suada e pegajosa, assim como a dela. “Por aqui.” Saiu arrastando-o para longe da rua, saindo de Fremont e descendo a encosta. A grama úmida sob seus pés deu lugar a grandes pedras. Lá embaixo, na água, ela viu diversos barcos amarrados à margem: casas flutuantes, veleiros, canoas e jangadas. Não era lugar para um carro, o que queria dizer que eles podiam sumir ali pela água se precisassem, como a Princess X uma vez fizera.

“Não, por aí não”, Trick disse. “Vamos deixar a água como último recurso. Volta pra cima.”

Ele tinha razão, porque May estava mesmo deixando a gravidade e sua

própria exaustão arrastá-la para baixo onde ficavam as margens, e não era daquilo que eles precisavam no momento. Não era para lá que a mergulhadora apontava, e May agora podia perceber isso, já de um ângulo diferente quase embaixo da ponte.

A mergulhadora na verdade mirava uma pequena plataforma seca onde os pilares e postes da ponte tinham sido reforçados. O punk de cabelo quase branco estava parado lá mesmo, aparentemente à espera deles. Fez uma breve saudação, andou por debaixo da ponte e então desapareceu.

Lá em cima, ela ouviu mais sirenes e pôde ver os reflexos azuis e brancos, e luzes fortes que corriam para cima e para baixo na ponte. “O furgão... Será que eles conseguiram apreender?”

“Devem ter conseguido, né? A polícia apareceu e ele não tinha como descer aqui para a margem mesmo, nem com tração nas quatro rodas”, ele disse com mais confiança do que May na verdade sentiu. “Ele tem que ter sumido a essas alturas.”

Ela percorreu com os olhos os cantos dos quarteirões logo à frente, sem acreditar muito nas habilidades de observação de Trick ou mesmo nas suas próprias. E menos ainda acreditando que aquele furgão ou seu motorista fossem ficar intimidados pela presença da polícia; não aquele motorista louco daquele jeito, que tinha saído em perseguição por um bairro movimentado em plena luz do dia. Mas quanto mais ela olhava, e quanto menos via, mais ia conseguindo recuperar o fôlego.

Por fim, Trick disse “Quem era aquele cara de preto?”

“Não sei, mas ele estava tentando nos ajudar. Tenho quase certeza disso. E ele definitivamente nos colocou na direção da outra sereia. Ou mergulhadora. Ou sei lá o quê. E pra onde será que ele foi?”

“Não estou vendo em lugar nenhum.” Trick protegeu os olhos da luz com a mão e olhou bem em volta. “Mas vamos lá, então, encontrar o que ele queria nos mostrar.”

“Beleza. Estou logo atrás de você”, ela disse.

Ela não estava tão descansada quanto ele, não ainda, e nada pronta para escalar rochas e depois a plataforma da ponte. Mas foi em frente e fez tudo assim mesmo, erguendo-se sobre o concreto que ficava bem embaixo da mergulhadora.

Não havia qualquer sinal do sujeito de cabelo quase branco. Mas um grafite da princesa com seus tênis vermelhos e a espada roxa estava desenhado bem ali na grade de metal sob a ponte. May estendeu a mão para tocá-la e um pouco de tinta ficou em seus dedos. Estava fresca, tão fresca que ela ainda podia sentir o

cheiro da tinta, a despeito da brisa que soprava e do vapor de diesel e do fedor de peixe velho e cocô de pássaros.

“Ele acabou de fazer isso. Foi agora mesmo.” Ela passou a mão pelo meio da grade de metal, dobrando o braço para não trombar com rebites e parafusos, e tateou em volta sem enxergar, até que encontrou uma coisa achatada, macia e quadrada encaixada por ali.

Com um pouco mais de malabarismo, conseguiu tirar algo como uma bolsinha que estava embrulhada em plástico e fita adesiva, do mesmo jeito como a máscara estava no tanque de água do vaso. Mas desta vez, o pacote era maior. Mais firme. Mais pesado. Talvez do tamanho do livro de Estudos Sociais que ela usava. May passou a mão por ele como se quisesse ler alguma coisa em braile. Queria rasgar o embrulho ali mesmo, mas sentiu que não podia fazer isso, não quando havia tantos carros da polícia reunidos logo ali em volta e alguém estava à caça dos dois. Nem mesmo quando havia alguém disposto a ajudá-los; alguém que sabia sobre a Princess X e as pistas e que queria afastá-los do perigo.

Não, nem assim. Parecia estranho demais fazer isso ali, quando havia tantos olhos que podiam vê-los. Ela enfiou o pacote em sua bolsa, abaixou a aba e amarrou.

No resto do caminho morro acima, nem May nem Trick falaram muito. Os dois ficaram tentando avistar de novo o punk de preto, mas ele parecia já estar longe.

De volta ao alto da ponte, passaram pelo furgão, que estava com todas as portas abertas. Tinha sido abandonado e agora estava tomado por meia-dúzia de tiras que entravam e saíam dele sem parar.

May não se sentiu bem com aquilo. Significava que o motorista estava a pé agora. Significava também que ele podia segui-los em qualquer lugar a onde eles fossem, e persegui-los em qualquer lugar onde quisessem se esconder. E eles ainda não faziam ideia de como ele era fisicamente.

O ônibus finalmente veio e eles entraram. Estava praticamente vazio, a não ser por duas senhorinhas e um grupo de estudantes discutindo um trabalho da escola. Trick e May se refugiaram nos bancos do fundo.

“Aquele cara...”, ele disse.

“Aquele cara...”, ela repetiu. E, de repente, ela sabia direitinho quem era o punk, assim como quem o tinha enviado. Um sorriso largo tomou seu rosto. “Aposto com você um milhão de dólares que aquele cara é que era a gralha!”

“Ah, cacete, claro que você tem razão!”, ele murmurou em resposta. “Ele é o maldito pássaro preto.”



DEZESSEIS

Enquanto May olhava pela janela do ônibus, Trick pegou o celular e acessou o Gmail, ficando assim visível na janelinha de chat. PASSAROPRETOBRANCO também estava visível, com um pontinho verde ao lado de seu nome.

ZHATTRICKZ: Aquele era você, não era? Foi você que nos ajudou agora mesmo.

PASSAROPRETOBRANCO: Alguém tinha que ajudar, né? Vocês são péssimos nisso. E eu tinha razão. Vocês estão no radar dele agora, e ele não vai deixar barato.

ZHATTRICKZ: Minha amiga disse que viu o carro ainda lá em Capitol Hill. Ela acha que ele veio nos seguindo.

PASSAROPRETOBRANCO: E ela provavelmente está certa. Vocês não estão exatamente em um programa de proteção de testemunhas. Levei trinta segundos para achar seu endereço e talvez uns dez minutos para identificar vocês dois em meio à multidão.

ZHATTRICKZ: Você também nos seguiu?

PASSAROPRETOBRANCO: Para a sua sorte, sim. E, para a minha sorte, vocês não são nada bons em despistar. Também para a sua sorte, reconheci sua amiga. A gente vem procurando por ela, e é por isso que eu deixei aquele pacote pra trás.

ZHATTRICKZ: Obrigado, eu acho. E o que a gente faz agora?

PASSAROPRETOBRANCO: Você precisa passar em mais um teste. Ou ela precisa. A senha de que vocês vão precisar é uma velha combinação da fechadura de um armário. Se ela souber, vocês ficam de

boa.

O ponto verde apagou.

May desviou os olhos da janela e viu Trick ao celular. “Alguma coisa importante?”

“Nah...”, ele disse, guardando o aparelho de volta. “Só mensagem da minha mãe. Falei pra ela que está tudo bem e que vou estar em casa pra jantar daqui umas duas horas.”

“E ela acreditou?”

“E por que não acreditaria?” Ele deu de ombros. Então, para distraí-la, ainda emendou um “Olha, nosso ponto é o próximo”.



DEZESSETE

Não foram para casa. Não ainda.

“Eu devo estar ficando paranoica”, May confessou enquanto tomava um café numa cafeteria não muito distante do seu prédio. Pegou o pacote que eles tinham encontrado e correu os dedos sobre as beiradas, como se tentasse adivinhar o conteúdo de um presente de Natal bem embrulhado. “Mas também, poxa, aquele cara estava tentando matar a gente.”

Trick passou a ela dois envelopinhos de adoçante e mexeu sua bebida com o canudo. “Bom, a gente não sabe disso com certeza.”

“Ele tentou atropelar a gente com aquele carro.”

Trick apenas suspirou enquanto bebia seu café. “É, talvez. E talvez seja hora de envolver a polícia. Se as nossas vidas estiverem correndo perigo, seria estupidez não contar pra eles, sabe?”

“Mas digamos que a gente vá mesmo à polícia... O que a gente diz? Que nos últimos dias a gente vem invadindo lugares e fazendo todo tipo de coisa que provavelmente não deveríamos estar fazendo? E que isso é pra provar que a morte de alguém foi forjada três anos atrás? É, tenho certeza de que ia pegar bem pra caramba. Claro que eles não iriam jogar a gente numa detenção qualquer por fazer eles perderem tempo conosco. Além do mais, acho que avisar a polícia funcionou muuuito bem pra Princess X, não foi?”

“Aquilo era ficção. Aqui é o mundo real”, Trick insistiu.

“Será que era mesmo? Aposto que a Libby tentou conseguir ajuda da polícia, e aposto que o Homem Agulha – seja lá quem ele for – deu entrada no nome dela como desaparecida ou alguma coisa assim. E também aposto que essa parte aconteceu de verdade, igualzinho à coisa toda com o pai dela.”

“Tudo bem... talvez você tenha razão mesmo sobre isso”, ele admitiu. “Mas eu não acho que eles iam nos prender só por fazer perguntas ou tentar fazer uma queixa. É que isso está começando a me assustar de verdade. Na pior das hipóteses, o povo da internet costuma ameaçar me dar uma surra ou algo assim. É sempre algum gorducho que passa o dia de cueca no porão da casa dos pais, então eu sei que nunca vai ter surra nenhuma, todo mundo sabe disso. Mas aqui, em carne e osso? Não, isso é bem diferente. Isso é loucura.”

May puxou a pontinha da fita adesiva do pacote em seu colo. Já tinha quase levantado totalmente uma das beiradas e estava pronta para arrancar. “É, você não está errado, mas a gente está mais perto de achar a Libby. Bem mais perto. A polícia só ia atrapalhar.”

Ele suspirou longamente outra vez por sobre o café, julgando que a essa altura já tivesse esfriado o suficiente e tentou dar um gole. “Mas e aí, você vai tentar abrir esse pacote ou vai ficar passando a mão nele a tarde toda?”

“Estou dando jeito aqui”, ela disse. “Tem fita pra caramba, sabe? Se você é tão impaciente assim, então me passa aquele canivete de novo.” Antes que ele tivesse a oportunidade de colaborar, o canto que ela vinha cutucando cedeu de vez. “Esquece”, ela emendou. Com um puxão bem dado, soltou a fita toda em uma longa linha pegajosa, mas sem ficar grudando. Dentro, havia um envelope grande demais feito de algum material estranhamente fino e resistente, mas com uma fitinha para puxar em cima que abriu bem fácil.

“E o que nós temos aqui?” Trick esticou o pescoço para ver melhor por cima da mesa.

“É uma capa de notebook.” Era de flanela vermelha, bem macia. Um botão redondo achatado fechava a aba em um dos lados. Ela desabotoou rapidamente e, com cuidado, espalhou o conteúdo sobre a mesa.

“Uma capa de notebook com um tablet dentro”, ele observou. Apanhou o objeto da mesa antes que May pudesse impedi-lo. “É um iPad já bem velhinho com uma proteção plástica vermelha. Está bem longe de ser o modelo mais recente. Também não é o mais bacana, mas acho que dá pra usar. Então esta é a caixa vermelha cheia de relâmpago e vidro.”

“Me devolve aqui”, May exigiu.

“Não tem nada escrito nem desenhado nele. Qualquer coisa boa deve estar lá dentro. Liga ele aí”, ele pediu ao entregar de volta, com relutância.

Ela ligou o aparelho, que carregou rápido uma tela inicial com um papel de parede bem simples: um escaninho de colégio fechado com um cadeado.

“Está carregado?”, Trick perguntou.

“Tem bateria o bastante para funcionar um tempo”, ela disse, olhando para o ícone.

Ele arrastou a cadeira em volta da mesinha para se sentar ao lado dela. “Sinal de que ele foi carregado recentemente. Esses computadores mais antigos não costumam segurar carga por muito tempo. Está protegido por senha?”

“Está, mas essa vai ser fácil.”

“Vai?”

“Dá espaço pra moça aqui trabalhar”, ela disse, usando o cotovelo para enfatizar. “Olha isso...”

Com cuidado, ela digitou os números 1, 9, 2 e 8.

“E isso é...?”

“19, 2, 8. A combinação do nosso velho escaninho”, ela declarou, ao que a tela de entrada desapareceu.

“Uau. Mandou muito bem. Esse cara-gralha devia saber que você estava indo buscar isso. Já devia estar com ele e aí deixou no lugar logo antes de você aparecer para buscar.”

Ela levantou a cabeça. “Mas como?”

Trick parecia meio irrequieto, como se estivesse escondendo alguma coisa. Mas, antes que ela pudesse colocá-lo contra a parede, ele deu de ombros. “Sei lá. Mas me mostra o que tem aí. Eu quero ver.”

May também queria ver, então deixou para lá. Passou o dedo levemente sobre a tela, encostando nos ícones sem apertar nenhum. “Não tem muita coisa aqui. Só as funções básicas, sabe. Calendário, relógio, notícias, esse tipo de coisa.” Ela então começou a tocar os botões um a um. “Mas está tudo vazio.”

Trick estendeu as mãos pronto para agarrar o aparelho e May o afastou ainda tocando a tela. “Por que alguém nos deixaria com um iPad vazio?”, ela perguntou, mais retoricamente do que qualquer outra coisa. “Tem de ter alguma coisa aqui.”

“Eu tenho certeza de que tem...”, ele disse, ainda tentando arrumar um jeito de burlar as defesas dela. “Se você puder passar aqui pra mim, eu sei como olhar mais a fundo.”

Por fim, ela entregou o objeto. “Achei que você só era fã da Microsoft.”

“Ah, mas eu sou. O Windows é meu amigo”, ele disse. “Mas você sabe o que dizem sobre manter os amigos próximos e os inimigos mais próximos ainda.”

“Você tem uma relação bem esquisita com tecnologia, hein?”

“Você não é a primeira a dizer isso. Ah, aqui, lá vamos nós. Tem uns arquivos escondidos em um dos aplicativos menores.”

“Tem? E eles são o quê?”

“Espera um pouco”, ele murmurou, correndo os dedos pela tela sensível. “Muito bem, esse aqui é só uma imagem JPEG. Vou abrir.”

Trick girou o tablet de lado e a imagem preencheu toda a tela.



<https://www.stapbook.com/le/htr4x9vu0c0I/12161775.jpg>

“Trick, você já leu a história toda, não foi?”

“É, fiquei um tempo ontem à noite e, sim, acho que cheguei até a última página publicada.”

Ela inclinou a cabeça e apertou os olhos observando a imagem. “Essa página já está online?”

“Não, acho que não.”

Ambos viram um detalhe ao mesmo tempo: no pé do último quadro, em uma fonte bem pequena que Trick teve de ampliar para conseguir enxergar, havia um endereço de internet.

“Dá pra clicar?”, May perguntou, já enfiando o dedo em cima.

“Não, está só escrito dentro da imagem. Não é um link. Me dá uma caneta, por favor.”

Ela procurou dentro da bolsa até encontrar uma e depois apanhou o guardanapo mais próximo. “Vai lendo pra mim”, ordenou, ao que ele obedeceu. Era um endereço bem longo, na maioria números, exceto pelo nome “Dropbox” no domínio.

Enquanto Trick procurava a rede wi-fi da cafeteria e esperava o navegador carregar, May perguntou: “Mas o que é isso, esse tal de Dropbox?”.

“É um site de armazenamento de coisas, basicamente, e esse endereço significa que alguém armazenou um arquivo lá.” Conectou o tablet à rede da loja e meticulosamente digitou o endereço.

Uma página carregou.

Era outra imagem JPEG, apenas algo escaneado: os dois lados de uma carteira de motorista e os dois lados de um crachá de funcionário, ambos pertencentes a Kenneth Mullins, um nome que Trick e May sussurraram juntos em perfeita sincronia. Então Trick comentou, lendo a identificação, que “Ele é da área de tecnologia do centro médico da Universidade de Washington. Ou era, em 2008.”

“Você estava certo sobre ele ser um geek. E isso significa que ele definitivamente tem todo o conhecimento necessário para juntar tudo isso que a gente já achou.”

“Talvez.” Trick continuou arrastando o dedo pela tela, movendo a imagem para cima e para baixo, ampliando-a aqui e ali. “Talvez ele fosse mesmo um entendedor de TI, ou talvez só estivesse lá pra atender o telefone. Nem todo mundo com um fone de ouvido tem todas as respostas.”

“Ele parece...”, e ela olhou bem para os quadradinhos com o rosto de Mullins. Era um sujeito branco, de cabelos castanhos, talvez da mesma idade do

pai dela. “Bem normal.”

“É, os mais perigosos sempre parecem.”

“É o que eles dizem toda vez que pegam algum assassino em série. Ou ninguém estava prestando atenção, ou então... ‘normal’ é muito, muito pior do que todo mundo acha.” May nem percebeu que estava se abraçando.

“Preciso ir pra casa”, Trick falou baixo.

“Quê?”

“Isso mesmo que você ouviu”, ele disse um pouco mais alto. “Você pode ir comigo. Não vai demorar nada, mas é que preciso tentar uma coisa na minha própria máquina.”

“Não vai demorar? E o que você precisa tentar?”

Ele entregou o tablet a ela. “Eu explico no caminho.”

May enfiou o aparelho de volta na capa e depois em sua bolsa. Deu uma limpada superficial na mesa antes de sair. Considerando que estavam a apenas uns dois quarteirões de casa, as explicações de Trick tiveram de esperar até que ambos estivessem no elevador, que parecia ser o mais lento do mundo, se arrastando para chegar ao andar desejado. “Mesmo se...”, ele disse, observando os números que iam se acendendo no painel, “a gente não tiver informação suficiente para saber onde esse cara mora, definitivamente nós temos o bastante para achar o túmulo da filha dele.”

“A gente tem a carteira de motorista dele.”

“Pois é, mas de 2008. Não me surpreenderia saber que ele ainda mora na rua South Mercer. Aposto com você que ele mora na ilha Bainbridge. Mas o túmulo da filha... ele provavelmente fica em algum lugar mais perto. E é pra lá que a página do tablet está apontando.”

“E você quer achar o túmulo dela?” May não estava exatamente surpresa, mas ficou um pouco perturbada. Tentou manter a mente aberta para uma possível violação de sepultura, mas não foi possível por nojo, além do quê ficar escavando em lugares públicos era algo que provavelmente chamaria muito a atenção.

“Mas é claro. A página disse que o túmulo está vazio, e que a gente encontraria o espelho negro dentro do copo verde.”

“Mas eu nunca ouvi falar de um caixão em formato de copo.”

“Não, não o caixão.” O elevador fez o sinal sonoro do andar. As portas se abriram. “Mas e quanto à urna? Ela é meio que um copo. E a página disse pra ‘esquecer as cinzas’.”

“Da última vez que a história mencionou um copo, ou pelo menos um cálice,

acabou sendo uma privada, então acho que tudo é possível. Talvez você tenha razão, talvez ela tenha sido cremada. Nossa vida ia ficar bem mais fácil se fosse o caso.”

Em um devaneio súbito e indesejado, May se lembrou do funeral de Libby. Libby não tinha sido cremada. Tinha sido enterrada em um caixão de prata. May se lembrou de ter pensado naquele dia que só as alças daquela coisa valiam mais do que todas as joias de sua mãe somadas, e que eles iam enterrar tudo no chão e esquecer que aquilo existia, porque... bom, só porque eles podiam. Era horrível pensar em desperdício de dinheiro durante o enterro da melhor amiga, e May sentiu uma pontada de vergonha por isso. Ainda sentia.

Mas pode ser que, naquela época, ela tenha pensado isso como uma forma de autopreservação, ao ficar observando o brilho da luminária da igreja refletido na prata e sem pensar no escaninho que as duas dividiam, nas camisetas iguais ou na Princess X. Tinha sido a única forma que ela encontrara de se manter sã: focar apenas no momento e não em todo o passado que tinha em comum com Libby e em tudo o que haviam perdido.

Trick continuou falando. “Se a gente estiver certo e o Homem Agulha trocou mesmo o corpo da filha pelo da Libby, então é a filha que está enterrada no túmulo de Libby. E, se a filha desse Kenneth tem um túmulo também, ninguém está lá. Não tem nenhum corpo lá, digo.” Tirou as chaves do bolso e abriu a porta do apartamento, anunciou que estava em casa e parou para escutar. Não veio nenhuma resposta lá de dentro. “Bom, só tem a gente aqui.”

May franziu o rosto em uma expressão pensativa ao entrar junto com ele. “Mas o Kenneth teve que fingir que fez alguma coisa com o corpo da filha. E não tem menção nenhuma de uma mãe na história, então acho que ela não fazia parte das vidas deles. Mas com certeza tem que ter avós, primos, tios e tias. Tem que ter mais alguém. E esses outros alguéns devem querer poder visitar algum túmulo.”

Trick adentrou o quarto: “Só o que ele precisava era de uma sacola cheia de cinza de lareira ou areia sanitária de gato ou alguma coisa do tipo. E aí ele pôde só... falar com as pessoas que ela tinha sido cremada depois que ele tomou posse do corpo. Duvido que alguém tenha pedido recibo.” Chegando em sua mesa, ele se inclinou por detrás de um monitor e ligou um interruptor. Botões se acenderam e os primeiros bipes anunciaram que o sistema estava iniciando. A máquina começou a fazer seu ruído baixo característico.

“Mas ei... hã...”, May disse, apontando para a CPU. “Você não falou que alguém tinha hackeado seu sistema? Você estava bem incomodado com isso,

inclusive.”

“E ainda estou, mas não tem muito o que eu possa fazer. Se foi realmente esse Ken Mullins que me passou esse spyware, e se era realmente ele no furgão lá em Fremont, então ele já sabe que nós estamos no encalço dele. Então, tudo bem, beleza. Ele pode ficar me olhando enquanto eu vasculho um ou dois bancos de dados, se isso vai deixar ele satisfeito. Se ele sabe que nós já temos o nome dele e os dados pessoais, talvez agora pense duas vezes antes de mexer com a gente de novo.” Ele fez uma pausa e então continuou. “É como ele disse... ou melhor, como aquela página da Princess X disse: a gente tem uma pequena vantagem. Mas só é vantagem se ele souber que a gente tem isso.”

“Talvez você devesse usar o meu notebook só por segurança”, May sugeriu.

“Não posso. Só se eu passasse uma tarde inteira baixando, instalando e configurando todos os programas que eu preciso. Olha só...”, ele disse já sentado na cadeira e se virando na direção dela. “Como você mesma disse, esse cara tentou pegar a gente com o carro dele. Ele sabe como a gente é fisicamente. Pensando bem, ele deve saber onde a gente mora; deve ter achado meu apartamento usando esse spyware dele, bem facinho. E, se você tiver razão, e ele seguiu a gente até Fremont... Bom, no momento, a melhor coisa que a gente pode fazer é... é...”

“É...?”, ela perguntou, um pouco mais afoita do que quis parecer. Ela queria ouvir que ele tinha alguma resposta prontinha, porque ela mesma com certeza não tinha nada.

Ele engoliu em seco e ficou tenso ao dizer: “A gente vai ter que forçá-lo a mostrar o jogo, baby.”

“Mas, cara, isso não é jogo nenhum. E não me chama de ‘baby’.”

“Então para de me chamar de ‘cara’. Mas seja lá o que a gente vai fazer, temos que fazer rápido. A gente está a pé ou de ônibus, enquanto ele tem um carro.”

“Mas ele abandonou o carro, lembra?”

“Mas pode muito bem ter roubado outro, e eu posso até descobrir isso com mais certeza, se você me der uns minutos.” A cadeira rodou de volta para a frente dos monitores. Ele estalou os dedos e começou a digitar.

“Ele não tinha como roubar outro carro, tipo, logo em seguida.”

“Eu não quero correr nenhum risco”, ele murmurou, mas aquilo era o máximo que ele daria a May. “Me passa o tablet. Quero dar outra olhada naquele arquivo.”

Ela o passou com capa e tudo e ficou observando enquanto ele conferia outra

vez o registro de Ken no Detran. Então, com cuidado, foi digitando o número em uma janelinha em seu monitor que não se parecia nada com o Google. “Isso aí é outro link do Dropbox?”

“Não. Isso aqui é um banco de dados de registros civis. Tecnicamente, tudo aqui é informação pública, então eu não estou contra nenhuma lei no momento. Aqui...”, ele disse, enquanto uma coluna de texto rolava juntamente a uma foto maior de Ken Mullins. “Ih, cacete! Ok... ok...”, ele repetiu.

May não conseguia segurar a ansiedade, então chegou por detrás e começou a ler por cima do ombro dele. “O que é isso que você está vendo aí?”

“A ficha criminal dele.”

O estômago dela embrulhou na mesma hora e sua boca ficou seca. “Ele... tem uma ficha criminal?”

“Tem duas multas por excesso de velocidade, um punhado de estacionamento proibidos e... espera, tem uma coisa melhor aqui.” Ele pausou a rolagem e apontou para um item específico, um pequeno bloco de texto com um número de registro da polícia ao lado. “Alguém de nome ‘Linda Hall’ pediu um mandado de restrição contra ele em 1993, mas parece que ela depois pediu para revogar ou deixou expirar ou algo assim. E coisa de um ano depois, outra mulher chamada Kathy Larsen também pediu um mandado e ele o violou duas vezes. Ela não apresentou queixa, mas ele ficou em observação assim mesmo.”

“Então ele persegue as pessoas...”, May disse, torcendo a borracha da cadeira de Trick.

“Parece que sim. Deixa eu ver o que mais encontro aqui.” Em mais um minuto ou dois, em mais uma página cheia de listas e gráficos e imagens, ele disse em voz alta: “Em 1995, Ken Mullins se casou com Elaine Akiyama”.

“Akiyama... Isso é japonês, não é?”

“Parece que sim. De acordo com isso aqui, ela morreu há uns anos em um acidente de carro. E aqui...” – ele esticou a palavra para fazer um suspense antes de revelar a próxima informação – “eu tenho uma certidão de óbito da primeira princesa: Christina Louise Mullins. Um ano e poucos meses mais nova que Libby. Do signo de gêmeos. A causa da morte foi leucemia linfóide aguda no dia seguinte ao que sua amiga morreu. Ou sumiu. Ou... você entendeu.”

“Leucemia. Então foi mesmo um câncer.”

Com um gesto das mãos, ele abriu outra janela e colou o termo em uma barrinha de busca comum. “Um tipo de câncer ósseo, para ser mais preciso.”

“Ah, meu Deus... Uau...” A cabeça de May rodava. Estava tudo se encaixando: os registros médicos, a moça no hospital... e, claro, a menina

cinzenta e o barco cheio de ossos. “Ela morreu de câncer ósseo e Libby era compatível para medula óssea. Os ossos da princesa poderiam tê-la salvado, foi o que disse a história.”

“É, isso é bem louco.” Lá estava ele murmurando de novo, lendo uma coisa enquanto dizia outra em voz alta. Poderia ter falado mais, mas, bem naquela hora, o telefone do apartamento tocou.

“Vocês também ainda têm telefone fixo?”, May perguntou. “Achei que meu pai era a última pessoa da Terra que ainda tinha isso.”

Trick se virou para longe do computador. “Pois é, temos. E ultimamente isso tem sido...” Ele pausou enquanto o telefone tocava e tocava e tocava, e ele então disse bruscamente: “Não atende!”.

Ela franziu o rosto. “Mas eu não ia atender. É provável que não tenha ninguém do outro lado mesmo.”

“Por que você acharia isso?”, ele perguntou com um olhar tão intenso que quase a assustou.

“Porque isso também vem acontecendo na casa do meu pai. O telefone fixo toca e, quando a gente atende, não tem ninguém.”

Ele olhou para ela e não respondeu nada. Trick e May ficaram esperando até que o toque parasse. Ele então disse: “Não pode ser coincidência. É estranho demais para não ser nada”.

“Você acha que é o Ken?”

“Ele pode estar nos sondando ou ameaçando, ou então querendo saber se a gente está em casa. Talvez esteja tentando conseguir alguma informação com nossos pais, sei lá”, ele disse, voltando a digitar. “Quando a gente terminar isso aqui, vou dar um pulo nos registros da companhia telefônica. Talvez a gente consiga saber quem está ligando. Se for algum defeito ou coisa automática, então ótimo. Mas, por enquanto, vamos resolver uma coisa de cada vez e continuar presumindo o pior. Vamos começar com o túmulo da Christina.” Apontou com o dedo médio para a tela. “Aqui diz que ela enfim jaz em... uma caixa com um número em uma cripta, o que significa que eu estava certo e ela foi cremada... e... a gente deu sorte.”

“Desde quando a gente deu sorte?”, May perguntou sarcasticamente.

“Desde que Ken enterrou Christina no cemitério Lake View. Fica a 20 minutos a pé daqui e a gente nem vai precisar de ônibus. Só precisamos de alguma coisa para invadir a cripta. Eu vou pegar o kit de emergência do carro da minha mãe. Tem uma daquelas coisas que você usa para quebrar janela de carro. Aposto que funciona numa cripta também.”

“E por que isso não fica no carro dela?”

“Porque ela sempre esquece de levar.” Trick pulou da cadeira e se meteu pelo corredor afora até um quartinho dos fundos. Procurou por alguns segundos e voltou com uma grande sacola de lona cor-de-rosa que depositou à sua frente com um gesto parecendo o de um mágico.

“E é rosa...”, May disse.

“Pois é, é rosa. É assim que você sabe que é para meninas.”

“Essa deve ser a coisa mais estúpida que eu já ouvi você dizer.”

“Estava sendo irônico.”

“Meu Deus, espero que sim. E você quer que eu carregue isso, que é pra você não ficar com vergonha?”, ela ofereceu, estendendo a mão.

“Não precisamos da coisa toda, só do martelinho. Ele é rosa também, mas eu estou seguro da minha masculinidade.” Ele deu um sorriso sem graça, achou o martelo e o enfiou em sua bolsa.

O telefone tocou de novo.

“Só ignore”, ele instruiu novamente.

“Beleza, mas vamos sair daqui”, May pediu. Aquele toque antigo do telefone a enervava. “Esse toque está me deixando louca.”

“Você pegou o tablet?”

“Vou pegar.” Ela juntou suas coisas. “Tudo bem, estou pronta.”

“Vamos fazer isso bem rápido. Pode ser a nossa única chance em Lake View. Você consegue correr com essas botas?”

“Mais rápido do que você, cara.” Ela deu um sorriso.

“Então vamos, baby. Prova isso pra mim.”



DEZOITO

“Molenga”, disse May, caçoando de Trick com um gritinho, enquanto se apoiava no portão do cemitério para conseguir ficar de pé. Seus dedos estavam até dormentes de tanto que correram, e um cadarço desamarrado pendia para trás, úmido e nojento depois de ser arrastado por toda a grama. Ela se abaixou para amarrá-lo, convenientemente escondendo o fato de que estava pronta para desabar de exaustão.

Trick teve que se arrastar para cima do meio-fio, depois mudou de ideia e se sentou nele. “É”, ele gritou de volta. “Eu sou mesmo um molengão. E você estava certa, é mesmo mais rápida do que eu. É isso que você precisa ouvir?”

“Uma vez por hora, se você conseguir lembrar.” Ela sorriu e limpou o pequeno acúmulo de garoa da tarde de seu rosto. “Vamos. Vamos acabar logo com essa história.”

CEMITÉRIO LAKE VIEW, dizia a placa no portão, seguido de outras informações, especialmente a respeito de quando foi fundado, onde ficava a administração, e qual era o horário de funcionamento. May e Trick ainda tinham bastante tempo antes que o lugar fechasse e os deixasse presos lá dentro com os corvos, os esquilos e as árvores cadavéricas.

“Você já veio aqui alguma vez?”

“Já, mas faz um tempão.” Todo estudante de Seattle ia àquele lugar em algum momento da vida, normalmente no começo ou no fim do ano escolar, para a matéria de História. Todos os fundadores da cidade e pessoas interessantes do último século tinham sido enterradas ali. Ela olhou bem em volta, protegendo com a mão os olhos da luz branca que parecia estranhamente vívida e mórbida acima deles. “Você disse que a Christina tem um número ou algo assim, né?”

“É isso.” Ele ficou de pé. “Eu sei que tem um prédio no fundo desse terreno, então talvez seja lá. É tipo uma biblioteca de gente morta.”

“Biblioteca de gente morta. Nem sei se isso é muito legal ou muito desagradável.”

“Não dá pra ser as duas coisas?”

“Bom, não vejo por que não poderia.” Então o celular dela resolveu começar a tocar feito doido. Quando ela olhou para a tela, disse: “É o meu pai. O que será

que ele quer?”.

“Se você atender, vai ficar sabendo.”

“Nah...” Ela balançou a cabeça. “A gente não vai ficar aqui muito tempo mesmo. Eu ligo de volta quando a gente acabar.”

Juntos, May e Trick caminharam pelos túmulos, pelas trilhas estreitas quando lhes convinha e em meio a cerquinhas de arbustos e lápides, e árvores gigantescas quando não tinham opção. Trick estava certo: do outro lado do morro havia um prédio comprido do tamanho de um posto de gasolina. Toda feita de mármore branco e aberta dos dois lados, sem telhado que a cobrisse por inteiro, aquela era realmente uma biblioteca dos mortos a céu aberto (como May agora pensava o tempo inteiro, depois do que Trick tinha dito). Era um prédio claro e bem limpo, quase estéril. Dentro, havia um pouco de eco e nada a não ser pequenas placas retangulares dizendo quem estava em qual lugar.

O celular de Trick tocou e o tema de *Doctor Who* encheu o espaço vazio até que ele o abafasse. “Desculpa”, ele murmurou, provavelmente tendo em mente os mortos ali.

“Quem era?”

“Minha mãe.”

“Você não atendeu.”

“E você não atendeu seu pai também.”

“Verdade”, ela admitiu. “Mas violação de sepultura é mais importante do que combinar o sabor da pizza de hoje à noite. A não ser que...” Ela se virou para ele, subitamente muito nervosa. “A não ser que alguma coisa tenha acontecido. E se eles estiverem precisando da gente? E se estiverem nos procurando?”

“Eles são nossos pais. Estão sempre procurando a gente.” O celular dele tocou de novo, mas ele o silenciou e enfiou de volta no bolso. “Às vezes, minha mãe é meio carente.”

“É, mas o meu pai... geralmente não é. Bom, qual era o número para alugar o livro da Christina?”

“Não importa”, Trick disse, sumindo para o fundo do corredor. “Eles não estão marcados nas placas. A identificação é provavelmente só para o arquivo de registros do cemitério. Eu vou começar daqui e você começa de lá. Dá um grito quando você encontrar.”

May correu os dedos pelas fileiras de placas de bronze. Algumas reluziam mais que as outras, mas eram todas do mesmo formato e tamanho, com um nome, uma data, um travessão e outra data, tudo na mesma fonte. Não havia nada de personalizado. Era meio triste, e entediante também.

Sua unha raspou em uma beirada fazendo um som quase igual ao ruído do tênis de Trick no chão de mármore cheio de folhas. Ela hesitou quando seu dedo passou por uma CHRISTINE, mas continuou em frente até que pôde exclamar confiante: “Achei!”.

Trick correu para o lado dela. “De verdade?”

“De verdade: Christina Louise Mullins. Aqui está ela. Supostamente.”

“Falsamente”, ele emendou, pegando o martelinho rosa de dentro da bolsa.

May se ofereceu e perguntou: “Quer que eu faça?”.

Ele se inclinou para que pudesse olhar além dela, para o cemitério adiante. “Não, pode deixar.” Depois de constatar que a área estava limpa, ele levantou o martelo, bateu em uma beirada abaixo do nome de Christina e... abruptamente parou.

May olhou por cima do ombro. “O que você está fazendo? Anda logo com isso.”

“Alguém chegou antes da gente. Olha aqui, tá vendo? Tem uma rachadura...”

May cutucou com a ponta do dedo. Um pequeno pedaço do lugar. “Me dá aqui o martelo”, ela disse, estalando os dedos.

“Só porque ele é rosa?”

“Porque quero testar o outro lado dele, o da orelha. Aposto que a gente consegue tirar essa coisa do lugar.” Ela pegou o martelo e enfiou a parte curva do metal na rachadura. Com apenas um curto e suave puxão seguido de um estalo, um pedaço em formato de triângulo se desprende e caiu. Trick o apanhou antes que atingisse o chão. Por pouco.

Outros pedaços poeirentos de argamassa se soltaram, deixando tudo branco em volta. May enfiou a mão no buraco. Não sabia o que esperava encontrar lá dentro – tomara que nada de camundongos ou baratas – mas seus dedos finalmente tocaram de raspão uma superfície lisa e curva. “Estou sentindo a urna.”

“Bom, não vai dar pra puxá-la aí por esse buraco, né?”

“Não, sabidão, não vai dar. Só que...” Ela se inclinou na parede lisa cheia de placas e mármore e enfiou a mão toda, puxando a parte quebrada para frente. Ela cedeu só um pouco, a princípio, e depois um pouco mais. Por fim, a cobertura saiu inteira do lugar.

May e Trick a pegaram juntos, o que foi uma boa ideia, já que ela era bem mais pesada do que parecia. Colocaram-na no chão com cuidado, os dois olhando muito bem para as duas entradas do corredor, rezando e torcendo para que ninguém os tivesse visto, que ninguém tivesse ouvido, que ninguém

estivesse assistindo.

A vibração intermitente do celular de May ressoou na pedra. “Isso pode esperar”, ela disse bem baixinho. Quando Trick a olhou de um jeito estranho, ela disse: “Meu pai de novo, com certeza”. Ela olhou dentro do buraco. “Ih, olha lá, a urna é verde. Acho que esse é o copo verde mesmo, no fim das contas.”

“Eu nem precisei do seu conhecimento de causa para descobrir a resposta desta vez. As pistas com certeza estão ficando mais fáceis.”

“Isso quer dizer que a gente está chegando mais perto. Não é só a história na internet que está nos dando pistas agora. É a gralha também. A Libby deve ter enviado aquele cara pra nos ajudar.”

“Você acha isso mesmo?”

Suas mãos se tocaram dentro do buraco, e então seus olhares também se encontraram. May o encarou. “Sim, é o que eu acho.” Tirou as mãos dele de perto da urna e a arrancou lá de dentro, trazendo-a para a luz cinza e fria da tarde. Ela a girou nas mãos, examinando a parte externa em busca de mais pistas. Era brilhante e escura, do tamanho aproximado de uma lata de tinta. A superfície era verde-esmeralda bem envernizada, com acabamentos em latão.

Ela a levantou ao lado da cabeça e deu uma sacudida. “Estou ouvindo alguma coisa lá dentro. Você ainda está com aquele canivete?”

“É uma ferramenta multifuncional”, ele lembrou pela milionésima vez. Qualquer que fosse o nome, ele desenterrou o objeto de dentro de sua bolsa.

May puxou a parte que queria usar – não a lâmina, mas uma chave de fenda achatada – e a enfiou na junção entre a tampa e o corpo da urna, agitando a ferramenta para cima e para baixo. O selo se soltou com um som de sucção e a tampa saiu junto com uma pequena nuvem de poeira que May torceu muito, mas muito mesmo, para que não fossem cinzas de outro ser humano.

Trick cobriu o rosto com o braço e falou respirando pelo tecido da blusa: “Com cuidado!”.

“Estou tendo cuidado! E aliás, isso aqui nem era uma pessoa de verdade”, ela resmungou. Colocou a tampa de lado e espiou dentro do vaso. Trilhas cinzentas parecendo fumaça subiram lá de dentro como se fossem pequenos tentáculos. Ela segurou o fôlego para não ter de respirar mais daquele troço, seja lá o que fosse, e apertou os olhos para conseguir enxergar no escuro do pote.

“Me dá isso aqui. Eu enfio a mão lá dentro. Vou provar que não sou nenhum frangote.”

“Sua mão não vai caber”, ela disse. “Nem a minha, na verdade.”

“Então, o que você sugere?”, ele perguntou enquanto ela já estava

carregando a urna para fora da estrutura onde estavam em direção à pálida luz do dia, onde qualquer um que estivesse visitando túmulos podia vê-los.

May deu uma boa olhada ao seu redor e depois olhou de volta lá para dentro do corredor. Não viu ninguém em volta a não ser Trick. E o que quer que tivesse dentro daquele vaso, não era mesmo Christina Mullins. Ela tinha certeza disso, acreditava de verdade, e já não tinha mais volta. Libby estava viva e ali estava mais uma prova disso, além de talvez mais uma vantagem sobre o Homem Agulha. Eles iam pegar aquele cara e ela traria Libby de volta de uma vez por todas.

Sendo assim, apenas virou as cinzas no chão.

“Jesus!”, Trick exclamou.

“Não, ele não estaria nem aí”, May assegurou. As cinzas ondularam e se empilharam, e se espalharam para longe a cada leve lufada de ar úmido. Ela continuou sacudindo a urna de cabeça para baixo, o que acabou por produzir um barulho bem nítido de algo chacoalhando. Ela inclinou o objeto para um lado e para o outro e o mudou de ângulo, e com apenas mais um empurrão, um celular bem fino dentro de uma capinha espelhada pulou lá de dentro. Caiu em cima das cinzas, fazendo-as se espalhar ainda mais e polvilhando o chão em volta para todas as direções.

Trick fez menção de pegar o celular, mas mudou de ideia, recolhendo a mão antes de tocá-lo.

“Você é mesmo um frangote, Sr. Trick.” May apanhou o celular, o limpou na grama e depois em sua calça, revelando uma superfície cromada brilhante em toda a sua glória. “E aqui está o espelho negro.”

“Mas você nem sabe com certeza se isso é ou não é cinza.”

“Bom, tenho certeza de que são, sim, cinzas.” Ela espirrou, mandando mais fuligem para seu entorno. “Mas elas vieram de alguma lareira ou coisa assim. Não têm nenhum gosto de gente.”

Assim como o tablet que tinham encontrado antes, o celular também já estava ultrapassado em duas ou três gerações. Fragmentos cinza-claros se juntavam em torno do botão de ligar e nas fendas ao redor do aparelho, e não importava quantas vezes May o esfregasse nos quadris, ele nunca ficava completamente limpo. Quando finalmente ficou tão limpo quanto possível, ela apertou o botão, correu a seta para o lado e foi recebida por uma boa e velha tela de entrada característica de um iPhone. Não havia imagem de fundo, somente as maçantes bolhas que vêm como padrão. E, assim como no caso do tablet, todos os recursos extras tinham sido arrancados, nada de aplicativos, fotos ou

joguinhos.

“Olha a lista de contatos”, Trick sugeriu, olhando por cima do ombro dela e ainda não muito disposto a encostar no aparelho maculado.

“Você é ainda mais frangote do que eu tinha pensado.” May apertou o ícone certo para a lista, mas, antes que ela aparecesse, surgiu uma mensagem de texto com um tom de sinos.

Ambos se assustaram e deram um pulo para trás. May deixou cair o celular na grama, mas pelo menos não acertou o punhado de pó dessa vez. Se inclinou e o pegou de volta, mas o texto já tinha desaparecido da tela, de modo que ela então foi direto ao ícone da caixa de entrada de mensagens.

Quatro palavras apareceram: NÃO VÁ PRA CASA.

E então, uma segunda mensagem:

SEU PRÉDIO ESTÁ NA TELEVISÃO.

Em silêncio, ficaram olhando as mensagens, lendo-as repetidas vezes. Então Trick percebeu uma coisa: “O celular não reconhece esse número, mas também não tem nada na lista de contatos, ou seja, não é surpresa nenhuma.”

“Mas tem que ser o Gralha.”

O celular de May já estava tocando de novo no bolso dela, assim como o de Trick. Ela olhou para sua tela e viu que o pai tinha ligado sete vezes na última hora, e ali estava ele ligando de novo. Se seu prédio estava mesmo aparecendo no jornal local, ela queria saber por quê. Trick puxou seu celular ao mesmo tempo. Ambos se afastaram um do outro e atenderam suas respectivas ligações.

“Pai?”, ela disse.

“Mãe?”, ela ouviu ao seu lado quando Trick atendeu seu celular.

O pai dela soava como se estivesse próximo de entrar em pânico.

“Onde diabos você está?”

“Eu... estou na rua com o Trick.” Tentou soar tão casual quanto podia, mas com certeza não enganou ninguém. “Só matando tempo. Acabamos de tomar café e chocolate quente.”

“Não me vem com essa. Eu te vi na televisão! Você e esse garoto, esse amigo seu, estavam os dois correndo de um carro em Fremont. Você está aí agora? Estou indo te pegar.”

“Não, pai. Não, nós estamos de volta em Capitol Hill. Como que você... hã... como que você ficou sabendo disso? E por que nosso prédio está no noticiário?”

“Por causa do carro descontrolado em Fremont. Pelo menos umas dez pessoas filmaram alguma coisa com o celular e só dá isso na TV na última hora. Eu chamei a polícia quando reconheci você, ao mesmo tempo em que um

professor do outro garoto o identificou. Agora a polícia está procurando vocês dois.”

“Mas por que a polícia estaria atrás da gente? A gente não fez nada!”

“O cara que estava perseguindo vocês, ele passou por cima de uma mulher na porta da igreja e derrubou um rapaz que estava passeando com o cachorro. Machucou essas pessoas e fugiu. May, isso...” Ele mudou o celular de lado; May pôde ouvir o tecido da camisa do pai roçando contra o celular. “Isso tem alguma coisa a ver com a Princess X? Me fala a verdade, filha.”

Ela sentiu o rosto corando, ficando quente e desconfortável. Estava envergonhada, ainda que não soubesse bem o porquê; talvez fosse a ideia de estar na TV e nem saber disso. Torceu para que pelo menos seu cabelo tivesse ficado bem. “A verdade é que...”, ela começou a dizer.

Atrás dela, parecia que Trick estava tendo uma conversa bem parecida com sua mãe. “Mãe, calma. Nós estamos bem. Está tudo bem. Todo mundo está bem.” Pausa. “Tá, talvez não aquelas pessoas, mas eu e a May... nós estamos bem. Mas aqui, por que o Jim está no hospital?”

May segurou o celular contra o peito, torcendo para que seu pai não conseguisse ouvir nada. “Hospital? Tem alguém no hospital?”

“O namorado da minha mãe”, ele disse meio que sussurrando e meio que falando. “Alguém invadiu nosso apartamento.”

Ela voltou a ouvir que o pai estava no meio de uma frase, mas ela mal conseguiu ouvir. “...você está que eu vou te buscar. Tem alguma coisa muito ruim acontecendo e eu espero que você me diga se estiver metida em algum tipo de problema.”

“Eu não estou... em nenhum tipo de problema, não exatamente”, ela murmurou, ainda tentando ouvir a outra conversa.

Trick estava tentando conseguir alguma informação privilegiada. “Mas ele vai ficar bem, não vai? Ótimo, fico feliz de ouvir isso. Mas quero que você responda à minha pergunta: está tudo bem com o meu computador?”

O pai de May queria saber: “O que você quer dizer com ‘não exatamente’?”.

Trick estava prestes a ter um colapso. “O que aconteceu? Foi muito ruim? O que eles levaram? Tá, beleza. O que eles quebraram?”

“Pai”, ela disse calmamente, interrompendo o seu sermão, o que não fazia tanta diferença, porque ela tinha perdido ele quase todo mesmo. “Pai, alguém entrou no nosso apartamento?”

“Não, mas teve um roubo no prédio. Os paramédicos levaram alguém numa maca. Eu quase tive um ataque cardíaco.”

“Mas não teve, né? Você está bem?”

“Eu? Não, eu estou ótimo. Não se preocupe comigo. Eu é que tenho que me preocupar com você. Estou tentando te ligar há pelo menos uma hora. Talvez você não precise ter um celular se não vai atender nem quando eu tento te ligar.”

“Pai, para com essa loucura”, ela disse com uma risadinha desconfortável. “E eu acabei atendendo de qualquer jeito mesmo. Me desculpa, de verdade.”

“May?” A voz dele tinha um tom de alerta. “Você precisa vir pra casa. Agora mesmo.”

“Não posso”, ela desabafou.

“Olha, é melhor que você venha...” A voz dele foi cortada de súbito. Virando para alguma outra pessoa, ele disse: “Sim, consegui falar com ela. Ela está bem. Está com aquele outro garoto, o Patrick.”

“Pai, não posso voltar pra casa”, ela disse outra vez com mais ênfase. “Não agora.”

“Por que não *agora*?”

“A Libby está viva, pai. Ela está viva e eu vou achá-la. Vou dar um jeito de salvar ela.”

“May, não faz isso.”

“Você tem de saber, pai: o Homem Agulha é real e nós estamos quase o pegando.” Antes que ela pudesse se livrar da situação que tinha criado, antes que pudesse ouvir mais qualquer argumento contrário... antes que começasse a gritar ou chorar, ou implorar para que ele acreditasse nela... ela respirou profundamente e encerrou a ligação. Desligou o celular e olhou para Trick, que tinha acabado de fazer a mesma coisa. Ele parecia tão pálido quanto as cinzas que tinham caído da urna, e tão atordoado quanto May.

“E aí...?”

“E aí que...”, ele respondeu. “O Gralha tinha razão, se a gente presumir que foi ele que nos deixou o celular. Não podemos voltar pra casa. O namorado da minha mãe foi esfaqueado e o Ken levou a minha CPU.”

As mãos de May estavam tremendo e ela nem tinha se dado conta. Limpou o próprio celular na manga da blusa. “E agora, a gente faz o quê? Pra onde a gente vai?”

O outro celular deu a resposta na forma de outra mensagem de texto:

DEIXE O TABLET NO LUGAR ONDE ACHARAM A CM.

“Aqui? Temos que deixar ele aqui?”, May perguntou sem saber se falava para o celular, para Trick ou para ela mesma. “Não, isso não pode estar certo. Ele é nossa evidência! É a nossa vantagem.”

“Eu não sei mesmo, May. Acho que o pássaro tem razão”, Trick disse. “Tem aquela página que a gente viu e o link pro Dropbox com todos os dados pessoais do Ken. Se ele nos pegar, isso é algo que ele vai querer de nós e que vai ter que destruir.”

“Bom, acho que a gente poderia deixar aqui, então”, ela admitiu. “Meu pai sabe que a gente está investigando a coisa toda da Princess X, e talvez não vá acreditar que Libby esteja viva, mas ele sabe que a mãe dela foi assassinada. Se a gente entregar essas coisas pra ele, ele vai saber do que se trata. E, se alguma coisa acontecer com a gente, ele pode dar isso tudo pra polícia.”

“Talvez não seja tanta vantagem quanto a gente gostaria que fosse, mas... se alguma coisa acontecer com a gente”, ele concordou com ela, engolindo em seco, “pelo menos é alguma forma de seguro que a gente deixa.”

“Eu posso... posso mandar pro meu pai uma mensagem de texto e dizer pra ele onde olhar. No caso de alguma coisa dar errado.”

Ambos ficaram parados lá por um momento, então pegaram o tablet de dentro da bolsa de May. Enfiaram-no no buraco onde tinham achado a urna e, juntos, recolocaram a pesada pedra que o cobria, mesmo que agora um grande pedaço estivesse faltando.

Quando terminaram, May pegou o celular encontrado e respondeu à mensagem:

FEITO. E AGORA O QUE MAIS, GRALHA? ONDE A GENTE PODE TE ENCONTRAR? E ONDE EU ENCONTRO A LIBBY?

E ele respondeu: NA ESTAÇÃO DA RUA KING.



DEZENOVE

No princípio, havia Jacob Raykes.

Desde que nasceu, era assustadoramente pálido e tinha um cabelo louro quase prateado que todo mundo presumia que fosse tingido ou devido a algum problema de saúde. Quando chegou ao ensino médio, os colegas o chamavam de assombração, gótico ou esquisitão. Ele gritava de volta que eles tinham razão sobre as três coisas, mas que tinham deixado de fora “gênio”.

E ele era mesmo um gênio. Do tipo mais característico, superdotado e abençoado, daqueles que conseguem bolsas escolares e todos os benefícios e que colecionam notas perfeitas em provas que supostamente seriam impossíveis de se tirar nota máxima.

E como ele odiava isso tudo.

A faculdade não significava nada para ele, nunca significaria. Seu pai disse que seria melhor ele se mudar rapidinho dali se fosse começar a gostar de outros garotos daquele jeito, e a mãe disse que, se ele arrumasse um emprego mais comum ou pelo menos cortasse o cabelo, ou quem sabe viajasse um pouco pelo mundo, talvez fosse capaz de “se encontrar”. Ela era mais gentil com ele.

Ficou mais um tempo na casa dos pais, porque... bom, o que mais poderia fazer? Tinha 17 anos e estava ferrado, expulso do colégio sem diploma. Esquisito demais para ir para qualquer lugar e desconfortável demais para ficar onde estava, ele apenas passava seu tempo inteiro na internet. Em um ano, já sabia de quase tudo o que havia para se saber sobre a web e sobre o mundo, e foi assim que ele “se encontrou”.

Uma vez que sua mãe não tinha conseguido convencê-lo de ficar, e o pai não queria tê-lo por perto, enfiou todas as traquitanas tecnológicas em uma mochila, com duas calças e três camisetas que ele tinha redesenhado com um marcador de texto, e foi embora.

Ia para onde queria, mas ficava quase sempre em torno do estreito de Puget. Pedia esmolas quando estava com fome, fez alguns amigos que tinham sofás vagos para quando estivesse fazendo mais frio, e aprendeu a vender seu tempo e suas habilidades para montar websites para ativistas como ele próprio: pessoas com grandes ideias e carteiras vazias, já que, como veio a descobrir, ser gênio

tinha muito menos aplicação prática do que ele algum dia suspeitara.

Então, descobriu as alegrias da publicidade. Anúncios online não eram exatamente uma mina de ouro, mas, com algumas linhas de código bem colocadas, ele pelo menos conseguia fazer três refeições por dia e comprar um casaco mais quente no brechó. Com um pouco de estabilidade e uma crescente rede de amigos e conhecidos tão malfadados na vida quanto ele, voltou sua atenção para a política.

Não demorou muito para que Jacob organizasse um webzine bem curto e grosso, dedicado aos princípios do anarquismo radical que pareciam mais corretos para ele. Chamou-o de “Todos os Povos Livres”. Construía a publicação em equipamento emprestado, às vezes até roubado, e também em acesso à internet emprestados e às vezes surrupiados de redes wi-fi; e, ali, ele publicava o que quisesse de quem quisesse.

Em seu aniversário de 20 anos, não respondeu ao e-mail de sua mãe pedindo um número de contato. Em vez disso, foi à casa de um amigo que lhe devia um favor. O nome desse amigo era Spencer, mas todo mundo o chamava de Gavião, então Jacob sabia que ele entenderia o pedido. Com uma agulha de costura e um pote de tinta, Gavião tatuou um pequeno pássaro-preto no pulso esquerdo de Jacob, e então, daquele dia em diante, Jacob só atendia pelo nome de Gralha.

Gralha estabeleceu um pequeno império na praça Pioneer, na parte antiga de Seattle que era histórica e tombada. Em sua maioria, esse tombamento, por razões históricas, significava apenas que ninguém tinha aparecido lá ainda para derrubar nada; e, às vezes, se uma construção antiga desse sorte, era remodelada por dentro e transformada em prédio de escritórios comerciais em vez de ir para o chão.

O Estrela-do-Mar teve ainda mais sorte do que isso. Há muitos anos, o hotel, primeiro com apartamentos, depois formado por galpões, então lofts e depois mais nada, era grande o bastante para acomodar uma dúzia ou mais de invasores a cada dia, mas pequeno o suficiente para não atrair atenção do poder público. Enquanto ficasse tudo tranquilo por lá e não houvesse qualquer atividade criminosa, todo mundo era deixado em paz.

Mas não atrair a atenção do poder público também tinha suas desvantagens, de modo que o prédio estava em condições bem abaixo de ideais. A maioria dos andares se inclinava para a esquerda, e muitas das portas não se encaixavam bem em seus batentes em frangalhos. Era um segredo não comentado pelos invasores que o próximo terremoto de tamanho considerável levaria aquilo tudo ao chão; isso se algum empreendedor ridículo não pusesse as mãos nele antes.

Gralha dizia a todos que não precisavam se preocupar. Ele tinha os bancos de dados com todos os proprietários de imóveis logo ali, nas pontas dos dedos, e agora o lugar era propriedade do Fundo Songbird, uma entidade completamente fictícia constituída pelo próprio Gralha e um bocado de documentos forjados que ele tinha arquivado pela internet, assinados por advogados inventados e reconhecidos por papéis de cartórios que ele tinha achado no lixo. A data na papelada era 1987, mas não tinha problema; isso só contribuía para deixar o lugar mais bem estabelecido, em vez de estar sempre mudando de mãos.

E isso porque, como acabou se revelando, ser gênio tinha mais aplicação prática do que ele algum dia suspeitara.

Construiu uma pequena sala de servidores ali com equipamento achado no lixo e reciclado, muito do qual era ultrapassado, mas ainda funcionava. A obsolescência programada do mundo moderno não significava nada nas mãos hábeis e nos códigos ferventes do Gralha. Ele oferecia hospedagem online para todos aqueles que queriam se ocultar das grandes corporações: colegas anarquistas, teóricos de conspirações e aspirantes a Snowdens e Assanges do mundo por vir.

Aos 21 anos de idade, ele tinha encontrado sua verdadeira vocação na vida. Também tinha uma ficha criminal que parecia uma lista de delitos mínimos e contravenções pelas quais ninguém jamais iria para a cadeia, e meia-dúzia de tatuagens pelo corpo. Não consumia nada que fosse danificar as células de seu cérebro ou interferir com seu raciocínio. Nenhuma substância mentiria para ele.

A não ser café. Ele curti café. Ele o mantinha alerta, o fazia mais ágil e dava a ele uma desculpa para patrulhar o entorno da praça, vigiando as rotas por onde passavam os policiais de bicicleta, monitorando a população sem teto que vagava por ali, ouvindo turistas discutindo em uma dúzia de línguas diferentes e apanhando coisas que as pessoas deixavam para trás. O pessoal da Starbucks mais próxima sempre o reconhecia de pronto e não cobrava por um copo de expresso, porque certa vez ele tinha dado uma ajuda para a gerente. Um doido qualquer a tinha atacado perto do ponto de ônibus e o Gralha, mais doido ainda, correu atrás do cara e o levou para longe. Voilà: café de graça para a vida toda.

Ele estava bebericando seu café em uma tarde nublada de outono, deixando o vapor que vinha de uma pequena grade de ventilação aquecê-lo, quando sentiu um puxão. Um puxãozinho. Quase imperceptível, na verdade, bem no seu ombro esquerdo, onde estava a alça de sua mochila. Era o tipo de puxão que você notaria apenas se você mesmo tivesse puxado, como ao abrir um zíper e torcer para que a pessoa não percebesse o que você estivesse fazendo.

Ele fingiu não notar. Deixou seu café no peitoril da janela de uma loja e, sem nem olhar, correu a mão para trás e pegou o ladrão pelo pulso.

“Me larga!”, ela exigiu.

Ele olhou bem para ela. Tinha por volta de 1,65 m, esbelta, cabelos escuros e provavelmente uns 15 anos. Era asiática, mais ou menos. O cabelo era da cor do café em seu copo, cortado curto na altura do queixo de um jeito cheio de pontas que sugeria que ela mesma o tivesse feito. Não era magra o suficiente para se fazer notar por isso, mas a mão dele dava uma volta completa no pulso dela. E ela parecia com fome e assustada para caramba.

“Larga a minha câmera”, ele contrapropôs. O objeto pendia da alça na outra mão da menina. “Não vale nada mesmo. Você não conseguiria trocá-la nem por um sanduíche.”

Os olhos dela vagaram para o objeto retangular e pesado de metal e vidro. “Ela é mesmo uma bela porcaria.”

“Então por que você está tentando roubar?”

Ela fungou, puxou o braço e se soltou. Ele permitiu. Tinha uma sensação de que ela não iria a lugar algum.

Ela estendeu de volta a câmera. Esfregou o pulso por onde tinha sido pega. “Eu não sabia que você colecionava lixo.”

“Você tá com fome?”, ele perguntou casualmente, pegando seu café e dando um gole, nunca deixando de encará-la nos olhos. (Os olhos dele, aliás, eram de um verde muito claro e muito vívido, como uma pedra preciosa. Eram hipnotizantes e ele sabia bem disso.)

A menina não desviou o olhar. “Tô”, admitiu. “Tô com fome.”

“Então você podia só ter me pedido.”

“Beleza, você tem alguma grana pra me dar?”

“Não dá pra comer dinheiro”, ele informou. “Como você chama?”

“Que nome você quer?”

“Aquele que você gosta mais. Me fala seu nome e eu te dou alguma coisa pra comer.”

Ela o encarou com desconfiança. Aquela oferta era suspeita. “E é só isso que você quer?”

Ele não riu dela. Não exatamente. Sabia bem como o mundo funcionava e era uma pena que ela também já soubesse, sendo tão jovem. “É, é só isso que eu quero. Não se preocupa, princesa. Você não é o meu tipo.”

“Eu deveria ficar ofendida com isso?”

“Não”, ele respondeu. “Você teria que ser um cara pra chamar minha atenção

nesse sentido.”

Ela era novata nas ruas e isso era óbvio. Suas roupas estavam sujas, mas eram de boa qualidade, mas estavam amassadas. O casaco parecia úmido perto das costuras. Ela estava fugindo de alguma coisa, mas, o que quer que fosse, aquela fuga estava só começando.

Ele, a princípio, pensou em acolhê-la e ouvir sua história. A praça Pioneer não era lugar para uma menina, e menos ainda para uma chave de cadeia bonitinha daquele jeito, sem nenhuma habilidade de sobrevivência. No mínimo, ele podia dar a ela um cobertor para dormir e uma refeição, e ainda ver o que mais podia encontrar online. Alguém provavelmente devia estar sentindo falta dela, e isso era algo ruim. Ou então ninguém estava dando a mínima, e isso era ainda pior. De qualquer forma, ele descobriria.

Ela abriu a boca prestes a dizer algo, talvez dar uma resposta até positiva. Talvez oferecer a ele a verdade em vez de uma resposta espertinha. Mas não o fez. Ela desviou o olhar e, uma vez desconectada do olhar penetrante dele, viu outra coisa, algo que estava para além dele, algo que a aterrorizou até a alma.

Ela sussurrou tão baixo que, se ele estivesse dois centímetros mais longe, não a teria ouvido. “Por favor, não vai atrás de mim. Ele vai ver.”

Ela se virou. E correu.

E o Gralha não foi atrás dela. Nem mesmo olhou de imediato por cima de seu ombro para ver o que a tinha assustado tanto. Não; ele apenas deu mais um gole em seu café e desviou os olhos para a direita, para espiar sem se mover.

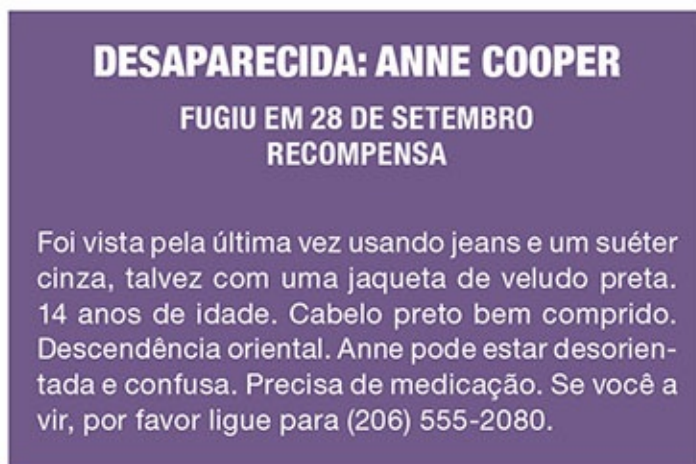
Viu turistas e guias uniformizados, um varredor de rua no lado oposto da Primeira Avenida, pombos vasculhando em poças imundas, carros procurando vagas para estacionar, consumidores segurando sacolas de compras e celulares. Nada ou ninguém que o pudesse amedrontar.

Mas havia um homem, parado em pé e sozinho, que examinava toda a cena com muito menos descrição que o Gralha. Tinha uns quarenta e poucos anos e era bastante comum, tão comum que poderia ser um detetive da polícia à paisana, ou pelo menos era aquilo o que veio à mente. Estava segurando uma pequena pilha de papéis, cada folha protegida por um envelope de plástico transparente.

Gralha ficou olhando enquanto o homem fazia sua investigação das redondezas, pegou um papel e puxou um grampeador do bolso do casaco. Afixou a folha protegida com plástico no poste mais próximo, deu mais uma olhada no cenário e se dirigiu ao quarteirão seguinte.

Quando teve certeza que ele já tinha partido de vez, Gralha se aproximou

como quem não quer nada para ver o pôster pregado.



“Parece um cachorro perdido”, Gralha disse para si mesmo.

Não havia foto, o que era bem estranho; e só com aquele texto para se orientar, ele nunca teria jurado que era a garota que tinha acabado de tentar roubá-lo. Mas, fora o cabelo comprido, a descrição era bem exata, e ela com toda certeza não estava nada confusa. Estava aterrorizada.

Ele terminou o café e jogou o copo de papel na cesta de lixo reciclável mais próxima.

A menina tinha ido embora, sumido como se fosse um fantasma. Mas ali era o reino do Gralha e não havia tantos lugares assim onde uma novata assustada pudesse se esconder. Assim que anoiteceu, ele foi lá checar todos os pontos possíveis. Já de manhã, tinha passado por todos os locais mais prováveis e a encontrou encolhida no terceiro andar de uma minúscula saída de incêndio.

Ele olhou para a figura toda encolhida dela, parcialmente protegida por uma parede quebra-vento improvisada com papelão, e percebeu que ela era bem esperta. Todo mundo olha para baixo procurando coisas perdidas. Todo mundo procura em buracos, gavetas, caçambas e porões. É por isso que o melhor lugar para se esconder é no alto, mesmo que à vista de todos.

Ninguém jamais olha para cima, a não ser pessoas que já passaram um bocado de tempo se escondendo por conta própria.



VINTE

“Aqui é muito longe da estação de trem?”, Trick perguntou, olhando para o céu como se, ao localizar o sol, pudesse dizer que direção seguir.

“Do jeito que aquela gralha voa?”, May disse, quase rindo de sua própria piadinha. “Uns poucos quilômetros. Talvez. Mas é só morro abaixo daqui até lá. A gente deve levar de uma a duas horas.”

“Não quero chegar lá depois de você de novo.”

“Então a gente pega o ônibus. Qualquer um que passe na rua Olive”, ela arriscou.

“Você tem dinheiro?”

“Só pra viagem mesmo.”

“Ótimo”, ele assentiu com a cabeça. Sua expressão era séria e ele tinha apertado a alça da bolsa e a colocado nas costas. “Então vamos.”

Não correram até a rua Olive, mas seguiram com uma pressa cuidadosa. Dois garotos tinham aparecido na TV fugindo de um furgão. Dois garotos com a mesma exata descrição levantariam suspeitas de qualquer um que estivesse um pouquinho mais bem informado. Não seria o caso? Não seria suspeito? May não sabia, mas se forçou para agir com calma ao dar passadas largas, passando pelas casas antigas e conjuntos habitacionais, pelos pequenos jardins retangulares, escritórios e lojas, e a própria Starbucks.

Um ônibus já vinha na direção deles, diminuindo a velocidade para parar no ponto, ao lado da placa azul e branca, o que significava que, pelo menos daquela vez, eles finalmente estavam no horário certo. May e Trick entraram e se sentaram no fundo, nos assentos que ficavam de frente para o corredor. Nunca antes May quisera tanto usar um capuz ou mesmo um chapeuzinho qualquer. Teve que se conformar com os óculos escuros surrados da Walgreens, escavado das profundezas de sua bolsa. Trick também pegou um par de fones de ouvido e ficou olhando para o celular, mas os fones não estavam conectados a ele. May tirou o seu celular do bolso e fingiu navegar pelo Twitter. Qualquer coisa que ajudasse a manter a cabeça baixa com o cabelo escondendo o rosto.

Só de pensar em falar com a polícia, May já começava a suar e a ficar vermelha, enquanto suas mãos ficavam mais frias e brancas, as juntas dos dedos

parecendo de cera. O que ela poderia dizer a eles? Nada. Negaria tudo. Juraria que nem tinha ideia de por que o louco no furgão queria transformá-los em picadinho no asfalto. Ele poderia estar seguindo qualquer pessoa.

Não. Ela já estava pensando em uma história e isso não era bom sinal. Ela até que era uma boa contadora de histórias, mas mentia mal, se é que isso faz algum sentido. Podia ser que Trick pensasse em alguma coisa melhor. Ela olhou para ele de soslaio, discretamente, em meio a uma cortina de cabelo. Ele estava de olhos fechados e seus ombros estavam bem encolhidos; tinha se afundado tanto no banco que ela parecia mais alta que ele. Seu cabelo estava armado como o de May, vítimas do tempo úmido e da correria, logo antes, pela região de Capitol Hill.

Ele tinha cara de novinho. Mas, mesmo desmazelado e fingindo apatia, passava segurança.

May também queria demonstrar isso. Cruzou os braços e cerrou os olhos até que eles estivessem quase fechados, apenas uma frestinha de olho espreitando raivosamente o mundo. Finja até conseguir, ela pensou.

Pensando bem, aquilo provavelmente seria exaustivo, porque ninguém tinha como saber quanto tempo levaria até ela “conseguir”. Mas ela pelo menos poderia fingir pelos próximos dois dias. Podia se concentrar tempo suficiente para conseguir encontrar Libby, e isso era tudo o que importava.

Três anos. Era esse o tempo em que ela ficaria morta.

Supostamente.

Para May, tinha sido três anos mudando para lá e para cá, quicando do pai para a mãe, tentando fazer novos amigos, mas nenhum muito próximo. Três anos de um escaninho só para ela, desejando que fosse diferente. Mas não seria mais assim, porque Libby estava viva, e logo tudo ficaria bem de novo.

Nada neste mundo teria convencido May do contrário, nem mesmo saber que aqueles três anos teriam como mudar as pessoas mesmo nas melhores circunstâncias. Os três anos de May tinham sido entediantes, inquietos e inconsistentes, mas os de Libby certamente tinham sido terríveis. Mas nada disso importava. Ela tinha sobrevivido, exatamente como no sonho de May com o carro submerso e Libby esperneando para se soltar, nadando para a superfície, nadando para a liberdade. Escapando para acabar prisioneira, e depois escapando da prisão também. Libby definitivamente ainda era Libby, onde quer que ela estivesse, o que quer que estivesse fazendo. Tinha encontrado um aliado no Gralha e tinha ficado um passo adiante de Ken Mullins aquele tempo todo. Claro que tinha. Porque ela era incrível, sempre tinha sido.

Nem três anos, nem mesmo trinta mudariam isso.

O ônibus pegou a esquerda rumo ao mercado e seguiu por mais alguns quarteirões. Então, mudou de direção para um morro assustadoramente inclinado e parou, sua última pausa antes de recomençar a rota. May e Trick saíram rapidamente pela porta de trás, pularam na calçada íngreme e foram para a praça Pioneer e para a estação de trem que ficava perto do mar.

May ficava observando com atenção as ruas no entorno. Esperava ver algum sinal do Gralha. Ele poderia estar em qualquer lugar. Em qualquer uma daquelas janelas. Em qualquer uma daquelas fachadas que não levavam a lojas, mas sim a predinhos sem elevador.

Libby também poderia estar por detrás de qualquer um daqueles lugares.

Trick também estava com os olhos bem abertos; mas, sem seus óculos escuros, ela dava bem mais na vista. Parecia nervoso e preocupado, como alguém que cometeu um crime ou estivesse prestes a fazê-lo. May deu um cutucão suave. “Pega leve, cara.”

“Estou pegando leve.”

“Não tá muito não”, ela contestou. Manteve a cabeça erguida, fingindo que olhava para a frente. “Ei, fica esperto com os turistas ali na frente.”

Ele se encolheu um pouco para sair da vista de um grupo de estrangeiros que estavam ajuntados para o passeio pela Seattle subterrânea. Quando ele desceu do meio-fio, assustou um pombo que estava por perto e ainda pisou em alguma coisa nojenta no asfalto, mas eles continuaram em frente. Ouviram a buzina de um motorista que, aparentemente, não entendia que você tem que parar para os pedestres. Trick mostrou o dedo para ele. “Nós não somos lá muito bons em não dar na vista ou passar despercebidos”, observou.

May pegou a mão dele e o puxou de volta para a calçada, e em seguida para dentro do parque Ocidental. Mais um quarteirão, dobraram a esquina e as ruas se juntaram em um enorme cruzamento em forma de V.

Ali estava ela: estação da rua King.

A estação era majestosa e imponente, construída em tijolo e pedra no século anterior, com janelas gigantescas, linhas clássicas e uma grande torre do relógio que arranhava o céu eternamente nublado. Na rua à frente, vias com tráfego intenso competiam por um lugar nos semáforos, lutavam pelo direito de fazer uma conversão e, no geral, poluíam a cena toda com um bocado de barulho e confusão.

“Você está vendo ele?”, May perguntou.

“Não, e olha que é você que está com os óculos supersecretos de espiã.”

“É, eles não estão ajudando muito”, ela murmurou. “Mas a mensagem dele dizia ‘estação da rua King’. Então, vamos entrar.”

Trick soltou um suspiro. “Claro, por que não, né? No pior dos casos, era tudo uma armação e, na verdade, quem está lá dentro é o Ken esperando pra nos matar.”

“Dentro da estação? Na frente de todo mundo? Duvido muito”, ela disse, sem duvidar tanto quanto gostaria. “Se ele quisesse nos fazer mal, nos atrairia para algum lugar escuro e calmo. Não é?”

“É. Igual ele fez em Fremont.”

Depois do parque, atravessaram a rua e desceram um número quase infinito de escadas de concreto para dentro da grande estação, com seus pisos reluzentes e acabamentos em metal polido que deixavam mais claro seu estilo do que sua idade. Os bancos de madeira brilhavam, o pé-direito era altíssimo, os tetos eram cobertos de azulejos antigos e os funcionários da estação usavam uniformes impecáveis que ficavam a um passo do exagero.

Mas o lugar não estava exatamente cheio. Tinha talvez umas trinta pessoas esperando pelo próximo trem e apenas meia-dúzia de funcionários controlando as bilheterias e o setor de bagagens. Na opinião bem informada de May, aquela pequena multidão não passava tanta segurança quanto a da rua lá fora.

Juntos, ela e Trick perambularam pelo local, ainda que sua caminhada parecesse mais um passeio muito nervoso. Mas, com certeza, Gralha não usaria a falta de jeito dos dois contra eles, May pensou, e os acolheria sob sua proteção ou algo assim, e os levaria direto até Libby.

Se antes ela tinha esperança disso, em seguida ela teve certeza. Tirou os óculos escuros só para deixar isso mais claro.

“É ele”, sussurrou quase que só para ela mesma.

Apontou com a cabeça para um canto onde havia um quadro grande com fotos de antes e depois da reforma da estação. Havia figuras e mapas, diagramas e textos. E havia também um sujeito alto e magro poucos anos mais velho do que ela.

Ainda estava com a roupa toda preta, envolto em uma camisa social de mangas compridas e um jeans justo todo atravessado de buracos, deixando aparecer a pele branca feito um fantasma por debaixo. Também estava de óculos escuros, como May, mas os dele eram do tipo aviador, não os que normalmente se veem em promoções.

Ele não deu qualquer sinal de que os tinha reconhecido. Apenas olhou para eles com aquelas lentes pretas parecendo olhos de inseto lá do outro lado do

imenso espaço que ecoava como o som de um trator. May pegou Trick pelo braço e saiu arrastando-o. Os olhos de Trick estavam arregalados e os joelhos meio rígidos, mas ele não tinha como estar com aquele medo todo, tinha? O que havia ali para se ter tanto medo? Aquele não era o cara do furgão; era só um punk qualquer que sabia tudo de Libby e que nunca tinha feito nada além de ajudá-los. Talvez ele não estivesse com medo, afinal, apenas nervoso. Bem, May também estava bem nervosa.

Quando ela já estava bem próxima, praticamente já podia ver a respiração dele e ouvi-lo batendo o pé impaciente, ela cochichou seu nome: “Gralha?”.

Ele assentiu. Bem discretamente. Só uma breve abaixada de cabeça. Trick apenas ficou parado lá, do jeito que May o deixou, depois de puxá-lo para junto dela.

“É você”, May disse. “Eu sei que é você.”

“Pode acreditar que sim”, ele disse. “Tem coisas muito piores do que pássaros observando esta estação.”

“O Homem Agulha?”, ela arriscou. Estariam eles falando em código? Talvez sim. Mas tudo o que tinham em comum era aquela história, e, se a história continha mesmo todos aqueles sinais e todas aquelas palavras, então era isso o que eles usariam.

“Ele nunca está muito longe de nós. E agora ele sabe quem vocês são, de modo que vocês têm duas opções: podem ficar parados e deixá-lo capturar vocês, ou podem correr.”

Trick finalmente reencontrou sua voz. “Correr com você, eu presumo?”

“Ele ainda não me pegou, e olha que vem me procurando há bem mais tempo do que vocês. Além disso...” Ele sorriu para May e inclinou a cabeça bem levemente, dizendo apenas aquilo que ela queria ouvir mais do que tudo no mundo: “A princesa pediu para ver você”.



VINTE E UM

May sentia o peito tão apertado que mal podia respirar. “Então é verdade. É tudo verdade e ela está mesmo aqui.”

“Ela está por perto.” Gralha olhou para cima, examinando o cenário todo. A multidão aumentava e mais pessoas entravam pela porta.

“Então me leva até ela.” May tentou fazer aquilo soar como um comando, como se não estivesse suplicando, mas na verdade soou mais como se ela estivesse rezando.

“Venham por aqui.” Ele murmurou essa primeira instrução calmamente, com pouco mais do que um sussurro, então descruzou os braços e se virou sobre um calcanhar. Ele andava como um pássaro voava, com as pernas planando feito asas e os pés mal encostando no chão polido. May e Trick se apressaram para acompanhar seu passo. May tinha a terrível sensação de que, se eles o perdessem, ele nunca mais voltaria para vê-los de novo, como se não fossem merecedores de estar com ele caso não conseguissem acompanhá-lo.

Pela estação afora, eles vagaram entre colunas, por corredores e passando por placas que diziam “Somente funcionários”. Mas nunca viram funcionário algum e ninguém jamais os parou.

“Por aqui”, Gralha disse sem nem olhar para trás. Abriu uma porta que se dizia uma saída de emergência. O aviso também alegava que, se alguém se atrevesse a sair por ali, um alarme soaria. “Eu desliguei isso meses atrás”, ele disse, ainda sem se virar para olhar, e desceu por uma escadaria.

As escadas não tinham o mesmo aspecto do resto da estação. Eram frias e úmidas, feitas inteiramente de concreto, com um corrimão de metal bastante comum e manchas no chão. Não havia janelas, nem muita luz. A cada patamar, uma lâmpada amarela bem fraca se pendurava de um bocal muito mal agarrado à parede.

“Que raio de lugar é este?”, Trick perguntou.

“É um corredor de serviço. Ou era, antes da reforma”, Gralha explicou. “Atualmente, tem uma passagem mais curta pelas áreas de manutenção e o escritório dos engenheiros. Quando fizeram aquelas obras uns dois anos atrás”, ele disse, abaixando a cabeça para não trombar com fios soltos, “deixaram um

bocado de espaços vazios como este”.

“Então... você vem sempre aqui?”, May brincou, e quase conseguiu soar como a piada que ela tentou fazer.

“Venho bastante. É o caminho mais fácil até o subterrâneo, neste quarteirão.”

Agora ele tinha conseguido a atenção de Trick. “Nós vamos pro subterrâneo? Não vamos trombar com turistas por lá?”

“Não no lugar para onde estamos indo.”

As escadas finalmente acabaram e May percebeu que eles deviam estar uns quatro ou cinco andares abaixo da superfície. Atrás do último lance, havia uma pilha de coisas: mesas dobráveis, material de limpeza, cadeiras, escadinhas quebradas e mais um punhado de tranqueira que ela não conseguiu distinguir em meio à luz fraca e fria.

Gralha saltou do último degrau e foi até a beirada de uma escrivaninha. Ela estava deitada de lado; quando ele a puxou, ela tombou bem devagar, sem a dificuldade e o ruído que May esperava ouvir, revelando escadas que iam mais fundo até um túnel escuro.

“Ela desliza”, ele explicou, apontando para um par de rodinhas mínimas em que ela nunca teria reparado. “Esta aqui é uma das portas dos fundos. Vem aqui pra baixo e olha bem onde pisa. Não tem turistas aqui, mas tem um bocado de ratos quando a gente está perto assim da água.”

“Ah, Deus...”, Trick deixou escapar, e algo em seu tom de voz vacilante fez May se perguntar se ele por acaso teria algum medo específico, e ainda não mencionado, de roedores. “Mas eles têm mais medo de nós do que nós deles. Não é?”

“Não esses ratos aqui, HatTrick.”

May franziu a testa. “Do que você o chamou?”

Mas o guia já estava atrás da mesa, acenando com a mão fantasmagórica para que eles o seguissem. Na escuridão além das escadas, o balanço de seus dedos longos e magros era tudo o que ela conseguia ver.

May se virou para Trick. “Do que que ele te chamou?”

“Do meu nome, acho”, ele murmurou. “Então... primeiro as damas ou você prefere ir por último?”

“Tô indo, tô indo.” Ela se abaixou e se contorceu para trás da escrivaninha, para dentro da escuridão que ficava no âmago da cidade.

Gralha esperou por ela lá embaixo, naquele espaço deixado para trás pelo departamento de obras da cidade há mais de um século. Aquelas eram como tocas de coelho que conectavam os porões, as lojas e os depósitos do período

vitoriano, vias subterrâneas que foram completamente esquecidas quando Seattle foi erguida das margens lamacentas. Até aquele momento, May só tinha visto o corredor principal que ficava sob a praça Pioneer, onde acontecia o passeio subterrâneo dos turistas. Aquela era a parte segura, com luz elétrica e guiada por voluntários que tinham todas as informações e ponteiros de laser.

Mas aquilo ali era completamente diferente.

Aquele guia andava levemente encurvado para não bater a cabeça em uma série de velhos canos grossos que se passavam pelo que deveria ser um teto. Os óculos escuros já não estavam mais lá, e seu rosto e suas mãos era tudo o que ela conseguia ver até que seus olhos se acostumassem com a escuridão. Ele era fantasmagórico e quase alienígena. Não sorria nem fechava a cara, e mal se movia ao esperar por Trick.

Atrás dela, May ouviu seu colega juntando coragem para continuar e seguir testando o melhor lugar onde pôr os pés. Ele deslizou para junto dela, em meio ao espaço escuro e abandonado, e a porta improvisada rangeu e se fechou logo atrás.

Gralha estendeu a mão até um buraco na parede e pegou uma lanterna. Quando a acendeu, a luz pareceu forte demais – apenas por um momento – e depois mostrou precisamente o que May esperava encontrar ali: teias de aranhas, insetos rastejantes, metal enferrujado, tijolos se desfazendo e um chão que mal era chão. Era na maior parte pó, com restos de pedra aqui e ali. Era tudo muito úmido, com poças de água estagnada brilhando como espelhos.

Trick estremeceu. “Isso é nojento.”

Mas o Gralha discordou. “Não. É apenas um lugar esquecido. Tem muita coisa a ser apreciada neste lugar.” Ele gesticulou para que o seguissem, e não havia mesmo muito mais que May pudesse fazer. Quando Gralha andava, ia levando a luz com ele e todo o resto ficava na mais completa e impenetrável escuridão que ela já vira na vida.

Nervosa, May tentou puxar conversa. “E do que você gosta neste lugar? Porque, no momento, tudo o que vejo é uma boa desculpa para uma injeção contra tétano.”

Ele olhou para trás, mas o ângulo frontal da lanterna projetava sombras estranhíssimas em seu rosto, destacando as bochechas vincadas e o nariz com um facho pálido de luz branca. “Pelo que ouvi, você tem muito mais imaginação do que isso.”

“Bom... foi um longo dia”, ela disse sem muita emoção.

“Para todo mundo, eu espero.” Ele continuou em sua marcha, guiando-os em

meio às poças mais fundas e por baixo dos lugares mais difíceis onde o teto cada vez mais se abaixava. “Mas este é o lugar perfeito para uma aventura, não acha?”

“É, do tipo que o herói morre no fim”, Trick resmungou para logo em seguida pisar em uma parte do terreno mais lamacenta, o que o deixou com uma careta de desgosto.

“Espero mesmo que não”, Gralha respondeu sem olhar para ele. “Além disso, se os quadrinhos nos ensinaram alguma coisa de bom, é que a morte é raramente uma condição permanente.”

“Mas nós não somos super-heróis”, May argumentou.

“Fale por você”, Gralha retrucou. Eles passaram por uma porta muito castigada que algum dia tinha pertencido a uma varanda em algum lugar, e não tinha sido originalmente feita para ficar mil quilômetros afundada no subterrâneo, enfiada na lama. “Estou preparado para viver para sempre. E a Princess X também.”

May sentiu aquele arrepio de novo, aquele aperto tirando seu fôlego do peito, e teve de fazer uma pergunta, porque, se não fizesse, não saberia se seria capaz de continuar seguindo por aquele lugar escuro e horrível. “Quando você fala da Princess X... você sabe, não sabe? Que eu e a Libby é que inventamos ela? Você sabe que é ela que vem desenhando, e que tem sido ela esse tempo todo.”

“Esse tempo todo”, ele repetiu. Levou a mão até uma maçaneta e empurrou, e outra porta se abriu. Havia luz do outro lado daquela, mas ainda não muita.

May pegou o braço dele. “Espera. Por favor, só me diz. Diz em voz alta. Preciso ouvir isso de alguém. Por favor, me diz que ela está viva.”

Ele fez uma pausa e depois balançou a cabeça gentilmente enquanto afastava com cuidado os dedos dela. “Mas é claro que ela está viva. Uma boa história nunca morre.”

“Não foi isso o que eu perguntei, e você entendeu muito bem.”

“Mas já estamos quase lá”, ele informou.

Ainda não era exatamente o que ela precisava, mas, por puro desespero, continuou seguindo assim mesmo. E Trick foi atrás. Então os três chegaram a um lugar mais limpo, algo mais parecido com um porão que não tinha sido terminado.

“Estamos quase onde?”, Trick perguntou.

“Na casa assombrada. Vamos, é só mais um quarto. Ela está esperando por vocês. Mesmo que vocês não tenham achado todas as chaves ainda.”

“Ah, mas com toda certeza a gente estava pra achar”, May insistiu. “Além

disso, só restou a última, a criança cinzenta. E é a Libby, não é? Pronto, achei também.”

O tom da voz dele sugeria que ele estivesse dando um sorriso quando respondeu “Quase isso.”

Na parede havia um pequeno interruptor bege. Ele o acendeu, e então algo como um coro de lâmpadas fluorescentes começou a ressoar, a princípio bem fraco e depois com mais força. As luzes revelaram o porão, ou uma adega ou coisa assim, lotada do chão ao teto de engradados em um canto e maquinário industrial velho em outro. Barris, caixas e um cadáver enferrujado de uma bicicleta também estavam espalhados em volta, com uma passagem bem estreita pelo meio da bagunça. O caminho estava marcado com pegadas, algumas parecendo vir de botas e outras mais como de tênis.

Cumprindo sua palavra, Gralha os levou a mais um porão subterrâneo e outro lance de escadas. Agora, elas eram de madeira e bem velhas, que rangeram e cederam sob seus pés.

“Cuidado com o degrau quebrado”, ele avisou.

Trick disse que todos pareciam quebrados.

“Então, cuidado com todos.”

“Que droga, cara, tira a gente deste lugar.”

“Estou trabalhando nisso, HatTrick.” Gralha lançou para Trick um olhar de pura irritação. “Imaginei que um rapaz corajoso para ir contra a lei como você seria um pouco mais...” Chegando no alto das escadas, mais uma porta. Ele puxou uma chave e a abriu. “Intrépido.”

May também olhou estranho para Trick, mas o olhar dela tinha mais perguntas. Antes que pudesse se expressar, Trick disse: “Bom, você já sabe que eu precisei fazer algumas coisas... meio ilegais para rastrear o Ken”.

“Acho que não foi isso o que ele quis dizer. E por que ele continua te chamado de ‘HatTrick’?”

Gralha não interferiu na conversa. Apenas abriu a porta e a manteve escancarada, acenando para que os dois subissem os últimos degraus, oferecendo assim uma distração para que Trick não precisasse responder.

“Bem-vindos à casa assombrada”, ele disse.

Trick disse um “Uau” em um tom sem empolgação nenhuma, mas May ficou olhando meio que espantada para aquele espaço, deixando os olhos acostumar com a luz natural que entrava pelas janelas enormes, a maioria das quais estava quebrada ou rachada. Dentro do recinto que parecia amplo demais, havia pouca coisa digna de nota, na maioria embalagens vazias de comida, paletes velhos de

madeira e um verdadeiro exército de gruminhos de poeira. Não era um lugar onde alguém moraria. Era um lugar por onde pessoas apenas passariam.

“É... É muito gracinha, sabe”, ela suspirou desencantada.

“Obrigado”, Gralha disse graciosamente. “Eu gosto bastante daqui.”

“É uma zona...”

“Cala essa boca, cara.” May mirou um soco de leve bem no queixo de Trick, mas ele conseguiu se desviar. “É legal.”

“O nome de verdade deste lugar é Estrela-do-Mar”, esclareceu Gralha. “Aqui era um hotel, e depois foi...” – ele fez um gesto com a mão indicando pouca importância – “um monte de outras coisas. Hoje, é o quartel-general do Todos os Povos Livres e uma certa publicação online em quadrinhos chamada Princess X.”

“Você faz isso tudo aqui deste lugar?”, Trick perguntou, deixando escapar o ceticismo de suas palavras.

“Não aqui neste andar, seu idiota. Aqui é só pras pessoas verem e acharem que o lugar está abandonado e não tem nada de interessante.”

“Bom, muito bom. Realmente não tem nada de interessante.”

Atrás deles, um som discreto de passos começou tão baixinho que May não tinha certeza de ter ouvido coisa alguma. Ou talvez tenha pressentido algo, talvez uma coisa tilintando nas beiradas de seu cérebro, alguma percepção extrassensorial que tinha ficado mais aguçada naqueles últimos dias de pistas, caçada e de perigo.

O website.

Os cabelos em sua nuca se eriçaram como em uma saudação ansiosa. Ela estremeceu e se virou bem a tempo de ver a princesa aparecer.

“É claro que não tem nada de interessante”, ela disse. “É por isso que chamam de ‘estar à vista de todos’ mesmo quando você está escondido lá.”



VINTE E DOIS

May congelou.

A garota ficou parada na porta bem à frente de outro lance de escadas que, desta vez, subia ao invés de descer. Era magra e estava bem pálida, com um cabelo armado e embaraçado batendo no queixo, talvez mais curto em outros pontos e agora crescendo depois de um tingimento aparentemente desastroso que tinha tentado deixá-lo louro, mas só conseguiu chegar ao laranja. As raízes eram escuras como chocolate, tão escuras quanto as luvas sem dedos e o casaco com capuz roído de traças que ela estava usando, com um logotipo de empresa quase apagado logo acima do coração. Ela também usava uma imitação barata de botas de marca que poderiam ter sido doadas por alguém em campanhas de arrecadação para os necessitados. Pareciam já ter passado por muitas escaladas e corridas.

O sorriso da garota era torto e incerto. E familiar.

“Eu sabia que você viria assim que visse o site”, Libby disse. “Sabia que você ia me encontrar.”

Sua voz estava mais grave do que May se lembrava, mas era firme e forte. Mais forte que a de May, que mal conseguiu deixar sair um grito com o nome dela antes de correr e abraçar a garota enlaçando-a cada vez mais apertado, com mais vontade do que ela já tinha abraçado qualquer outra pessoa ou coisa na vida. Nenhuma emoção tinha sido tão forte. Nem mesmo quando ela andou de montanha-russa pela primeira vez, se agarrando ao pai de tanto medo. Ou quando ela caiu do cais antes de aprender a nadar, e um homem em um veleiro jogou uma boia para ela.

Poder abraçar Libby outra vez era um sentimento muito maior e intenso, porque ela sabia que se os olhos podiam se confundir, aquele abraço nunca mentiria, e ali estava a verdadeira Libby, finalmente: amável e tão magrinha, e já não tão mais alta que May como antes. Eram quase da mesma altura agora, e isso era bem estranho, não era? Na cabeça de May, Libby era quase sempre a única alta, impossivelmente linda, a única jovem; até imortal. Mas ali estava ela, da mesma idade de May, retribuindo cada sensação física e cada emoção naquele abraço.

“Eu não sabia o que fazer. Não tinha certeza”, Libby murmurou sobre o ombro de May. “Queria tanto te ver, mas tinha medo de que fosse acabar provocando sua morte.”

“É você!...”, May finalmente deixou sair, ainda sem largar a amiga. Sentiu o gosto daquele cabelo descolorido, sentiu o cheiro de suor e café velho e até o odor longínquo dos cigarros que alguém tinha fumado perto dela. Não sabia se conseguia olhar para Libby sem cair no choro.

“Sou eu”, Libby concordou, assentindo com a cabeça e escondendo o rosto atrás dos cabelos de May.

May disse: “Eu sinto muito”.

“Por quê?”, Libby perguntou, com a voz tão abafada quanto as desculpas de May.

“Por ler tão devagar. Por ter demorado tanto.”

“Nah...”, ela disse, finalmente se desvencilhando do abraço. Segurou os ombros de May. “Você foi muito bem depois que começou a prestar atenção. Meu Deus, olha só pra você!”, exclamou, já com um sorriso nada torto, e sim bem aberto, alegre em vez de ansioso. “Você cresceu tanto!”

“E você encolheu! E ficou loura!”

“É”, ela disse, dando uma sacudida meio envergonhada no cabelo. “Nem foi ideia minha. Foi um disfarce ruim, só isso.” Solto os ombros da amiga e o sorriso diminuiu, mas permaneceu lá.

O Gralha interveio. “Eu vivo dizendo para ela raspar tudo. Careca é o melhor disfarce.”

“Mas também faz as pessoas olharem mais pra você”, Libby disse, “especialmente se você for mulher”.

“Talvez só um corte bem rente. Bonitinho e bem de menininho”, May provocou, estendendo a mão para tocar nos cabelos de Libby. “Não importa. Você está linda como sempre.”

“Ah, deixa disso”, ela respondeu, quase corando. “Você é que é a bonitona agora. Você cresceu e ficou linda, May.”

May tremeu só de ouvir seu nome e não conseguia se conter. Agarrou Libby de novo em outro abraço bem sincero. “Não, você é que deixa disso. Você é a princesa, Libs. Sempre. Pra sempre. Deus, que saudade eu tive de você!”

“Tive muita saudade também.” Ela hesitou e deu um grande e caloroso beijo do lado da cabeça de May. “Você nem faz ideia. Quando eu comecei a organizar a história em quadrinhos, meu Deus! Eu só queria...”

Trick pigarreou de um jeito bem audível. “Meninas, eu sinto interromper

esse momento tão tocante, mas a questão do maníaco tentando nos matar ainda está pendente.”

Libby largou May e olhou Trick de cima a baixo. “Então é você o tal do HatTrick. Eu esperava alguém... mais alto, talvez.”

“É, escuto muito isso”, ele disse sem esconder a irritação.

“‘HatTrick’. Lá vem isso de novo. Por que as pessoas ficam te chamando disso?”, May perguntou. “Não é só Trick?”

Antes que Trick pudesse arrumar uma explicação fajuta qualquer, Gralha intercedeu: “Ele é Patrick na certidão de nascimento, Trick em pessoa e HatTrick na internet”.

“Vocês... já se conheciam online?”, May questionou.

“Já nos encontramos”, Trick disse entre os dentes. “Digitalmente falando.”

Gralha fez uma mesura de brincadeira, como que tirando o chapéu. “Esse garoto aqui tem mais coisa escondida do que você sabe.”

“Hã, espero que sejam coisas boas, pelo menos”, May respondeu nervosamente.

“Nem tudo coisa boa, mas também não tão ruim quanto poderia ser. Eu fiquei meio preocupado no começo, porque ele veio me perguntar da recompensa.”

“Tinha uma recompensa? Ah, sim...”, May se lembrou. “Ele me falou a respeito. Coisa medonha...”

Trick levantou as mãos. “Eu só lembrava de ter visto aquilo, só isso. Estava tentando achar os velhos posts no 4chan e na *darknet*. Estava só investigando, não querendo ir atrás da grana.”

May lançou a ele um olhar de fuzilamento. “Tem certeza?”

“Cem por cento de certeza. Olha, eu nunca entrei em contato com o Mullins, só com ele aqui.” Apontou o polegar para o Gralha. “E, no fim das contas, funcionou muito bem, não foi?”

A coisa poderia ter se estendido, já que May tinha mais perguntas a fazer, mas Libby cortou o interrogatório antes que ele fosse adiante. “Vocês podem conversar mais sobre isso depois. Por enquanto, Gralha... por que você não leva o Trick para o segundo andar e mostra a ele o seu sistema? Vocês dois podem conversar em computês ou seja lá que nome isso tem.” Os dois olharam para ela como se ela fosse louca, mas Libby pediu novamente. “Por favor? Dá uns minutos pra gente?”

Gralha deu um suspiro profundo e olhou para Trick como se preferisse empurrá-lo de um precipício à levá-lo lá para cima. Trick também não pareceu

muito satisfeito com a situação. “Prometo não encostar em nada”, ele jurou.

“Tudo bem, então, beleza.” Gralha apontou o dedo para Libby. “Mas a próxima rodada de café é por sua conta.” Ele balançou a cabeça e se virou para Trick. “A escada é por aqui.”

Assim que eles se foram, lá estava a velha e única dupla, Libby e May, finalmente reunida. Libby disse: “Eu poderia te oferecer um chocolate quente, mas acho que acabou. E o que a gente costuma ter por aqui não é nada perto do que era a Black Tazza, mesmo”.

“Eles destruíram a cafeteria, sabia?”

“É, ouvi falar a respeito. Foi por muito pouco! Digo, vocês estavam seguindo as pistas e pegaram a máscara logo antes que eles entrassem lá com as escavadeiras e derrubassem o quarteirão todo. Teria sido um saco ter que pensar em algo novo.”

“A gente sempre teve um ótimo timing”, May sorriu.

“Você sempre teve ótimo timing. Eu vivia sempre pondo o carro na frente dos bois.”

“Então a gente trocou de lugar, ou é o que o Trick diria. Ele sempre me acusa de tirar conclusões apressadas, mas, ei, foi isso que me trouxe aqui.”

“É, foi mesmo! Ah, ei...”, Libby disse, olhando por cima do ombro. “Tem um frigobar ali. Você quer um refrigerante?”

“Quero!” May nem precisava beber nada e não estava nem aí para aquilo no momento. Mas também não recusaria.

Virando a direita, havia algo como uma cozinha, ou pelo menos um lugar com uma geladeira pequena e uns armários com comida. A maior parte era do tipo que vem em caixas, como bolinhos e batatas fritas, mas também tinha outras coisas mais hippies, como barras de cereais e couve desidratada.

“Pode se servir de qualquer coisa aí”, Libby ofereceu, puxando os refrigerantes e mostrando o grande sofá que ficava na parede próxima. “E não precisa ficar com medo do sofá canibal ali. É velho, mas está bem limpo, e é confortável pra caramba.”

“E é por isso que você chama ele de canibal?”

“Pois é. Você cai no sono nele e nunca mais escapa.”

As duas se jogaram nele, cruzando as pernas tão perto uma da outra que seus joelhos se encontraram. Lá de cima, May pôde ouvir passos indo para frente e para trás, e o murmúrio baixo de Gralha e Trick tentando ter uma conversa desconfortável (e sem dúvida bem nerd).

“Eu tenho de te perguntar”, Libby disse de repente, como se só então se

lembrasse de alguma coisa. “Você deixou o tablet lá? E tudo o que tinha nele? O Gralha disse que vocês iam retorná-lo para a cripta da Christina.”

“Pois é”, May respondeu. “Enfiamos ele lá de novo como o Gralha disse pra fazer, e colocamos a pedra de volta em cima. Será que a gente devia mandar uma mensagem pro meu pai ou pra polícia a respeito?”

“É, a gente podia ligar para o número que não é de emergências e só deixar uma dica anônima lá.”

“Mas por quê, Libs...? Por que você não levou o tablet pra polícia? Ou enviou pelo menos as informações que tinha nele ou qualquer coisa assim? Por que você não me ligou ou mandou um e-mail anos atrás? Eu teria vindo aqui atrás de você; teria encontrado um jeito, eu juro.”

Libby parecia que ia começar a chorar. Limpou o nariz com a manga do casaco. “Eu tentei ir à polícia; foi a primeira coisa que fiz quando consegui fugir. Mas o você-sabe-quem já tinha preenchido um relatório de pessoa desaparecida com o meu nome, então eles ligaram pra ele. E ele disse que eu era perigosa, que era esquizofrênica e precisava de medicação, e que eles não poderiam acreditar em nada do que eu dissesse.”

“Como na história. Eu tinha medo de que fosse algo assim.”

“Eu estava tão assustada que nem passou pela minha cabeça que ele chamaria a polícia antes que eu chegasse lá, mas foi exatamente o que aconteceu, e eles acreditaram nele. Então, tentaram me manter lá até a hora em que ele fosse me buscar. Ainda ia levar umas horas porque ele tinha que pegar a balsa e tudo, então decidiram me levar para um hospital psiquiátrico para ser avaliada. Mas eu chutei o saco do enfermeiro e pulei da van antes que eles saíssem do estacionamento. Bom... essa é a versão curta da história”, ela concluiu meio desconfortável, como se aquilo tudo a deixasse envergonhada. “Então, a próxima coisa que eu fiz foi...”, e sua voz embargou na garganta.

“Você ligou pro seu pai”, May disse baixinho. “Foi o que a gente conseguiu entender da história, e aí o Trick deu uma investigada nisso. O Ken matou ele porque ele tentou vir atrás de você.”

Libby fez que sim com a cabeça, então deixou a lata de refrigerante de lado e pegou a mão de May apenas para ficá-la segurando. Também baixo, ela disse: “Meu pai pegou o primeiro voo. Agendou no nome dele mesmo e tudo, e a mesma coisa com o aluguel do carro aqui. Mas o velho Agulha, sabe... ele é bom com coisas tecnológicas e foi bem fácil pra ele rastrear meu pai e ir atrás dele antes que ele pudesse vir atrás de mim”. Os olhos estavam marejados, mas ela ainda não chorava. “Depois disso, fiquei com medo de pedir ajuda pra todo

mundo. Se ele tinha como influenciar a polícia, se podia rastrear meu pai e matá-lo, então ele tinha como fazer qualquer coisa que quisesse com qualquer um. E talvez eu não estivesse no melhor juízo também, depois daquele tempo todo...”. Ela desviou os olhos para longe. “Eu fui pro centro da cidade e morei na rua, porque... o que mais eu podia fazer? Não queria que mais ninguém fosse morto por minha causa. Mas nunca contei a ele a respeito de você nem da Princess X.”

“E é por isso que você fez a história online? Pra chamar minha atenção sem chamar a atenção dele? Isso foi brilhante, Libs.”

Libby não concordava completamente. “Bom, fiz isso por mim também. Foi meio que uma terapia, talvez, contar aquela história e desenhar de novo. Me deu uma força.” Ela se aquietou por um momento. “Então, o Gralha sugeriu que eu pusesse online pra ver se a gente conseguia te encontrar, e isso pareceu uma boa ideia na época; mas o Agulha percebeu. Talvez ele só tenha trombado com o site ou coisa assim, não sei. Acho que ele pensou que a história ia dar pistas novas sobre pra onde eu tinha fugido, mas ela não falava nada disso de verdade. E ele não tinha como rastrear o IP, não com a Grande Muralha do Gralha como meu firewall.”

“E as suas pistas na história foram bem sutis, tenho que admitir.”

“Claro que foram. Elas eram só pra você.” Libby apertou a mão dela e May apertou de volta. “Eu precisava que você fosse atrás dos dados desse cara e fizesse as ligações todas; porque não importava se eu as desse de mão beijada pra polícia. Até onde o poder público sabe, sou apenas mais uma adolescente fugitiva com problemas mentais e uma história doida. Tinha que vir de outra pessoa, e, se viesse de você... Pensei que isso acabaria te protegendo também. Como se ele fosse pensar duas vezes antes de começar a te perseguir se soubesse que você tinha provas contra ele.”

May deu uma risadinha sem jeito. “É, essa parte não funcionou tão bem assim não. Ele veio atrás de nós do mesmo jeito. Não que seja culpa sua”, ela acrescentou. “A culpa foi do Trick.”

“Foi o que o Gralha disse, que o seu amigo não era ruim, mas não tomou cuidado.”

“É, isso resume bem como foi a coisa. Bom, conta a favor dele que, no fim, ele acabou me trazendo até aqui. Ele e o Gralha juntos, acho. Só queria que não tivesse levado tanto tempo.” Ela suspirou. “Quando percebi que a história já vinha rolando há mais de seis meses, e que eu nunca a tinha visto antes, nem ouvido falar dela... me senti muito burra.”

“Nah, não precisava se sentir burra. Era só uma HQ online dentro de uma

internet lotada de webcomics.”

“E como foi que você acabou desenhando ela, afinal? Como você chegou aqui?”

Libby inspirou profundamente e deixou o ar sair devagar. “Ele me manteve presa por quase um ano naquela casa dele em Bainbridge, quase sempre trancada em um quarto. Me chamava de Christina. Durante um tempão, achei que ia ficar louca. Parei de comer quase por completo e achei que seria melhor só desistir de tudo e morrer, porque era o único jeito de sair daquela casa. Mas então... então, tive um sonho com a minha mãe. Ela estava gritando comigo, me dizendo que eu tinha que ser forte pra fugir. Ei, você acredita em fantasma?”

“Claro”, May concordou rápido, sem saber direito se achava que era verdade ou não, mas sem ligar muito também.

“Ou fantasmas em sonhos, eu acho. Talvez ela só estivesse na minha cabeça, mas aquele sonho me pôs em movimento de novo. Me deixou com raiva. Me deixou mais determinada a escapar dele. Mas aí eu teria que fugir da polícia também, e do pessoal do hospital psiquiátrico. Não podia parar em lugar nenhum... Não podia descansar em lugar nenhum, e também não tinha nenhum dinheiro. Um dia, encontrei o Gralha no centro. Tentei roubar uma coisa dele”, ela disse com uma ponta de sorriso. “Agora, ele cuida de mim. Eu vivo aqui desde aquele dia.”

“E ele... é seu namorado?”

“Namorado? Não, mas ele tem um namorado. Nem em pensamento o Gralha é hétero.”

May ficou aliviada de ouvir aquilo; que Gralha não tinha nenhuma segunda intenção sórdida ao oferecer sua ajuda. Ela tinha gostado dele e não queria pensar nele daquela forma. “E ele tem esse hábito de acolher adolescentes perdidos nas ruas?”

“É algo que ele já tinha feito antes, mas em geral com viciados. Ele tem um histórico com esse pessoal dependente e que quer se recuperar, é o ponto fraco dele. E também não gosta de policiais, e os tiras são bem duros com os jovens que moram na rua por aqui, então ele às vezes ajuda outros sem-teto também.” Ela fez uma pausa e olhou para o espaço em volta. “Acho que sou a que ficou mais tempo por aqui, mas também não tenho nenhum outro lugar pra onde ir.”

“Nós vamos dar um jeito nisso”, May declarou.

Libby deu uma risadinha.

“O quê? Tô falando bem sério.”

“Eu sei. Não é disso que eu ri. É que o seu sotaque de repente voltou com

força total.”

“Ah, fica quieta! Não voltou nada não!”, May riu de volta.

Vindo das escadas, ouviram o chamado do Gralha. “Não é possível que vocês duas já estejam brigando, é?” E ele veio andando com Trick a reboque.

“Falando no diabo...”, Libby disse. “Eu só estava provocando ela um pouquinho, e ela sabe disso.”

“Ah, ela pode caçoar do meu sotaque o quanto quiser. Mas e vocês dois? Conseguiram se entender? Pelo menos não se mataram ainda.” May falou de forma espirituosa, mas ambos fecharam um pouco as caras, então ela perguntou: “O que tá rolando? O que está incomodando tanto vocês dois?”.

“O Ken está na ativa.” Trick puxou um pequeno smartphone do bolso de trás da calça e entregou para Libby. “Ele não é nada bobo, e agora está tentando recuperar o prejuízo.”

“Qual prejuízo?”, May perguntou.

Gralha deu de ombros. “Provavelmente está indo pra casa dele em Bainbridge, pronto pra fritar todos os servidores da sala e sumir do país. Ele já sabe que você tem como provar a identidade de Libby e está com medo. No mínimo, você já teria como mexer nesse vespeiro e conseguir uma exumação do corpo dela. Além disso, ele já sabe que o Trick achou os resultados do exame de medula da Libby, porque ele tirou essa informação direto de um dos servidores do Ken. Todas as conexões já foram feitas e o nó está se apertando em torno do pescoço dele. Ele vai querer escapar enquanto pode.”

Trick franziu o rosto. “O que eu peguei do servidor dele foi... espera, você está falando dos números na máscara? Aquele PDF com os testes clínicos? Eu achei que aqueles números eram a identificação da filha do Ken.”

“Não, eles eram da Libby; e não eram testes clínicos com drogas experimentais. Era uma coleta de registros patrocinada por uma companhia farmacêutica que...”

May interrompeu: “Mas a Libby nunca teve câncer!”.

“Não, nunca tive”, Libby explicou. “Mas anos atrás, antes de você mudar pra cá, teve uma menina na escola que teve, e os pais dela estavam procurando por alguém compatível. Todo mundo na escola quis ajudar, então muitos dos alunos passaram pelos testes. Mas ninguém era compatível e a menina morreu. Foi muito triste.”

Gralha pegou do ponto onde a história tinha parado. “Os alunos eram todos menores, então os resultados no banco de dados dos doadores são identificados por números, não por nomes. Todas as informações foram enviadas de volta ao

hospital.” Virando-se para May, ainda acrescentou: “Foi assim que o Ken descobriu que Libby era compatível com a filha dele. Ele é o dono daquela sala de servidores particular na qual o hospital armazena os registros antigos. Ele fez o que fez trocando os nomes dos arquivos por outros relacionados a testes com drogas como forma de encobrir suas pegadas. Por isso que o que vocês encontraram estava sob o nome de Xerberox”.

May se levantou e amassou a lata vazia de refrigerante contra o balcão mais próximo. “Tá certo”, ela disse. “Acho que entendi isso tudo. Ou pelo menos... acho que entendi o suficiente por agora. E finalmente nós estamos todos aqui. Libby está viva e a gente tem como provar. Isso é que é importante.”

“Não”, Gralha retrucou. “O que é importante agora, neste minuto, é pegar o Ken e impedi-lo de fazer qualquer outra coisa.”

Trick jogou as mãos para o alto. “Mas ele já pode estar em casa a essas alturas, e já pode ter ligado um lança-chamas dentro do lugar.”

Gralha se apressou em responder. “Mas não está. Sei disso porque coloquei um rastreador no furgão depois que ele fugiu lá em Fremont. Eu tinha a sensação de que ele voltaria pra buscá-lo. Ele deu queixa ontem do roubo. Aquele cara está sempre pensando lá na frente; e, assim que os registros bateram, ele já pôde ir lá buscar o carro.”

“Hum... Isso foi corajoso...”, Trick disse.

“Pelo que conheço das coisas”, Gralha continuou, “caras brancos e ricos vestindo roupas caras e demonstrando bons modos geralmente conseguem tudo o que querem.”

Libby disse: “Ele provavelmente entrou andando tranquilo na delegacia, disse que seu carro tinha sido roubado, entregou um papel falso qualquer de seguradora e sua carteira de motorista, e eles deram um jeito de resolver em menos de uma hora”.

Trick mostrou o polegar na direção do Gralha. “Mas não antes de este cara aqui grampear o carro, né?”

“Pus o GPS debaixo do para-choque de trás antes que eles chegassem lá pra rebocá-lo.” Olhando para a tela do celular em sua mão, acrescentou: “E ele agora está indo... para oeste”.

Libby ficou em pé. “A gente tem que fazer alguma coisa”.

May sugeriu: “Nós podíamos chamar a polícia. Eles chegariam lá antes dele. Você sabe onde ele mora, não sabe, Libby?”.

“Chamar a polícia?”, Gralha perguntou com escárnio. “E falar o quê pra eles? Eles não acreditam que a Libby seja quem ela diz ser, e a gente nunca

chegaria lá a tempo de convencê-los. Eles só o deixariam ir embora sem problemas, mesmo que o detivessem por alguns minutos. Acho que a gente poderia dizer que ele é o motorista maníaco de Fremont, mas ainda assim, eles já devolveram o carro pra ele. Obviamente não o consideram um suspeito.”

“A gente poderia dizer que ele tem alguma coisa muito ruim armazenada nos servidores”, Trick sugeriu. “Como um plano terrorista.”

“Eu gosto do jeito como você pensa, cara, mas isso é arriscado, e eis o porquê”, Gralha disse, puxando uma cadeira. Virou-a ao contrário e colocou os braços no encosto, se inclinando para a frente ao continuar sua explicação. “Se nós dissermos pra eles que ali naqueles servidores tem evidência de alguma coisa muito ruim, a polícia vai tomar conta da operação inteira. E aí, mesmo que eles não estraguem tudo nas máquinas nem corrompam os dados por acidente, vai levar meses, talvez até anos, antes que eles consigam identificar as coisas e achar os arquivos certos. Nesse meio-tempo, ele ficaria solto.”

Trick balançou a cabeça, chateado. “É, você tem razão. A polícia, os federais, os tiras... seja lá como você chame esse povo, nenhum deles é bom com equipamento sensível.”

“Então, o que a gente faz?”, May perguntou desesperada. “Não dá pra gente simplesmente teleportar até a casa dele e carregar tudo antes de ele chegar lá!”

O silêncio que se fez logo depois de sua sugestão ingênua não a fez se sentir nada melhor.

Devagar e quase relutante, Gralha disse: “Bom... Quer dizer... A gente não precisa de tudo o que ele tem lá... só de alguns arquivos que o incriminem, sabe, as coisas que digam respeito à Libby e à filha dele. Diabos, se a gente der sorte de verdade, pode ser que tenha registros lá de exames de sangue da Libby e até DNA de antes de ela desaparecer, e isso confirmaria de vez a identidade dela. Isso o colocaria na cadeia de vez.”

Libby correu os dedos pelos cabelos embaraçados. “Você acha que a gente chega lá na casa antes dele?”

Gralha olhou o celular com o ponto piscante que marcava a localização do furgão. “Está chegando a hora do rush e ele provavelmente vai ter de esperar uma viagem ou duas da balsa. A gente não precisa, se resolver ir pra lá por terra. Ou talvez a gente possa procurar... formas alternativas de chegar lá. Você sabe onde ele mantém a sala de servidores? Deve ser em algum lugar dentro da própria casa.”

“Não exatamente”, Libby disse. “A maior parte do tempo, ele me fazia ficar no segundo andar, em um sótão. Todas as portas do primeiro andar ficavam

trancadas o tempo todo, e nem faço ideia sobre o porão. A casa é até grande, mas não tão grande assim. E salas de servidores costumam ser enormes, não é?”

“Se ele estiver só fazendo uma atividade paralela como freelancer, poderia caber tudo em um quarto comum. O mais provável é o porão mesmo, ou então atrás de uma das portas trancadas do primeiro andar. Tem que manter esse tipo de equipamento em local com controle de temperatura, ou então fica quente demais.”

May percebeu que eles estavam mesmo considerando invadir a casa do homem, conversando seriamente a respeito e fazendo planos. Era loucura. Era uma completa loucura, e perigoso, e ainda por cima pouco provável que desse certo. Mas May já tinha chegado até ali, resolvido tudo até aquele ponto, e não havia mais volta, mesmo que ela quisesse recuar. Não enquanto aquele assassino insano estivesse à solta. Nenhum deles estaria em segurança outra vez enquanto aquele homem não fosse detido de uma vez por todas, em especial Libby.

May não podia suportar pensar nisso, não quando ela tinha acabado de recuperar a amiga. “Então vamos fazer isso, se é que é a única chance que temos.”

Os olhos de Trick se cruzaram com os de May, cheios de firmeza. “Sabe de uma coisa? Que se dane aquele cara. Estou nessa também.”

“Tem certeza? Todos vocês?” Gralha olhou bem para Libby. “Libby, você quer mesmo voltar àquela casa?”

Ela parecia metade apavorada e metade pronta para agir. “Não, é claro que não. Mas também não quero que ele escape.”

Os lábios de Gralha se fecharam em uma linha fina e seu olhar era decidido. Ele estava pensando, maquinando, já se preparando mentalmente para o que quer que eles fossem precisar fazer. May quase podia ver as engrenagens girando na cabeça dele, o que lhe deu esperança na mesma medida em que deu medo.

Tendo chegado a uma conclusão, ele disse: “Se eu conseguir entrar no sistema dele fisicamente, posso escolher com cuidado tudo de importante e mandar para a nuvem ou baixar para um pendrive. Sei bem o que a gente está procurando e, se eu conseguir entender a configuração de tudo, posso pegar o que a gente precisa em menos de um minuto. Queria que tivesse jeito de a gente fazer isso remotamente, mas não tem. Pode acreditar, já tentei. Temos de fazer isso *in loco*.”

“Mas Gra...”, Libby disse, com a voz falhando. “Eu já devo tanto a você.”

Ele sorriu para ela, com afeição e sem nenhuma estranheza. “Menina, você vem sendo a aventura mais louca da minha vida até agora. Preciso muito saber

como isso termina. Além do mais, não tenho como confiar no ‘juninho’ aqui” – apontou o dedo para Trick – “para entrar naquele sistema e conseguir sair sem ser notado.”

“Eeei...?”, ele fez objeção. Mas Gralha deu um tapinha no ombro dele como se dissesse que não queria dizer nada de mais com aquilo.

“Ótimo”, May disse, a despeito do bolo que se formava em sua garganta. “Então... quarteto terrível?” Ela estendeu o punho direito fechado no espaço entre eles e, um a um, eles se cumprimentaram com tapinhas.

“Muito bem, então”, Gralha disse. Recolheu a mão e olhou o celular de novo. “Está combinado. Chegamos às docas daqui a pouco, antes que o furgão de Ken consiga ir até a balsa. A gente tem como fazer isso, mas vamos precisar nos esforçar bastante.”



VINTE E TRÊS

Partiram do subterrâneo, se abaixando em meio aos porões e quartinhos, e lugares mal acabados que formavam uma colmeia sob as ruas de Seattle. Boa parte daquele subterrâneo estava desaparecendo, conforme Gralha contou a eles enquanto guiava o caminho. “O valor dos imóveis está tão alto que as pessoas começaram a usar esses espaços.” Se esgueirou ao lado de um monte de tubos que subiam e desciam. “Custa muito dinheiro, mas os construtores estão transformando essas partes em escritórios ou local de armazenagem. Olha por onde anda aí”, avisou.

Passaram por outro portal onde não havia porta, e sim um degrau que parecia descer bem mais do que deveria. A fundação do imóvel tinha cedido meio metro, e o quarto inteiro parecia estar escapando devagar por um buraco oculto no chão.

“Onde é que a gente está?”, May perguntou. A resposta podia até não significar nada para ela, mas ela se sentia tão perdida que aceitaria qualquer resposta. Mais que tudo, queria ouvir que alguém pelo menos sabia o que eles estavam fazendo e para onde estavam indo. Gralha às vezes parava e pensava, e ela se perguntava se ele tinha mesmo certeza de como andar naquele labirinto sob a cidade.

“Estamos perto”, foi tudo o que ele respondeu.

“Não é exatamente a resposta mais específica do mundo”, Libby disse.

“Certo, então nós estamos bem perto. As balsas ficam só a um quarteirão daqui.”

“E o furgão?”, Trick quis saber.

“Não tem sinal aqui embaixo para eu saber. Vou olhar de novo quando a gente voltar lá pra cima. Se ele estiver na fila para entrar na balsa, a gente ainda vai ter o trânsito da hora do rush a nosso favor. Conseguimos chegar fácil pelo menos uns vinte minutos antes dele. Eu acho.”

May pegou seu celular e olhou a hora, em caso de ele estar enganado. Apenas uma barrinha de sinal sumia e voltava; praticamente só sumia, na verdade. “E se ele não estiver indo para a balsa?”

Trick pulou do degrau. “Pra onde mais ele iria?”, perguntou.

May guardou o celular e pulou também. “Não sei. Pro nosso prédio? Ele foi

atrás do pai da Libby... E se resolvesse ir atrás dos nossos pais?”

Gralha virou a lanterna para eles. “Da última vez que eu vi, tinha polícia para todo lado lá na sua área. Eu não me preocuparia.”

Libby também tinha um lembrete: “Vocês viram o rastreador. Ele estava vindo nesta direção, não subindo o morro para Capitol”.

Gralha os levou até um lance de escadas com degraus rachados de cimento e uma barra de metal como corrimão. Era lisa, porém enferrujada, suja e úmida. May tentou não pôr a mão ali enquanto subia.

Quando a porta no alto se abriu, a luz do dia, àquela hora, de cores amenas, se derramou nos últimos degraus.

“Vamos rápido”, Gralha disse, passando-os por um espaço logo abaixo do nível da rua. A calçada ficava apenas um metro acima deles; estavam escondidos na lateral de um velho prédio e ao lado de uma placa de obras públicas. “Não deixem ninguém ver vocês. Se ficarem sabendo que a gente anda aqui por baixo, vão dar um jeito de fechar as passagens.”

Os quatro apressadamente se empilharam no passeio e enfiaram as mãos nos bolsos, checando celulares e arrumando as blusas. May nunca tinha percebido como era difícil agir normalmente.

“O sinal voltou”, Libby murmurou, apontando para a tela que Gralha mostrava para ela. “Mas o furgão não está se movendo mais. Ele estacionou ou então o largou pra trás. Ou então está preso no trânsito.”

“Onde?”, Trick perguntou.

Ela olhou bem para a tela usando a mão para tapar o brilho do sol. “Perto da estação de trem. Pode ser que ele tenha seguido vocês até lá, ou talvez só tenha ido naquela direção porque o trânsito estava melhor.”

Gralha deu de ombros. “Então é claro que ele não ficou muito tempo no centro. De qualquer forma, se ele ainda estiver no veículo, nós temos essa pista.”

“Mas vamos perdê-la na balsa se a gente não pegar o barco agora mesmo”, May declarou. “Ah, Deus... E se a gente acabar na mesma balsa?”

Gralha concordou. “Você tem razão. Seria terrível. Então talvez a gente tenha outro jeito de fazer isso. Podemos fazer a travessia com um bote inflável. Ia ser meio desconfortável, mas certamente mais rápido do que a balsa até Bainbridge.”

Trick ficou atônito. “Aqueles barquinhos infláveis com motor? A gente ia acabar batendo numa foca ou num pássaro ou coisa assim. Nunca chegaríamos até a ilha desse jeito.”

“Eles não são tão frágeis assim, Trick, e são bem rápidos.” May podia

perceber que Gralha estava se acostumando bem à ideia, mesmo que ela própria a considerasse a cada segundo mais arriscada. “Talvez a gente tenha que fugir da guarda costeira, mas isso não é nada de mais.”

“E você por acaso sabe como chegar a Bainbridge daqui?”, ela perguntou. “Tem um mapa ou qualquer outra coisa?”

“Não preciso de mapa. Já fiz isso antes.”

Libby se voltou para May. “Se o Gra diz que já fez isso antes, isso quer dizer que ele se lembra bem de como foi. Ele é um gênio e tem uma memória espacial fantástica.”

“Bom, tenho certeza que isso significa alguma coisa muito legal”, May respondeu nervosamente. “Mas a ideia de atravessar o estreito de Puget numa boia não é mesmo a minha definição de diversão.”

“Nem a minha”, Libby admitiu, chegando para trás para dar um meio-abraço. “Mas a gente não está fazendo isso por diversão. Podia ser bem pior. Eu poderia estar fazendo isso sozinha de novo. Em um barquinho a remo.”

May se inclinou para retribuir o abraço, encontrando uma energia renovada na presença forte e firme de Libby, que não era nenhum fantasma e nem nunca tinha sido. Em vez disso, ela era a princesa com a katana roxa, a criança cinzenta da vingança. Ela disse bem baixinho no ouvido da amiga, tão baixo que os rapazes não puderam ouvi-la: “Confio em você”.

Libby a abraçou de volta. “Ótimo.”

O celular de May vibrou em seu bolso, mas, quando ela foi checar, era só seu pai outra vez. Ela guardou e não respondeu. Ele não precisava saber o que eles estavam tramando.

A não ser que... talvez precisasse, sim.

Talvez alguém devesse saber caso o plano não desse certo... no caso de o bote virar com eles e todos irem parar nas águas do estreito, deixados para nadar até a margem ou afundar. Ou em caso de eles não conseguirem chegar até a casa antes de Ken Mullins.

“Gente, e o que vocês acham disso...?”, May começou a sugerir quando eles chegaram a uma lojinha na rua do Alasca. “Gralha, você disse que tem como pegar a informação de que a gente precisa em menos de um minuto. E se a gente chamar a polícia assim que chegar na casa do Ken? Ia demorar bem mais do que um minuto pra eles aparecerem, mas, se a gente conseguir sair sem deixar rastro, talvez precisemos de uma ajuda. Pode ser que ele nos veja, e ele já matou gente antes.”

Libby concordou. “Sei que você não gosta de polícia, mas é sério”, ela pôs a

mão no braço do Gralha, “a gente precisa dele ou morto ou preso, e eu acho que sou uma péssima assassina.”

“Tudo bem. Então, só desta vez a gente poderia avisar os tiras. Um de nós disca assim que a gente chegar na casa, e isso vai dar tempo o suficiente. Feliz assim, May?”

“Um pouco mais feliz, eu acho.”

“Vai ser assim, então. Por enquanto, vocês três ficam aqui. Eu já volto.” Gralha se enfiou em um minúsculo estúdio de tatuagem e trocou algumas palavras com um garoto coberto de piercings e com um cabelo moicano.

Enquanto os outros esperavam, May pegou seu celular e escreveu uma mensagem de texto para ninguém mais além de seu pai.

KEN MULLINS. ILHA BAINBRIDGE. VÁ AO LAKE VIEW E OLHE NA CRIPTA DE CHRISTINA MULLINS.

Ela leu e releu, se perguntando o que mais poderia dizer. Assim que Gralha reapareceu com um molho de chaves, ela imaginou que não faria mal acrescentar uma coisa:

ENCONTREI A LIBBY.

Assim que entraram no barquinho preto, com os joelhos trombando uns nos outros e os ombros encolhidos para fugir do vento que vinha da água, ela salvou a mensagem. Ainda não podia enviar, ou então seu pai chamaria a polícia e a coisa toda iria por água abaixo antes mesmo que eles chegassem. Mas, em caso de tudo ir pelo ralo, e Ken os pegar e a polícia não chegar a tempo... ela pelo menos podia mandar aquela mensagem e ele ficaria sabendo onde começar a procurar por ela.

Ou pelo assassino dela, se chegasse a tanto. Ela estremeceu e guardou o celular de volta no bolso.

Ninguém falou nada quando o bote deu partida e começou a se arrastar, em meio às pedras, para longe do lugar onde tinha ficado amarrado em segurança. Gralha ia controlando o motor como se já tivesse feito aquilo antes, talvez muitas vezes, então May tratou de não se preocupar muito com aquela parte. Tinham bastante gasolina; ele tinha se assegurado disso antes de partir. Poderiam voltar facilmente à cidade quando acabassem o serviço, se perdessem a última balsa. Se não perdessem, Gralha disse que eles poderiam deixar o bote em Bainbridge para que outro amigo o resgatasse.

Ela olhou para o céu e tentou se sentir bem a respeito da luz laranja dispersa que ainda mantinha tudo mais ou menos às claras a oeste. Então, olhou de volta para a cidade, sua costa fervilhante e seu céu recortado de prédios com as

luzinhas que só então começavam a se acender... e se sentiu enjoada.

Pode ter sido o movimento do bote, que ia quicando sobre as ondas enquanto eles cruzavam a água escura do fim de tarde. Pode ter sido a visão da enorme balsa ainda atracada ao cais... e depois, com um longo lamento da buzina, zarpando lentamente e seguindo em seu encalço, com o Homem Agulha provavelmente a bordo.

Ou talvez fosse finalmente perceber que ninguém ali estava vestindo colete salva-vidas, ou que eles estavam prestes a invadir a casa de um assassino.

O que quer que fosse, o estômago dela começou a ficar pesado e embrulhado, se retorcendo em seu ventre mesmo quando Libby passou o braço em volta dela. Mas Libby não bloqueava o vento o suficiente para manter o ar gelado longe de cada frestinha da jaqueta de veludo de May, e não havia energia suficiente no botezinho para ir mais rápido do que o pôr do sol. O crepúsculo caía por detrás deles, como que mordiscando seus calcanhares. Vinha como que atrelado à parte de trás do barco e ninguém falava a respeito; porque ninguém estava conversando a respeito de nada mesmo. Não era só uma aventura; era vida ou morte. E o que alguém podia dizer a respeito de vida ou morte?

Essas eram as coisas que passavam por sua cabeça enquanto ela se agarrava forte em Libby, tão forte que ela mal notou que Trick estava sentado na parte de trás do bote, no assento estreito e baixo oposto a ela. Se é que Libby tinha alguma objeção à presença de Trick, ela não tinha dito nem uma palavra. Apenas gritou bem perto do ouvido de May para se fazer ouvir em meio ao barulho do motor e do vento: “Estamos quase lá”.

May podia ver a ilha, uma linha verde bem baixa que se aproximava rápido... mas, quando olhou por cima do ombro, viu a balsa também aparecendo atrás deles. Se Ken Mullins estivesse a bordo dela, e tinha aquele lugarzinho sombrio e azedo no fundo da cabeça dela que dizia que ele certamente estava, então a vantagem deles estava cada vez menor.

Gralha foi guiando o bote por baixo do cais, diminuindo o giro do motor. Ainda parecia alto demais para os ouvidos de May; o barulho preenchia com um zumbido chato o lugar onde deveria haver silêncio. Mas pelo menos ela agora conseguia ouvir as aves marinhas rabugentas à frente, se acomodando à espera da noite, e ainda sentia o assustador e ansioso batimento do coração de Libby até que ambas desfizeram seu abraço.

O bote parou.

Uma corda estava amarrada no fundo, e May a entregou ao Gralha quando ele pediu. Ele a amarrou a um poste bem perto das pedras escorregadias que se

erguiam por sobre a água. A maré se encarregaria de mudar aquele quadro dali a algumas horas, mas, se dessem sorte, eles estariam longe dali bem antes.

“Todo mundo pra fora”, ordenou Gralha, mantendo a voz baixa e cuidadosa. “Tem uma escadinha ali na frente, bem no meio das pedras. Olhem onde pisam.”

“Você realmente já fez isso antes?”, May perguntou a ele.

“Eu vinha muito para esses lados um tempo atrás”, ele disse, ajudando-os um a um a se desvencilhar das rochas e apontando na direção da escada.

Já estava quase escuro demais para ver o Gralha, especialmente pelo fato de que ele só usava preto. Mas eles não podiam contar com lanternas, não quando a balsa estava ali bem perto apitando e lembrando o cais de que ela estava voltando para casa e avisando a todos que se preparassem para o fim da viagem.

Libby parou na base da escada. “Foi por aqui que... não, espera, agora que estou pensando melhor... Foi ali...” Ela inclinou a cabeça mais para o sul.

“Foi por aqui o quê? Que você fugiu?”, May perguntou.

Se aquilo significou um momento de distração em particular para as duas, ele se desfez tão rápido quanto tinha começado. Libby apenas balançou a cabeça e deixou para lá. “Nem sei. Foi perto daqui em algum lugar. Estava escuro e chovendo. E foi há muito tempo.”

Foram escada acima, um a um, em fila, em meio ao pífio arremedo de cais onde estavam amarradas canoas e mais um ou dois botes parecidos com o deles.

“Muito bem, Libby”, May disse, olhando para frente e para trás entre a balsa que chegava mais perto e a escuridão do lado de lá do cais. “Pra que lado?”

Libby começou a caminhar. “Me sigam.”

“Você lembra com exatidão?”, Trick perguntou. “Digo, exatinho exatinho mesmo? Porque tá escuro pra caramba e vai ficar pior assim que a gente andar pra longe do cais.”

“Tava bastante escuro quando eu fugi da casa”, ela lembrou. “Tudo o que tenho que fazer é seguir o caminho ao contrário do que eu fiz. É basicamente uma linha reta; depois da primeira parte aqui, é só subir aquele morro.”

May não viu de que morro Libby estava falando, mas confiava nela, assim como tinha prometido. “Será que é melhor acender a lanterna agora?”

“Espera até a gente se distanciar bastante da estrada principal.”

“Mas eu não consigo ver nada”, Trick reclamou.

Gralha concordava com ele. Puxou a lanterna de sua mochila e a acendeu, cobrindo-a parcialmente com a mão. “Tá beleza aqui, dei um jeito. A gente ia acabar torcendo os tornozelos se não conseguisse enxergar nada.”

Quando já estavam longe o bastante da trilhazinha e Libby considerou mais

seguro, pediu para segurar a lanterna na frente com ela. May ia logo atrás, ao lado de Trick na fila, com Gralha por último. Depois de alguns segundos, os olhos de todos se acostumaram à escuridão. Estavam nas bordas de um bairro com uma placa que dizia GLENWOOD PARK. Dois postes na rua iluminavam a placa e davam à calçada ao lado um brilho dourado.

Libby disse: “A casa do Ken é dois quarteirões à frente. É uma casa grande e amarela com colunas brancas”.

Gralha aproveitou para dar um aviso: “Todo mundo fica de olho aberto para qualquer carro ou outras pessoas. Tem sempre a chance de a gente ter se enganado e ele já estar em casa.”

Eles abriram caminho pela vizinhança rumo a um morro.

Libby congelou. Ficou com os olhos vidrados no caminho à frente sem nem piscar.

E lá estava a casa, exatamente como Libby tinha dito: bem grande, com colunas quadradas e tão brancas quanto porcelana. O resto era de um tom amarelado que parecia pálido à luz dos postes distantes. Aquilo fez May se lembrar dos olhos de seu tio, quando ele estava no hospital fazendo diálise com as máquinas em volta zumbindo. Tinha alguma coisa naquele lugar que parecia doente, com raiva, hostil, assim como a casa do Homem Agulha nos quadrinhos.

May ficou imóvel ao lado da amiga. Depois de muitos instantes de quietude absoluta, ela sussurrou: “Libs?”.

“A luz da sala de estar está acesa, mas ele sempre deixa a luz acesa. Deixa a luz acesa e as cortinas fechadas”, ela acrescentou em tom mais baixo. “É um jeito de se esconder à vista de todo mundo.”

Gralha pôs a mão no ombro dela. “Tem certeza que consegue fazer isso?”

“Não importa”, Libby disse. May se perguntou se ela realmente queria dizer aquilo ou apenas acreditar em suas próprias palavras. “Porque é a gente ou ele, e é agora ou nunca.” Tirou o cabelo levemente úmido de brisa marinha do rosto e se virou para seus amigos. “E eu digo que é a hora dele. E essa hora é agora.”

May murmurou alguma coisa que soou como “eu também”. Então se virou e puxou o celular do bolso. Abriu a mensagem que tinha escrito antes para o pai e apertou o botão de enviar.



VINTE E TRÊS

Partiram do subterrâneo, se abaixando em meio aos porões e quartinhos, e lugares mal acabados que formavam uma colmeia sob as ruas de Seattle. Boa parte daquele subterrâneo estava desaparecendo, conforme Gralha contou a eles enquanto guiava o caminho. “O valor dos imóveis está tão alto que as pessoas começaram a usar esses espaços.” Se esgueirou ao lado de um monte de tubos que subiam e desciam. “Custa muito dinheiro, mas os construtores estão transformando essas partes em escritórios ou local de armazenagem. Olha por onde anda aí”, avisou.

Passaram por outro portal onde não havia porta, e sim um degrau que parecia descer bem mais do que deveria. A fundação do imóvel tinha cedido meio metro, e o quarto inteiro parecia estar escapando devagar por um buraco oculto no chão.

“Onde é que a gente está?”, May perguntou. A resposta podia até não significar nada para ela, mas ela se sentia tão perdida que aceitaria qualquer resposta. Mais que tudo, queria ouvir que alguém pelo menos sabia o que eles estavam fazendo e para onde estavam indo. Gralha às vezes parava e pensava, e ela se perguntava se ele tinha mesmo certeza de como andar naquele labirinto sob a cidade.

“Estamos perto”, foi tudo o que ele respondeu.

“Não é exatamente a resposta mais específica do mundo”, Libby disse.

“Certo, então nós estamos bem perto. As balsas ficam só a um quarteirão daqui.”

“E o furgão?”, Trick quis saber.

“Não tem sinal aqui embaixo para eu saber. Vou olhar de novo quando a gente voltar lá pra cima. Se ele estiver na fila para entrar na balsa, a gente ainda vai ter o trânsito da hora do rush a nosso favor. Conseguimos chegar fácil pelo menos uns vinte minutos antes dele. Eu acho.”

May pegou seu celular e olhou a hora, em caso de ele estar enganado. Apenas uma barrinha de sinal sumia e voltava; praticamente só sumia, na verdade. “E se ele não estiver indo para a balsa?”

Trick pulou do degrau. “Pra onde mais ele iria?”, perguntou.

May guardou o celular e pulou também. “Não sei. Pro nosso prédio? Ele foi

atrás do pai da Libby... E se resolvesse ir atrás dos nossos pais?”

Gralha virou a lanterna para eles. “Da última vez que eu vi, tinha polícia para todo lado lá na sua área. Eu não me preocuparia.”

Libby também tinha um lembrete: “Vocês viram o rastreador. Ele estava vindo nesta direção, não subindo o morro para Capitol”.

Gralha os levou até um lance de escadas com degraus rachados de cimento e uma barra de metal como corrimão. Era lisa, porém enferrujada, suja e úmida. May tentou não pôr a mão ali enquanto subia.

Quando a porta no alto se abriu, a luz do dia, àquela hora, de cores amenas, se derramou nos últimos degraus.

“Vamos rápido”, Gralha disse, passando-os por um espaço logo abaixo do nível da rua. A calçada ficava apenas um metro acima deles; estavam escondidos na lateral de um velho prédio e ao lado de uma placa de obras públicas. “Não deixem ninguém ver vocês. Se ficarem sabendo que a gente anda aqui por baixo, vão dar um jeito de fechar as passagens.”

Os quatro apressadamente se empilharam no passeio e enfiaram as mãos nos bolsos, checando celulares e arrumando as blusas. May nunca tinha percebido como era difícil agir normalmente.

“O sinal voltou”, Libby murmurou, apontando para a tela que Gralha mostrava para ela. “Mas o furgão não está se movendo mais. Ele estacionou ou então o largou pra trás. Ou então está preso no trânsito.”

“Onde?”, Trick perguntou.

Ela olhou bem para a tela usando a mão para tapar o brilho do sol. “Perto da estação de trem. Pode ser que ele tenha seguido vocês até lá, ou talvez só tenha ido naquela direção porque o trânsito estava melhor.”

Gralha deu de ombros. “Então é claro que ele não ficou muito tempo no centro. De qualquer forma, se ele ainda estiver no veículo, nós temos essa pista.”

“Mas vamos perdê-la na balsa se a gente não pegar o barco agora mesmo”, May declarou. “Ah, Deus... E se a gente acabar na mesma balsa?”

Gralha concordou. “Você tem razão. Seria terrível. Então talvez a gente tenha outro jeito de fazer isso. Podemos fazer a travessia com um bote inflável. Ia ser meio desconfortável, mas certamente mais rápido do que a balsa até Bainbridge.”

Trick ficou atônito. “Aqueles barquinhos infláveis com motor? A gente ia acabar batendo numa foca ou num pássaro ou coisa assim. Nunca chegaríamos até a ilha desse jeito.”

“Eles não são tão frágeis assim, Trick, e são bem rápidos.” May podia

perceber que Gralha estava se acostumando bem à ideia, mesmo que ela própria a considerasse a cada segundo mais arriscada. “Talvez a gente tenha que fugir da guarda costeira, mas isso não é nada de mais.”

“E você por acaso sabe como chegar a Bainbridge daqui?”, ela perguntou. “Tem um mapa ou qualquer outra coisa?”

“Não preciso de mapa. Já fiz isso antes.”

Libby se voltou para May. “Se o Gra diz que já fez isso antes, isso quer dizer que ele se lembra bem de como foi. Ele é um gênio e tem uma memória espacial fantástica.”

“Bom, tenho certeza que isso significa alguma coisa muito legal”, May respondeu nervosamente. “Mas a ideia de atravessar o estreito de Puget numa boia não é mesmo a minha definição de diversão.”

“Nem a minha”, Libby admitiu, chegando para trás para dar um meio-abraço. “Mas a gente não está fazendo isso por diversão. Podia ser bem pior. Eu poderia estar fazendo isso sozinha de novo. Em um barquinho a remo.”

May se inclinou para retribuir o abraço, encontrando uma energia renovada na presença forte e firme de Libby, que não era nenhum fantasma e nem nunca tinha sido. Em vez disso, ela era a princesa com a katana roxa, a criança cinzenta da vingança. Ela disse bem baixinho no ouvido da amiga, tão baixo que os rapazes não puderam ouvi-la: “Confio em você”.

Libby a abraçou de volta. “Ótimo.”

O celular de May vibrou em seu bolso, mas, quando ela foi checar, era só seu pai outra vez. Ela guardou e não respondeu. Ele não precisava saber o que eles estavam tramando.

A não ser que... talvez precisasse, sim.

Talvez alguém devesse saber caso o plano não desse certo... no caso de o bote virar com eles e todos irem parar nas águas do estreito, deixados para nadar até a margem ou afundar. Ou em caso de eles não conseguirem chegar até a casa antes de Ken Mullins.

“Gente, e o que vocês acham disso...?”, May começou a sugerir quando eles chegaram a uma lojinha na rua do Alasca. “Gralha, você disse que tem como pegar a informação de que a gente precisa em menos de um minuto. E se a gente chamar a polícia assim que chegar na casa do Ken? Ia demorar bem mais do que um minuto pra eles aparecerem, mas, se a gente conseguir sair sem deixar rastro, talvez precisemos de uma ajuda. Pode ser que ele nos veja, e ele já matou gente antes.”

Libby concordou. “Sei que você não gosta de polícia, mas é sério”, ela pôs a

mão no braço do Gralha, “a gente precisa dele ou morto ou preso, e eu acho que sou uma péssima assassina.”

“Tudo bem. Então, só desta vez a gente poderia avisar os tiras. Um de nós disca assim que a gente chegar na casa, e isso vai dar tempo o suficiente. Feliz assim, May?”

“Um pouco mais feliz, eu acho.”

“Vai ser assim, então. Por enquanto, vocês três ficam aqui. Eu já volto.” Gralha se enfiou em um minúsculo estúdio de tatuagem e trocou algumas palavras com um garoto coberto de piercings e com um cabelo moicano.

Enquanto os outros esperavam, May pegou seu celular e escreveu uma mensagem de texto para ninguém mais além de seu pai.

KEN MULLINS. ILHA BAINBRIDGE. VÁ AO LAKE VIEW E OLHE NA CRIPTA DE CHRISTINA MULLINS.

Ela leu e releu, se perguntando o que mais poderia dizer. Assim que Gralha reapareceu com um molho de chaves, ela imaginou que não faria mal acrescentar uma coisa:

ENCONTREI A LIBBY.

Assim que entraram no barquinho preto, com os joelhos trombando uns nos outros e os ombros encolhidos para fugir do vento que vinha da água, ela salvou a mensagem. Ainda não podia enviar, ou então seu pai chamaria a polícia e a coisa toda iria por água abaixo antes mesmo que eles chegassem. Mas, em caso de tudo ir pelo ralo, e Ken os pegar e a polícia não chegar a tempo... ela pelo menos podia mandar aquela mensagem e ele ficaria sabendo onde começar a procurar por ela.

Ou pelo assassino dela, se chegasse a tanto. Ela estremeceu e guardou o celular de volta no bolso.

Ninguém falou nada quando o bote deu partida e começou a se arrastar, em meio às pedras, para longe do lugar onde tinha ficado amarrado em segurança. Gralha ia controlando o motor como se já tivesse feito aquilo antes, talvez muitas vezes, então May tratou de não se preocupar muito com aquela parte. Tinham bastante gasolina; ele tinha se assegurado disso antes de partir. Poderiam voltar facilmente à cidade quando acabassem o serviço, se perdessem a última balsa. Se não perdessem, Gralha disse que eles poderiam deixar o bote em Bainbridge para que outro amigo o resgatasse.

Ela olhou para o céu e tentou se sentir bem a respeito da luz laranja dispersa que ainda mantinha tudo mais ou menos às claras a oeste. Então, olhou de volta para a cidade, sua costa fervilhante e seu céu recortado de prédios com as

luzinhas que só então começavam a se acender... e se sentiu enjoada.

Pode ter sido o movimento do bote, que ia quicando sobre as ondas enquanto eles cruzavam a água escura do fim de tarde. Pode ter sido a visão da enorme balsa ainda atracada ao cais... e depois, com um longo lamento da buzina, zarpando lentamente e seguindo em seu encalço, com o Homem Agulha provavelmente a bordo.

Ou talvez fosse finalmente perceber que ninguém ali estava vestindo colete salva-vidas, ou que eles estavam prestes a invadir a casa de um assassino.

O que quer que fosse, o estômago dela começou a ficar pesado e embrulhado, se retorcendo em seu ventre mesmo quando Libby passou o braço em volta dela. Mas Libby não bloqueava o vento o suficiente para manter o ar gelado longe de cada frestinha da jaqueta de veludo de May, e não havia energia suficiente no botezinho para ir mais rápido do que o pôr do sol. O crepúsculo caía por detrás deles, como que mordiscando seus calcanhares. Vinha como que atrelado à parte de trás do barco e ninguém falava a respeito; porque ninguém estava conversando a respeito de nada mesmo. Não era só uma aventura; era vida ou morte. E o que alguém podia dizer a respeito de vida ou morte?

Essas eram as coisas que passavam por sua cabeça enquanto ela se agarrava forte em Libby, tão forte que ela mal notou que Trick estava sentado na parte de trás do bote, no assento estreito e baixo oposto a ela. Se é que Libby tinha alguma objeção à presença de Trick, ela não tinha dito nem uma palavra. Apenas gritou bem perto do ouvido de May para se fazer ouvir em meio ao barulho do motor e do vento: “Estamos quase lá”.

May podia ver a ilha, uma linha verde bem baixa que se aproximava rápido... mas, quando olhou por cima do ombro, viu a balsa também aparecendo atrás deles. Se Ken Mullins estivesse a bordo dela, e tinha aquele lugarzinho sombrio e azedo no fundo da cabeça dela que dizia que ele certamente estava, então a vantagem deles estava cada vez menor.

Gralha foi guiando o bote por baixo do cais, diminuindo o giro do motor. Ainda parecia alto demais para os ouvidos de May; o barulho preenchia com um zumbido chato o lugar onde deveria haver silêncio. Mas pelo menos ela agora conseguia ouvir as aves marinhas rabugentas à frente, se acomodando à espera da noite, e ainda sentia o assustador e ansioso batimento do coração de Libby até que ambas desfizeram seu abraço.

O bote parou.

Uma corda estava amarrada no fundo, e May a entregou ao Gralha quando ele pediu. Ele a amarrou a um poste bem perto das pedras escorregadias que se

erguiam por sobre a água. A maré se encarregaria de mudar aquele quadro dali a algumas horas, mas, se dessem sorte, eles estariam longe dali bem antes.

“Todo mundo pra fora”, ordenou Gralha, mantendo a voz baixa e cuidadosa. “Tem uma escadinha ali na frente, bem no meio das pedras. Olhem onde pisam.”

“Você realmente já fez isso antes?”, May perguntou a ele.

“Eu vinha muito para esses lados um tempo atrás”, ele disse, ajudando-os um a um a se desvencilhar das rochas e apontando na direção da escada.

Já estava quase escuro demais para ver o Gralha, especialmente pelo fato de que ele só usava preto. Mas eles não podiam contar com lanternas, não quando a balsa estava ali bem perto apitando e lembrando o cais de que ela estava voltando para casa e avisando a todos que se preparassem para o fim da viagem.

Libby parou na base da escada. “Foi por aqui que... não, espera, agora que estou pensando melhor... Foi ali...” Ela inclinou a cabeça mais para o sul.

“Foi por aqui o quê? Que você fugiu?”, May perguntou.

Se aquilo significou um momento de distração em particular para as duas, ele se desfez tão rápido quanto tinha começado. Libby apenas balançou a cabeça e deixou para lá. “Nem sei. Foi perto daqui em algum lugar. Estava escuro e chovendo. E foi há muito tempo.”

Foram escada acima, um a um, em fila, em meio ao pífio arremedo de cais onde estavam amarradas canoas e mais um ou dois botes parecidos com o deles.

“Muito bem, Libby”, May disse, olhando para frente e para trás entre a balsa que chegava mais perto e a escuridão do lado de lá do cais. “Pra que lado?”

Libby começou a caminhar. “Me sigam.”

“Você lembra com exatidão?”, Trick perguntou. “Digo, exatinho exatinho mesmo? Porque tá escuro pra caramba e vai ficar pior assim que a gente andar pra longe do cais.”

“Tava bastante escuro quando eu fugi da casa”, ela lembrou. “Tudo o que tenho que fazer é seguir o caminho ao contrário do que eu fiz. É basicamente uma linha reta; depois da primeira parte aqui, é só subir aquele morro.”

May não viu de que morro Libby estava falando, mas confiava nela, assim como tinha prometido. “Será que é melhor acender a lanterna agora?”

“Espera até a gente se distanciar bastante da estrada principal.”

“Mas eu não consigo ver nada”, Trick reclamou.

Gralha concordava com ele. Puxou a lanterna de sua mochila e a acendeu, cobrindo-a parcialmente com a mão. “Tá beleza aqui, dei um jeito. A gente ia acabar torcendo os tornozelos se não conseguisse enxergar nada.”

Quando já estavam longe o bastante da trilhazinha e Libby considerou mais

seguro, pediu para segurar a lanterna na frente com ela. May ia logo atrás, ao lado de Trick na fila, com Gralha por último. Depois de alguns segundos, os olhos de todos se acostumaram à escuridão. Estavam nas bordas de um bairro com uma placa que dizia GLENWOOD PARK. Dois postes na rua iluminavam a placa e davam à calçada ao lado um brilho dourado.

Libby disse: “A casa do Ken é dois quarteirões à frente. É uma casa grande e amarela com colunas brancas”.

Gralha aproveitou para dar um aviso: “Todo mundo fica de olho aberto para qualquer carro ou outras pessoas. Tem sempre a chance de a gente ter se enganado e ele já estar em casa.”

Eles abriram caminho pela vizinhança rumo a um morro.

Libby congelou. Ficou com os olhos vidrados no caminho à frente sem nem piscar.

E lá estava a casa, exatamente como Libby tinha dito: bem grande, com colunas quadradas e tão brancas quanto porcelana. O resto era de um tom amarelado que parecia pálido à luz dos postes distantes. Aquilo fez May se lembrar dos olhos de seu tio, quando ele estava no hospital fazendo diálise com as máquinas em volta zumbindo. Tinha alguma coisa naquele lugar que parecia doente, com raiva, hostil, assim como a casa do Homem Agulha nos quadrinhos.

May ficou imóvel ao lado da amiga. Depois de muitos instantes de quietude absoluta, ela sussurrou: “Libs?”.

“A luz da sala de estar está acesa, mas ele sempre deixa a luz acesa. Deixa a luz acesa e as cortinas fechadas”, ela acrescentou em tom mais baixo. “É um jeito de se esconder à vista de todo mundo.”

Gralha pôs a mão no ombro dela. “Tem certeza que consegue fazer isso?”

“Não importa”, Libby disse. May se perguntou se ela realmente queria dizer aquilo ou apenas acreditar em suas próprias palavras. “Porque é a gente ou ele, e é agora ou nunca.” Tirou o cabelo levemente úmido de brisa marinha do rosto e se virou para seus amigos. “E eu digo que é a hora dele. E essa hora é agora.”

May murmurou alguma coisa que soou como “eu também”. Então se virou e puxou o celular do bolso. Abriu a mensagem que tinha escrito antes para o pai e apertou o botão de enviar.



VINTE E QUATRO

Combinaram um sinal entre eles: se alguém visse alguma coisa que se parecesse com Ken, dentro ou fora da casa, mandaria para todos os outros a mensagem “agulhas”. Todos pegaram os números dos celulares uns dos outros e ficaram tão preparados quanto possível para o que quer que viesse a acontecer.

Mas May não gostava de ficar olhando o celular. Não queria ficar vendo quantas vezes o pai tinha tentado ligar para ela (onze) ou como até sua mãe estava ligando de Atlanta àquelas alturas (três vezes). Não reconhecia alguns dos outros números mais recentes, mas presumiu que viessem de alguém da polícia. Porém, agora, em nome da segurança, ela ligou o alerta vibratório e tirou o volume. Enfiou o celular de volta no bolso de trás.

May e Trick seguiram Libby e Gralha para dentro da casa. Os arbustos em volta a arranharam quando ela se abaixou no meio deles, grudada na lateral da casa atrás de Libby, que agia bastante focada. May pensou na princesa da história e em sua espada. Lembrou da busca que ela fizera, das Quatro Chaves e em como tinha finalmente chegado a hora de libertar a princesa e seu reino. Estavam ali escrevendo o último capítulo em tempo real. Ela se perguntou como ficaria a arte daquele momento no EuSouAPrincessX.com, e aquela imagem trouxe um sorriso incerto para o seu rosto.

Tatearam por todo o caminho até a fundação da casa, feita de tijolos, e as laterais de ripas de madeira, tomando o cuidado de desviar de uma traseira de ar-condicionado no caminho, o que surpreendeu May de certa forma, já que ela nunca tinha pensado que alguém em Washington se preocuparia em ter aquilo em casa. Do canto do olho, ela viu Trick a observando. Ele tremia um pouco. May estendeu a mão para tocar o braço dele, fingindo que estava muito controlada e tentando mantê-los juntos, quando, na verdade, tudo o que ela queria era encostar em alguém para ganhar um pouco mais de confiança. A incerteza dele a fez se sentir menos bobinha e menos como uma traidora por também ter seus próprios medos, daquele mesmo jeito.

A cada vez que eles alcançavam uma janela, Libby ficava de costas contra a casa e se esgueirava até conseguir olhar lá dentro em um ângulo seguro. As cortinas estavam todas fechadas, mas nem assim ofereciam uma cobertura

perfeita, e, na janela da cozinha, eram altas demais e muito transparentes.

Libby se agachou ao lado delas. “Tenho quase certeza de que ele não está em casa.”

“E aí, como a gente entra?”, May perguntou.

“Tá vendo aquela próxima janela ali? O trinco está quebrado. Uma vez, pensei em fugir por ali, mas acabou não dando certo. Aposto que ele nem sabe que está quebrado. Aposto que nunca consertou.”

“E ela é grande o suficiente pra gente atravessar?”

“Claro que é”, Libby respondeu, olhando Trick de cima a baixo. “Mesmo ele não é muito maior do que nós.”

“Obrigado”, Trick disse.

“Foi só uma observação, não um insulto. E o Gra é bem alto mesmo, mas é magrinho o suficiente pra escorregar lá pra dentro. Eu vou primeiro, me asseguro de que a área está limpa e depois vocês podem vir atrás.”

“E o que a gente está procurando?”, May perguntou. “Os servidores, eu sei, mas acho que nem sei bem como é a cara de um servidor.”

“Mas eu sei”, Gralha disse, “então você não precisa se preocupar com isso”. E aí emendou: “É só um monte de coisas de computador empilhadas. Se, por algum motivo, eu não conseguir encontrar e você achar uma sala cheia de máquinas com luzinhas piscando, você me avisa e eu dou um jeito de chegar lá. Mesmo se os caras não o pegarem por nada, mesmo que ele escape pela rede desta vez, ele nunca vai saber que eu tive acesso aos dados dele. Não vou disparar alarme nenhum deixando meu IP feito o pequeno Einstein aqui.”

“Eeeii...?”, Trick reclamou.

“Vocês dois parem com isso, estão ouvindo?” Libby esticou a mão, achou o parapeito e deu uma empurradinha de leve na moldura da janela. Ela rangeu e pareceu abrir, mas ficou firme.

“Trick, empresta seu canivete pra ela”, May disse.

“Ferramenta multifuncional”, ele resmungou, mas obedeceu, e Libby pôs mãos à obra com a ponta de chave de fenda. Em vinte segundos, a janela cedeu com um breve estalo. Soou como um fogo de artifício em meio à noite que se fazia tão tranquila. Todos ficaram quietos, esperando que o momento de ansiedade passasse. Quando passou, Libby empurrou a janela de vez. Ela se abriu totalmente, meio torta, uma vez que os velhos vidros e a velha moldura estavam inchados pela maresia. Quando May observou de perto, percebeu que a janela tinha sido quase selada pela tinta com que pintaram a parede. Com ou sem trinco, então, foi quase um milagre terem conseguido abrir.

Libby devolveu a ferramenta multiuso para May, que a enfiou no bolso sem nem pensar. Gralha tomou impulso na janela com as duas mãos, e com apenas um pulo foi parar lá dentro, escorregadio como uma cobra. Passou os cinco a dez segundos seguintes investigando, então pôs a cabeça para fora e avisou: “Não estou ouvindo nada aqui. Venham”.

Passou a mão pela janela e Libby a pegou. Ela já estava fazendo força no peitoril quando May se abaixou em um joelho e se ofereceu como degrau. Libby aceitou o auxílio e, com a ajuda de Gralha lá dentro, pulou de ponta para o interior da casa.

Lá, ela disse: “Tudo bem comigo, Gra. Vai procurar”. E então se virou e avisou a amiga: “Muito bem, May, é a sua vez”.

Trick deu seu apoio. “Vai fundo. Estou logo atrás.”

May se esgueirou pela janela e deixou que Libby a pegasse do outro lado. Estavam dentro de um lavabo bem à moda antiga, com azulejos brancos parecidos com os do metrô e o chão com uma padronagem xadrez bem pequena. Trinta segundos depois, Trick se juntava a eles.

Libby pôs a mão no ombro de May e outra no de Trick. “Fiquem longe das janelas ou então se abaixem quando forem passar por elas. Também não acendam nenhuma luz que não precisar. Ele tem como notar tudo isso lá da rua.”

Trick tremeu. “Pelo visto, você já andou pensando bastante nisso...”

“Eu tive muito tempo pra pensar”, ela disse, olhando para os dois lados na sala à frente. “Trick, você chama a polícia. Diz pra eles que estamos no número 3502 da rua Willow Heights. Eu estou indo lá pra cima pra ver se tem alguma coisa útil no quarto dele, talvez até mais servidores ou HDs ou alguma coisa assim. Depois vou descer a escada e ficar aqui junto com vocês, e a gente vai vasculhar o andar de baixo. O Gra provavelmente já vai ter achado os servidores até lá.”

“Entendido”, May e Trick disseram.

Libby saiu do banheiro e foi até o outro lado da sala, subindo os degraus em seguida, rapidamente. May e Trick hesitaram por um momento atrás dela, ao que Trick começou a ligar e May começou a andar.

Acabou indo parar na sala de estar; não que soubesse bem o que estava fazendo ali. Será que ela deveria procurar servidores? Ou evidência do sequestro de Libby? Será que ela saberia reconhecer alguma dessas coisas quando se deparasse com elas?

Ficou parada no centro da sala e então se lembrou de que deveria ficar bem longe das janelas, e, ali onde estava, apenas um par de longas cortinas a

separavam da vista da entrada da casa. Ela se abaixou e começou a procurar em uma gaveta de um móvel, que por acaso tinha o controle remoto de uma TV e algumas revistas velhas, mas nada de interesse.

Tudo aquilo parecia muito invasivo e esquisito para ela. Não gostava de ficar bisbilhotando as coisas de outras pessoas, mesmo que a tal outra pessoa em questão fosse um assassino assustador. A vida inteira, ela tinha sido ensinada a respeitar as coisas dos outros... ou mais ou menos isso... e aquilo era o exato oposto do que ela acreditava.

Libby estava correndo para lá e para cá no andar de cima, e Trick tinha terminado sua ligação para a polícia; ele agora estava na cozinha; sim, estava na cozinha, ela tinha certeza. Ouviu uma gaveta abrir e os talheres batendo lá dentro.

Nos fundos, pôde ouvir Gralha tentando abrir portas por bem e por mal.

Determinada a ser mais do que um peso morto naquela invasão de domicílio, deu uma olhada na outra gaveta do móvel, mas não tinha nada lá a não ser gruminhos de poeira. Em seguida, a estante de livros. Puxou grandes quantidades de livros, colocou-os de lado e só achou mais poeira com o bônus de pelo menos uma aranha de bom tamanho. É, invadir a casa de alguém definitivamente não era tudo o que se prometia.

Libby desceu as escadas desabalada. Ela e May quase trombaram com Gralha no patamar.

“Achou alguma coisa?”, May perguntou a ele. Trick subiu ao encontro dos três.

“Só caixas velhas e livros. Libby, onde é o porão?”

“Por ali”, ela disse, apontando para uma porta que parecia bem firme e ficava bem no meio da cozinha.

Lá de fora, ouviram um leve ronco de motor. Um fecho fino de luz passou pela beirada da cortina e correu pela sala.

Eles se entreolharam com os olhos arregalados, todos prontos para entrar em pânico, mas ainda sem chegar lá. “Está cedo demais pra ser a polícia”, May disse.

“E não tem sirenes”, Gralha emendou.

“Pra fora!”, Libby sussurrou, as duas palavras carregadas de três anos de terror.

Se Libby queria sumir dali, então não tinha discussão, eles estavam de saída. As duas meninas tropeçaram uma na outra com Trick logo atrás, e todos se juntaram tentando chegar ao pé da escada.

Gralha ficou para trás. Libby parou ao perceber que ele não tinha se mexido. “Gralha, vamos com isso!”, implorou enquanto May e Trick corriam de volta para o banheiro, para que pudessem escapar por aquela porcaria de janelinha.

As luzes ficaram mais fortes em volta das cortinas. Eram faróis. Estavam virando na entrada da garagem da casa, que ficava ao lado. Bem perto da janela do lavabo.

Trick percebeu do que se tratava ao mesmo tempo em que May. Ambos se olharam com expressões semelhantes de horror, se perguntando o que deveriam fazer agora que sua rota de fuga parecia comprometida. Gralha disse baixo, porém de forma bem firme: “Por aí não. Pela escada, pro porão!”.

“Mas a gente vai ficar preso lá embaixo”, Trick argumentou.

May apertou o braço dele, talvez com força o bastante para machucá-lo embaixo do casaco. “Deve ter outra porta lá, uma que dê pra fora ou algo assim. E a polícia vai chegar aqui logo, não vai? Você já chamou tem o quê? Uns dois ou três minutos? Esta ilha não é tão grande assim. A gente não vai ter que se esconder por muito tempo.”

“Tudo bem. Pra escada!” Ele se desvencilhou do aperto.

“E rápido.” Gralha foi apressando todos pelo corredor em direção à porta fechada que Libby tinha indicado. Ele a abriu e empurrou todo mundo lá para dentro, para o meio do lugar mais escuro que eles tinham visto até então: subterrâneo e com nada além de algumas janelas estreitas que mal deixavam entrar luz. Se havia uma correntinha de acender a lâmpada, não se atreviam a puxá-la. Não enquanto o carro estava parando lá fora e eles podiam ouvir o ruído do freio de mão, e a porta se abrindo e depois batendo com um barulho um pouco tranquilo demais para uma batida de porta.

Passos em passadas longas se fizeram ouvir em volta da casa até a porta da frente.

Uma chave soou na fechadura.

Lá embaixo, eles chegaram a um piso de concreto que fazia ecoar cada passo de uma parede à outra no espaço praticamente vazio. Mas também era possível ouvir o zumbido de uma dúzia de servidores altos que se erguiam como sentinelas no quarto frio e escuro. Gralha pegou seu celular e usou a tela para iluminar as torres. As máquinas não eram exatamente os obeliscos que pareciam à primeira vista; ficavam empilhadas umas em cima das outras em doze prateleiras de metal, observando o mundo do alto como um cemitério de velhas CPUs, a não ser pelo fato de que aquelas ali tremiam e encostavam umas nas outras. Pontos de luz piscavam aqui e ali.

“Configuração retrô”, Trick disse bem baixo.

Gralha concordou e abriu o aplicativo de lanterna do celular. “Bem à moda antiga, mas é eficiente.”

Então, todos mal ouviram – mas perceberam nitidamente – a fechadura da porta da frente se destrancar e a maçaneta girando. Ninguém se moveu, a não ser o Gralha, que puxou um pendrive do bolso e começou a verificar as prateleiras de metal em busca da interface desejada. May deu uma olhada geral no porão. Não havia porta de saída.

Ela se perguntou que reação teria o Homem Agulha ao saber que alguém tinha invadido seu covil. Gavetas estavam abertas para todo lado e portas que deveriam estar fechadas e trancadas não estavam mais. Pelo menos uma janela estava completamente escancarada. Ela fechou os olhos e ficou de ouvidos atentos. Por trinta segundos, depois mais quinze, não ouviu nada.

Então, Ken começou a andar pelo primeiro andar, devagar e com muito cuidado. Seus pés eram silenciosos como os de um gato, mas a pressão nas tábuas acima acusava sua presença. Os quatro fugitivos em seu porão podiam rastrear seu percurso tão claramente quanto se pudessem vê-lo.

May procurou por Libby em meio à escuridão. Seus olhos estavam se ajustando à falta de luz e ela agora podia ver o rosto da amiga: seus olhos estavam bem grandes e brilhantes de umidade, e a boca aberta de medo. “Gralha?”, ela sussurrou. “Como está indo aí?”

“Achei”, ele disse em resposta, mas May não sabia bem o que ele queria dizer com aquilo. Pelo barulho, parecia que ele estava mexendo em um teclado de teclas bem suaves. Seu corpo tapava a maior parte do brilho da pequena tela à sua frente.

“De quanto tempo você precisa?”, May quis saber.

Gralha respondeu “Só mais um minuto... Estou tentando achar os exames de sangue de Libby e mais qualquer coisa.”

“Só... corre com isso, por favor?”, Libby disse com tanta calma quanto conseguiu reunir. “Quero sair logo daqui.”

May balançou a cabeça. “Talvez ele vá lá pra cima e aí a gente possa sair correndo. Vamos esperar até que a gente tenha tempo suficiente pra fazer isso.”

“Onde está a polícia?”, Trick perguntou em voz alta. “Já foram mais de cinco minutos.”

“Shhh!”, Gralha avisou.

May pensou que ia explodir. Podia praticamente sentir o peso da casa acima dela, e cada passo que o Homem Agulha dava reverberava pelo porão todo como

se fosse um batimento cardíaco. “Nós temos que dar um jeito de sair daqui!”, Libby disse com uma voz estranha, meio gutural.

“Ele não sabe que nós ainda estamos aqui”, Trick disse. “Ele vai lá pra cima daqui a pouco.”

Justo quando ele disse isso, o timbre dos passos mudou; e aumentou. Passaram de uma caminhada contínua para uma subida, e May foi contando as passadas sem querer.

“Tá vendo?”, Trick disse. “Agora, tudo o que a gente tem de fazer é escapulir pela porta da frente ou então por aquela mesma janelinha do banheiro. Vamos ficar preparados pra correr. Gralha? Como que está aí?”

Após uma breve pausa, ele respondeu: “Terminei”. May ouviu o suave clique do pendrive sendo removido.

“Não vai dar pra gente correr de verdade”, Libby murmurou, indo atrás dos dois. “É até uma boa ideia, mas só tem uns dois jeitos de sair... e a porta da frente pode estar trancada dos dois lados. Ela sempre estava trancada por dentro e por fora. Talvez se a gente usar algum tipo de distração...?”

“Eu faço isso. Sou boa pra distrair”, May se ofereceu. Nem podia acreditar nas palavras conforme elas iam saindo da boca, mas se deixou levar assim mesmo. Virou-se para Libby e tentou manter o sorriso no lugar enquanto dizia: “Por que a princesa tem que viver todas as aventuras? É a minha vez de ser a heroína. Eu vou para a porta da frente e faço barulho. Vocês vão para o lavabo, e aí a gente se encontra naquela entrada do bairro, do lado da placa grande na pedra”.

“Grande. É uma ótima ideia”, Trick disse. “Mas eu vou com você. Nós três tentando passar por aquela janelinha ao mesmo tempo não vai dar jeito. E duas pessoas causam o dobro de distração, não é? Então vou ajudar.”

May olhou para Trick e perguntou: “Tem certeza?”.

“Positivo”, ele disse. Deu um tapinha amigável no braço dela e começou a subir as escadas, parando no patamar que ficava no topo.

May foi atrás dele e Libby seguiu logo atrás, com Gralha por último. Trick encostou o ouvido na porta. “Eu acho que ele está mesmo lá em cima”, ele disse, mas sem passar muita confiança.

Libby passou por Trick e pegou a maçaneta com vontade. “No três”, disse. “Fiquem abaixados e em silêncio. May, você e Trick corram pra caramba.” Ambos concordaram.

“Um... dois... três!”

Ela abriu a porta de forma controlada, mas bem rápida.

Não tinha tanto caminho assim para eles correrem. Era apenas atravessar a copa e a sala de estar e chegar na porta, que ainda estava aberta, graças a Deus. May e Trick se encolheram e foram rapidinho para fora, fechando a porta atrás deles com muito cuidado, sem fazer sequer um barulhinho que os entregasse.

Alcançaram a varanda, desceram os degraus e chegaram ao canteiro na entrada, onde ficaram parados e em silêncio, olhando as janelas. No andar de cima, onde deveria ficar um dos quartos, viram passar a silhueta de um homem por uma cortina.

May estremeceu. Trick também. Olhou para ela e perguntou “E aí...?”.

“Hã...” Ela olhou em volta na entrada da casa e não viu nada que parecesse bom o bastante para chamar a atenção. Só tinha uns poucos arbustos, o passeio de cimento e um cocho com flores feito de tijolinho vermelho. Isso deu a ela uma ideia. “Quando você ligou pra polícia, deu queixa de uma invasão, não foi?”

“Foi.” Ele olhou para o relógio. “Foi quase sete minutos atrás. Talvez eles tenham pensado que era trote.”

“Ou talvez eles só sejam lentos demais mesmo e precisem de uma motivação.” Ela foi até onde estavam as flores e puxou um dos tijolos até que ele se soltasse do chão.

“O que você...? Ah...”

“Chega pra trás.” Ela flexionou o braço e lançou o tijolo bem na janela da frente. O vidro se estilhaçou todo, o bloco passou pela cortina e caiu dentro da sala com um estampido.

“Ei, Ken!”, May gritou. Ficou chocada pelo volume de sua própria voz contra a quietude maçante da rua de bairro. Ela queria chorar, queria se virar e correr, mas não podia fazer isso, não até que conseguisse roubar alguns segundos valiosos do Homem Agulha. Não até que Libby tivesse bastante tempo. Então, da segunda vez ela gritou tão alto quanto conseguiu: “Eu sou a Princess X!”

Porque ela era mesmo, ou quase. Era um projeto metade dela desde o começo: a princesa, afinal, tinha uma espada, e não uma varinha de condão. E tinha sido ela a embarcar em uma jornada na vida real e encontrado a criança cinzenta, e era ela que estava tentando restabelecer o reinado da princesa.

Mas May não estava carregando uma espada, apenas uma ferramenta multifuncional.

E o Homem Agulha estava vindo.

Kenneth Mullins desceu as escadas desabalado e correu pela sala. Estava gritando também, uma mesma palavra repetidas vezes, e soava como “Christina”.

“Trick!”, May disse tão alto quanto se atrevia, a mão estendida e os dedos se mexendo na direção dele.

Ele agarrou a mão dela. “Você está bem?”

“Estou!”, ela respondeu eufórica.

A porta da frente abriu de uma vez e Ken se postou na soleira. Ela pôde vê-lo ao olhar por cima do ombro, uma figura com a luz vindo por detrás; ele era um homem magro, alto e anguloso.

E segurava uma arma.

Seus olhos correram pelo canteiro da frente. May deu um grito e Trick engasgou quando ele os viu. Ele levantou a arma na direção dos dois e tudo correu muito lentamente; um momento que durou como se não fosse acabar.

Longe. Ela precisava atraí-lo para longe.

Puxou Trick pelo pulso, não em direção à própria casa e à janela do banheiro, mas no caminho oposto, rumo a um lote vago que ficava ao lado, repleto de árvores que poderiam escondê-los ou pelo menos levar Ken para longe de Libby.

O primeiro tiro foi o som mais alto que ela já ouvira na vida. O segundo som mais alto veio só um momento depois, quase simultaneamente, quando um tronco de pinheiro atrás deles se partiu em mil pedaços. Ela sentiu farpas voando ao seu lado, se grudando em seu cabelo e arranhando seu pescoço.

Ken os viu. Estava indo atrás deles. E isso era bom, porque significava que não estava atrás de Libby. Não era? Bom, agora ela já não tinha mais tanta certeza.

Trick a pegou pelo braço e a puxou com força, levando-a em um ziguezague logo quando outro tiro veio, e então um terceiro. May não sabia onde as outras duas balas tinham ido parar. Mal podia ouvir qualquer coisa àquelas alturas, apenas a reverberação persistente das balas zunindo no fundo de sua cabeça.

As árvores eram mais grossas do que ela tinha achado que eram quando eles começaram a correr para lá. Ela trombou com os ombros, cotovelos e joelhos em tocos e troncos baixos de árvores altas. Por fim, quando sentiu que eles já estavam longe o bastante para se esconder, se jogou no chão. Trick fez o mesmo ao lado dela.

Eles não estavam a mais do que 50 metros da casa, mas parecia quilômetros. Ainda podiam avistá-la, sim. Mas não viam nem traço de Libby ou Gralha, e isso era provavelmente um bom sinal.

Exceto pelo fato de que Ken ouviu alguma coisa vindo de dentro de casa.

Ele se virou e voltou para dentro, ainda carregando sua arma. Nem mesmo fechou a porta da frente.

O celular de May vibrou no bolso de trás. O celular de Trick já estava na mão dele. “É o Gralha”, ele disse. “Ele deve ter conseguido escapar. Está dizendo pra gente ir pra rua principal que ele vai nos pegar lá.”

“Pegar como?”

“Ele não diz, mas vamos logo!”

Então, um grito veio de dentro da casa, seguido por mais um disparo.

“Libby ainda está lá dentro!”, May se alarmou.

E sua audição estava voltando, pois era claro como o dia que o que ela tinha ouvido era a voz de sua amiga vindo da sala de estar. “Deixa eles em paz!”

Sirenes soavam à distância, mas era difícil ficar aliviado com elas. Trick estava segurando firme o braço de May. “A polícia está chegando. Fica aqui que é mais seguro.”

“Não!” May ficou de pé e ensaiou alguns passos de volta à casa. “Vai você! Continua indo pra lá e encontra o Gralha. Não posso deixar ela pra trás. Não de novo!”

Era tarde demais. Ela já estava no gramado em frente da casa com a porta da frente bem aberta a poucos passos dali. Sua pulsação estava forte nos ouvidos e seus pés já estavam marchando nas tábuas da escadinha da varanda, e em seguida no piso da entrada. À distância, as sirenes pareciam cada vez menos distantes. Ela rezou para que elas estivessem chegando logo.

May gritou: “Libby!”.

Segurou o fôlego apenas por um segundo, tempo suficiente para ouvir que sua amiga e Ken estavam mais para o fundo da casa, perto daquela porta que dava para o porão. Era talvez um dos quartos que o Gralha tinha aberto antes.

“Libby! Estou indo!”, gritou de novo.

E lá do quarto do fundo, veio: “May! Sai já daqui!”.

Mas May não saiu. Via uma luz daquele quarto ao fundo. A sombra do Homem Agulha se estendia pelo corredor, seus braços e pernas tão longos e finos quanto agulhas hipodérmicas, e ele ainda segurava a arma. Estava apontada para Libby, que estava agachada no chão do quarto com os olhos fechados e a respiração pesada.

May ficou congelada ao lado da parede, e alguma coisa volumosa parecia pressionar sua perna. Ela tateou os bolsos. Era a ferramenta de Trick. Ela a puxou do bolso e estendeu a maior lâmina, e começou a andar bem lentamente na direção do Homem Agulha.

Suas passadas eram silenciosas, mas o piso de madeira por baixo rangia, e ela conseguia ouvir a si mesma respirando fundo, o ar entrando e saindo de seus

pulmões. Era alto demais, rápido demais. Nunca daria certo. Ela era uma péssima mentirosa e uma ninja ainda pior. Mas tudo o que ela tinha de fazer era distraí-lo tempo o suficiente para que a princesa escapasse.

“May, sai daqui!”, Libby berrou.

Era tarde demais. Ela já estava atrás dele. Se ele desse uma olhadela por cima do ombro, conseguiria vê-la.

Pois olhou. E viu.

Ela avançou nele de lado – ele se virou naquele meio segundo – e o atingiu no cotovelo. Ele a empurrou para longe, jogando-a de volta no corredor. Mas May não se machucou, estava apenas assustada e com muita raiva. Assim, quando ele fez menção de se recompor, ela investiu mais uma vez com a lâmina na mão. Desta vez, conseguiu derrubá-lo para trás e bem mais longe dentro do quarto. Na verdade, ele quase caiu em cima de Libby, que estava encolhida junto à parede.

Libby ficou em pé. Armou um belo chute com suas botas de trilha como se fosse um bastão e castigou o quadril de Ken, suas costelas e seu braço. Ele não deixou a arma cair, mas desabou sobre um joelho, rodou e mirou novamente a pistola; desta vez, apontando para May, cujo coração quase parou mesmo sem a ajuda de uma bala. Ele girou de novo e apontou para Libby ao tentar se levantar, se apoiando contra a única janela do quarto.

“Você!”, ele disse para May, ainda apontando a arma para Libby.

Ele poderia ter dito mais, mas alguma coisa se moveu na janela atrás dele. Um bloco de cimento veio voando pelo vidro, acertando Ken bem no meio das costas, entre as escápulas, e então caindo no chão. A força do impacto o jogou em cima de May e a arma mirou sem direção enquanto ele tentava restabelecer seu equilíbrio; para o teto, as paredes, as meninas, a janela atrás dele. Ele conseguiu se estabilizar e girou de novo, deslizando sobre os cacos de vidro no chão, ao que May investiu mais uma vez com a ferramenta em punho.

Não era uma espada. Mal era uma faquinha de bolso. Mas a lâmina se enfiou fundo no braço de Ken.

Ele deu um grito e finalmente largou a pistola, mas o mundo inteiro parecia estar coberto de vidro quebrado e, por algum motivo, a mão dela sangrava. Ken a jogou de lado como se fosse um casaco pesado, e ela trombou de cara com o batente da porta. Ela pôde inclusive ouvir o estalo de algo se partindo, mas seria seu crânio ou a madeira? Ela não sabia, mas foi o terceiro som mais alto que ela já ouvira, e May acabou largando a ferramenta ao ver estrelas pela primeira vez na vida. Estrelas de verdade, não aquelas de desenho animado. Era mais como

fagulhas piscantes de fogos de artifício caindo em direção à terra cheios de luzes e cinzas fumegantes.

A arma disparou. Quem a estava empunhando? Ken a tinha largado, não tinha? Talvez ninguém estivesse de posse dela e ela simplesmente tenha disparado ao cair. Ela não conseguia ver. Gritos vinham lá de fora, e as luzes vermelhas e azuis se juntavam ao brilho prateado das estrelas nos olhos de May.

Ela rodopiou, procurando pela ferramenta no chão. Ken estava quase tão desorientado quanto ela, e Libby estava se aproximando meio de costas e depois virando de lado, como um caranguejo, tentando passar por Ken e chegar até May.

Mas ela também viu o bloco de cimento no chão e, enquanto o Homem Agulha estivesse em pé, ela não teria terminado seu trabalho com ele. O bloco era tão pesado que ela nem tinha certeza se podia carregá-lo, a não ser pelo fato de que já o tinha erguido e estava agora cambaleando para frente e para trás, fazendo um arco no ar, de um jeito que, assim que ela deu uma virada mais rápida e o balançou com vontade, acertou-o bem nas costelas, ao que ele tombou tossindo muito.

O bloco escapou das mãos de May, deixando-as em carne viva com o atrito. Ela caiu de joelhos. Mas Libby estava lá. Libby a tinha pegado.

“Levanta!”, Libby balbuciou, e então passou o corpo em frente ao peito de May, levantando-a e levando-a para o corredor. Ela puxou e arrastou a amiga adiante enquanto May lutava para ficar de pé e fazer as pernas funcionarem de novo.

Mas ainda estava com dificuldade para enxergar direito e, por um momento meio ridículo, deu uma risada de alívio por não mais usar óculos. Já estava difícil o bastante enxergar em dobro com as lentes de contato, e videntes que adivinhavam o futuro não tinham utilidade nenhuma quando não conseguiam ver nem os próprios pés. Mas agora ela já conseguia vê-los. Consequia colocar um ao lado do outro, um na frente do outro. Precisava de ajuda, mas a ajuda estava lá. Ela tinha o braço de Libby a mantendo erguida, e viu que Trick estava lá também.

“Vem, nós temos de sair daqui!”, ele disse, juntando seu próprio braço para apoiar May.

May cambaleava, mas Trick e Libby a mantinham de pé. Eles conseguiram sair pela porta da frente, os três trombando uns nos outros pela passagem estreita, mas ali estavam livres. Estavam fora da casa e descendo pela varanda, chegando de novo ao gramado onde ela tinha antes proclamado ser a Princess X.

E ela se perguntava se aquilo tinha tido algum significado para o Ken. Se perguntava se ele ao menos a teria ouvido, ou entendido o que ela tinha dito. Não havia mais qualquer barulho vindo de dentro da casa, nem tiros nem gritos.

Sentiu que ia desmaiar e estava quase pronta para parar de tentar ficar desperta, porque... estava tudo bem agora, não estava? Libby estava viva e Trick estava lá, havia carros de polícia e as luzes vermelhas e azuis e sirenes que soavam a apenas alguns quarteirões dali, se aproximando.

Havia um carro, e Libby arrastou May na direção dele. May não reconheceu o veículo, mas o Gralha estava no volante, e, quando a porta de trás se abriu, ela deixou que seus amigos a enfiassem lá para dentro. Libby se empilhou em cima dela e Trick correu na direção da porta do passageiro. Assim que todo mundo estava a salvo, Gralha engatou a marcha e os pneus cantaram quando eles sumiram pela rua afora.

A cabeça de May latejava e ela só conseguia ouvir as sirenes, e provavelmente ouviria sirenes pelo o resto da vida, e ela pensou que poderia ser coisa pior, porque elas estavam indo lá para ajudar. Deitou a cabeça no colo de Libby e olhou nos olhos dela, que a fitavam de volta com um ar bastante preocupado.

“Aguenta firme, May. Tem um pouco de sangue, mas não é nada muito ruim. Você vai ficar bem.”

Ela sorriu. “Eu já estou bem. Tudo está bem agora.”

Mas ela se sentia muito cansada. Muito além de cansada, na verdade. Então, sabendo que tudo estava bem e que Libby estava viva e que a polícia estava chegando para pegar o Homem Agulha... ela fechou os olhos e finalmente se deixou levar, desabando no sono.



VINTE E CINCO

As meninas se sentaram no meio-fio em frente ao prédio, brincando com gordos pedaços de giz. May encolheu os joelhos para junto do peito e os abraçou com força, enquanto Libby se inclinava para a frente tentando alcançar mais longe e fazer um desenho mais extenso. Usou a lateral da mão para misturar as cores vermelha e amarela, criando assim tonalidades mais refinadas para o vestido da Princess X. Ele ainda era rosa e tinha o mesmo ar teatral, mas, naquela nova versão, a princesa era mais velha e mais alta. Seu vestido tinha mais decote e um corte mais sofisticado. Ela parecia mais estar a caminho do Oscar do que do baile de formatura.

Mas ainda se parecia com Libby.

May ficou observando o autorretrato tomar forma, ocupando quase todo o chão da esquina. Não tomou parte em nada do desenho, porque aquela versão da Princess X não pertencia a ela. Era a história de Libby, e May não sabia desenhar porcaria nenhuma mesmo.

Seu olho roxo estava agora mais escuro e mais bem delineado, no terceiro dia depois de Ken Mullins ter sido capturado pela polícia. Ela tinha fraturado a órbita, dissera o médico. Ia ficar com um aspecto bem pior antes de melhorar, mas ficaria tudo bem no fim, ou assim ela foi levada a acreditar, porque ou aceitava isso ou então andaria por aí com a cara meio afundada pelo resto da vida.

“Esqueci de te dizer”, Libby falou, sem tirar os olhos da arte que se revelava no chão. “Liberaram o Gralha ontem à noite. Só o seguraram lá por uns dias, e ele pôde sair por sua causa. Você foi lá depor em favor dele, e, no fim, ele nunca machucou ninguém e a dona recuperou o carro dela. Ele nem o arranhou.”

“Eu não lembro muito da história.” Ela tinha acordado em uma maca, em um quarto tão iluminado que ela mal conseguia enxergar em volta. Se lembrava apenas de responder a muitas perguntas seguidas, e também de dizer alguma coisa sobre o Gralha. Ele é meu amigo, sim. Ele ajudou a nos salvar, sim. Não se atreva a encostar nele.

“Você também contou muita coisa a respeito do Ken, e por isso eles o indiciaram hoje de manhã. Sequestro, assassinato, cárcere privado... Eu não

entendo como sequestro e cárcere privado são coisas diferentes, mas deixa. O negócio é que eles o pegaram com um monte de alegações. Eu provavelmente vou ter que ir lá como testemunha quando ele for a julgamento.”

“É, acho que vai ter.”

“Vai ser um saco.” E Libby se calou.

“O que eu disse a eles sobre você?”, May perguntou, tentando fazer a amiga sorrir. Ela se lembrava de tentar explicar as coisas; algo sobre uma princesa, algo sobre sua melhor amiga no mundo todo, e agulhas e mãos mortas. Ela bem que tentou contar tudo o que havia, mas as luzes eram fortes demais e sua cabeça estava um pouquinho quebrada. Aí ela conseguiu fornecer o relato dos melhores momentos com reconstituições e barulhinhos, e eles devem ter pensado que aquilo era resultado da concussão.

Libby disse: “Não sei. Mas eles não me prenderam, então já é alguma coisa”.

“Eles não fariam isso.”

“Por que não?”, perguntou de volta, enfim levantando os olhos. “Eu invadi a casa de um cara. Pensei que ia demorar mais, sabe... Que eu fosse passar mais umas noites na cadeia antes de conseguir provar quem eu era. Ou antes que você conseguisse se recobrar e fosse depor pra me ajudar. Mas seu pai ajudou muito. Ele se lembrava de mim.”

“Claro que lembrava. Você só ficou fora três anos, não três décadas.”

“Você acha que ele se importa se eu ficar aqui? Seria só por uns dias...”

May deu um sorriso. “Se ele se importasse, eu nunca mais pararia de falar na cabeça dele. Mas acontece que ele é um cara bem legal. Bem mais legal do que eu pensava, aliás. Ele disse que você é muito bem-vinda pra ficar o tempo que quiser. E é por isso que eu estou começando a acreditar nele quando ele diz que só quer a minha felicidade.”

“Claro que ele só quer te ver feliz! Ele é seu pai, poxa!”

“É, mas só agora ele está deixando isso mais claro, sabe? Caramba, ele está até tentando ajudar o Trick porque ele é meu amigo, mas meu pai mal o conhece.”

“Ajudar ele como?”

“Como o Trick ajudou a resolver um sequestro e tudo mais”, ela dirigiu a Libby um sorriso bem largo, “a Universidade de Washington vai permitir que ele apele da decisão sobre a bolsa que ele perdeu. Pode ser que consiga de volta, mas ia precisar de atestados de boa conduta. Meu pai então se ofereceu pra conversar.”

“Falando no Trick, a gente provavelmente devia convidá-lo pra tomar um

chocolate com a gente agora de tarde pra ele não se sentir muito por fora.”

May deu de ombros. “Vou mandar uma mensagem pra ele e ver se está interessado. Ele é um bom amigo e é de ótima ajuda quando a gente tem que fugir de alguma ilha.”

“E ele não é nada burro”, Libby garantiu. “Isso também vale pra alguma coisa.”

“Eu nunca teria te achado sem ele.”

Libby pôs os toques finais na espada da princesa, chegando para a frente a fim de soprar o excesso de giz. Era um bom desenho, mais como um mural do que um rabisco na calçada. O tempo ia se encarregar de desfazê-lo, de modo que ele não ia durar até o fim da tarde. Mas tudo bem assim mesmo, May pensou. Haveria muito tempo para desenhar outro.

Libby se sentou direito e esfregou as mãos de giz no topo da calça. “May?”

“Sim?”

“Vai ficar tudo bem de novo, não vai?”

May fez que sim com a cabeça com muita convicção e disse: “Claro que vai. Já está tudo bem”.

“Só meio que está...”, Libby disse, com um traço de preocupação passando por seus olhos. “Quer dizer, eu sempre quis ir pro Japão... mas agora que eu vou mesmo... é, tipo... Eu nem falo japonês nem nada. E se minha avó não gostar de mim?”

“Ela vai adorar você, Libby. Vocês duas são praticamente ninjas.”

“Isso é tão racista”, Libby disse, jogando um pedacinho de giz na camiseta de May.

May deu risada. “Foi você que contou essa história...”

“Eu sei, eu sei. Tô brincando. Mas não sobre a coisa de ir pro Japão.”

“Mas vai ser só por uns dois meses, não é?”

Libby pegou outro pedaço de giz e o correu pelos dedos. “O plano é esse, mas a verdade é que eu não tenho mais nenhuma família aqui. Minha mãe e meu pai se foram. Minha mãe tinha uma irmã, mas eu nunca a conheci. Essa tal tia vai estar lá na casa da minha avó, e aí a gente vai ver se ela é legal ou não. Não sei como vai ser. Não sei como a gente vai fazer pra conversar ou mesmo se a gente vai gostar umas das outras...”

“Vai ser tudo ótimo”, May declarou. Francamente, por tudo o que ela sabia, cada dia que Libby estava viva de novo seria sempre ótimo até o final dos tempos. “Você vai poder conhecer a família da sua mãe e vai ser sempre muito bem vinda pra ficar comigo aqui, em qualquer lugar que eu estiver. Meu pai já

falou que, por ele, tudo bem. Se minha mãe criar caso, venho morar aqui com ele. Tá vendo? Tenho opções. Você também pode fazer o que quiser.”

“Mas aí é que está: eu nem sei o que quero fazer. Fiquei tanto tempo esperando pra ficar livre, e então fiquei mesmo. Depois passei um tempão tentando te achar e conseguir minha vida de volta. Então te achei e consegui voltar.”

“Bom, tecnicamente, eu é que te achei.”

“Ah, cala a boca”, Libby deu um grande sorriso. “Você entendeu. Mas digo... E agora?”

May parou para pensar um minuto. Pegou um pedacinho amarelo de giz e desenhou uma espiral na calçada. “Agora... todo o resto acontece... o resto da sua vida. Você vai terminar a escola e depois vai se matricular numa faculdade. Talvez vá querer ir pra UW, que é pra onde eu vou, e você vai querer uma colega de quarto que você tem certeza de que não vai te enlouquecer.”

O sorriso no rosto de Libby quase se desfez, mas não ainda. “Você sempre foi uma boa contadora de histórias.”

“E uma grande adivinhadora do futuro, lembra? Mas uma péssima mentirosa”, disse com sinceridade. “Então é melhor você aceitar o que tô te falando.”

“Então continua falando, que eu tô ouvindo...”

“Certo. O que acontece depois é o seguinte: nós duas arrumamos empregos em... alguma coisa, sei lá. Se a gente não ganhar dinheiro o suficiente pra morar fora do campus, provavelmente podemos só ficar aqui com o meu pai. Ele fica fora o tempo todo, mesmo. Eu vou me formar em Letras ou algo assim, e você em Belas Artes. A gente vai começar a produzir a Princess X juntas de novo, talvez colocar uns anúncios no site, talvez fazer um merchandising oficial pra vender.” May franziu o rosto de repente. “As pessoas por aí estão ganhando um bocado de grana com a princesa, e deveria ser a gente. Ou pelo menos você. É o seu material que eles estão copiando.”

“A maioria é só arte de fãs”, Libby contestou gentilmente. “Ninguém entra numa bolada de verdade. Quase todo mundo faz isso só por diversão mesmo.”

“Por diversão tudo bem. Mas vender adesivos e estampas e coisas assim... nada bem.”

“Talvez você deva ir pra escola de Direito. Aí, seria minha advogada.”

May fez uma cara pensativa e assentiu. “Isso ia ser legal. Eu escreveria umas peças épicas retirando coisas ilegais do ar. Juntas, a gente ia mandar e desmandar na internet!”

“Você pode ser minha cavaleira da vingança. Oooh!”, Libby disse, pegando o pedacinho amarelo da mão de May. “É disso que a Princess X precisa agora: de uma cavaleira vingadora.”

“Você acha?”

“Já decidi. A armadura é de ouro e você carregaria um machado de guerra todo preto.”

“Um machado preto? Por quê?”

“Porque todo mundo acha que preto é a cor mais legal. De que cor você quer seu cabelo?”

“Bom, agora que você falou, eu quero que ele seja preto”, May disse.

“Pois eu vou fazer de você uma ruiva. Às vezes você tem algumas mechas vermelhas no cabelo quando a luz do sol bate no ângulo certo.”

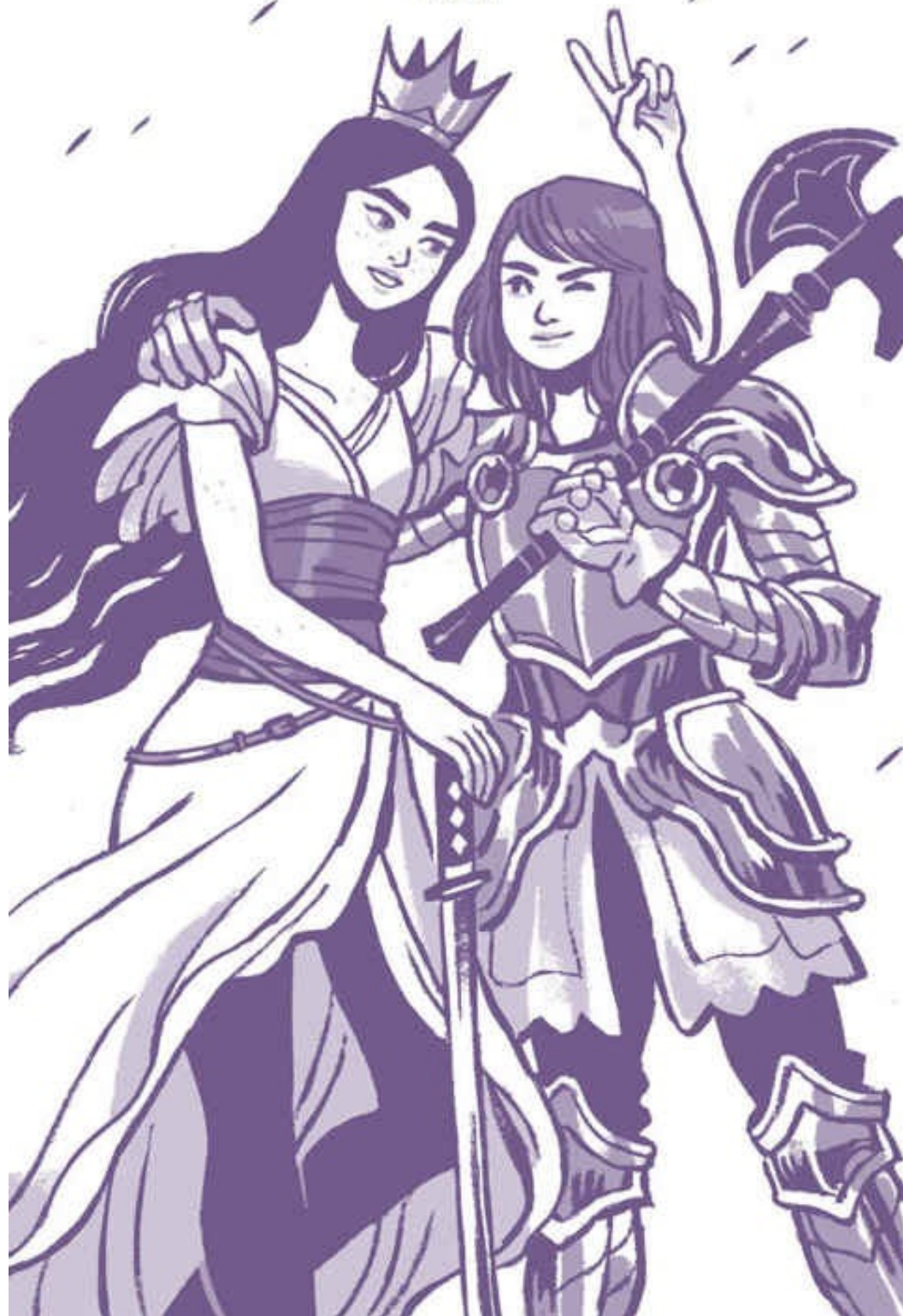
“Nós estamos em Seattle. Quando é que bate luz do sol em alguma coisa?”

“A farmácia é logo ali descendo a rua. A gente podia ir lá e comprar uma caixinha de tintura. Ia ser uma surpresa e tanto pro seu pai.”

“Você vai me forçar a fazer isso, não vai?”

Libby balançou a cabeça, mas não desfez o sorriso. “Não, May. Não vou te forçar a fazer nada, a não ser me ajudar a terminar a história.”

FIM





AGRADECIMENTOS

Esta é minha primeira incursão na literatura para jovens e foi, de modo geral, uma experiência excepcional. Não poderia tê-la concluído se não estivesse cercada de pessoas maravilhosas, a começar pelo meu marido Aric Annear, que sofreu demais comigo; minha agente, Jennifer Jackson; minha editora, Cheryl Klein; e a maravilhosa equipe de produção da Scholastic. Meus agradecimentos efusivos a todos eles por seu apoio, incentivo e também pelas chicotadas quando elas foram necessárias.

Copyright © 2015 Cherie Priest
Copyright das ilustrações © 2015 Kali Ciesemier
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: I am Princess X

Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc., 557 Broadway, New York, NY 10012, USA.

Este livro foi negociado pela Ute Körner Literary Agent, S.L.U., Barcelona – utalitag.com

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

editora responsável
Silvia Tocci Masini

assistentes editoriais
Carol Christo
Felipe Castilho

revisão
Cristiane Maruyama
Andresa Vidal Branco

capa
Carol Oliveira
(Sobre imagem de Suchota/Shutterstock)

diagramação

Carol Oliveira
Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Priest, Cherie

Ela está em todo lugar / Cherie Priest ; ilustrações Kali Ciesemier ; tradução Rodrigo Seabra. – 1. ed. – Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: I am Princess X.

ISBN 978-85-8235-325-7

1. Adolescentes - Ficção juvenil 2. Ficção juvenil I. Ciesemier, Kali. II. Título.

15-09241

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A **Gutenberg** é uma editora do **Grupo Autêntica**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 .
Cerqueira César .
01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br